NO SUPLEMENTO LITERÁRIO: «ENTREVISTA COM BEETHOVEN»

Diário de Lisboa

Edição da noite

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
QUINTA-FEIRA, 8 DE OUTUBRO DE 1970 N.º 17 169 ANO 50.º PREÇO 1$50

Tecidos de Malha
CARLENE
Um produto da:
CARPÉLIO Malhas, s.a.r.l. - Trofa

A POLÍCIA DO CENTRO DE LONDRES ficou perplexa. Dezenas de raparigas surgiram nos postos de Polícia mostrando as meias que, como que por encanto, se tinham desintegrado. «Foi fantástico. Uma estranha aragem, e pronto, todas as mais pareciam derreter-se» — comentou uma testemunha. Hipóteses já se formaram muitas, mas ao certo ninguém sabe o que causou este pequeno desastre. Julga-se, no entanto, que tudo se deve a qualquer emanação de gás.

A S. E. I. T. DISTINGUE ESCRITORES E ARTISTAS

Prémios oficiais atribuídos a não-concorrentes

A poetisa Fernanda de Castro e a romancista Graça Pina de Morais, não concorrentes, foram distinguidas pela Secretaria de Estado da Informação e Turismo respectivamente com os prémios Nacionais de Poesia e Novelística de 1969. Tal facto sucedeu pela primeira vez, mas estava previsto na letra do regulamento. Entretanto o Grande Prémio Nacional de Literatura (bienal) não foi atribuido.

Estes prémios oficiais — literários, de teatro declamado profissional e de cinema — vieram hoje a luz do dia, no decorrer de um almoço efectuado no Palácio Foz. Na mesma ocasião o dr. Moreira Baptista proferiu um discurso de improviso.

A relação dos distinguidos na parte literária é a seguinte:

— Prémio Nacional de Poesia (30 000$00: Fernanda de Castro, por maioria, como «homenagem aos seus cinquenta anos de criação poética» e para sublinhar a pu-

(Continua na ultima página)

ARRASTÕES ESPANHÓIS ESTÃO A POLUIR A PRAIA DE MONTE GORDO

MONTE GORDO, 8 — Arrastões espanhóis, actuando junto ou dentro da zona de resguardo desta praia, demarcada por bóias, estão a destruir toda a fauna piscícola e marisqueira da grande baía de Monte Gordo. Paralelamente a isto, os seus frequentes lançamentos de depósitos de restos de combustíveis e detritos de toda a ordem vão contribuindo para a lenta poluição do areal, que já acusa efeitos dessa prática.

O alarme vem expresso na primeira página do *Jornal do Algarve*, de 3 do corrente, sob o título «A persistente actividade dos arrastões espanhóis a escassos metros da zona de banhos de Monte Gordo está a provocar a poluição das areias da bela praia».

Segundo o nosso prezado colega de Vila Real de Santo António, a curta distância a que se encontram das aguas espanholas permite aos mestres dos arrastões uma rápida fuga quando pressentem que se aproxima qualquer barco de fiscalização.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS — (Ler na pág. 2)

HANÓI E O VIETCONG ATACARAM AS PROPOSTAS DE NIXON

PARIS, 8 — (R.) — O Vietnam do Norte e o Vietcong atacaram hoje as novas propostas de paz apresentadas pelo presidente Nixon, acusando-as de constituirem uma tentativa para legalizar a agressão americana ao Vietnam e enganar a opinião pública.

As delegações à conferência de Paris reuniram-se para a sessão semanal número 87, cerca de nove horas depois do presidente Nixon ter apresentado o seu plano de paz na televisão.

Apesar da rápida reacção negativa de Hanói e do Vietcong, os observadores sublinharam que nem

(Continua na 19.ª página)

HOJE 32 PÁGS. — VISADO PELA CENSURA

LIVROS ESCOLARES VENDIDOS SOB «CONTRÔLE» DA POLÍCIA

— Dois guardas da P. S. P. encontravam-se, esta manhã, à porta duma livraria, na Rua da Madalena, com a seguinte missão: só deixar permanecer, na sala onde se vendem livros escolares, um pequeno número de pessoas. Cá fora, muitas outras, aguardavam, resignadamente, que o «sr. guarda» deixasse entrar...

(Ler na última página)

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

Chove há 24 horas (consecutivamente) em Génova

O A inundação atinge proporções dramáticas

GÉNOVA, 8. — (F. F.) — Ruas invadidas por torrentes de lama praias juncadas de automóveis e pelos objectos mais diversos arrastados pelas águas como se fossem palhinhas — tal é o espectáculo que oferecem os bairros periféricos de Génova onde caem, praticamente sem interrupção há 24 horas, chuvadas violentíssimas.

Até agora foram contados 16 mortos, mas, segundo as autoridades, este balanço é provisório.

A inquietação é ainda mais viva em virtude dos carabineiros polícias e bombeiros ainda não terem conseguido chegar às localidades isoladas pelas inundações. Além disso a chuva impede a descolagem de helicópteros que poderiam sobrevoar as zonas sinistradas.

Por outro lado, encontram-se cortadas muitas estradas entre o centro de Génova e os arredores onde o rio Polcevera regista uma violenta cheia.

Ligação rodoviária Luanda--Lourenço Marques

SÁ DA BANDEIRA, 8 — (L.) — No posto fronteiriço de Santa Clara, a 1700 km de Luanda e junto do Sudoeste Africano, o ministro do Ultramar, prof. Silva Cunha, aguardado pelo povo da região e por numerosos cidadãos do Sudoeste Africano, que quiseram associar-se a um empreendimento que também lhes diz respeito, inaugurou o troço entre Sá da Bandeira e Santa Clara, da Estrada nacional n.º 2, do conjunto rodoviário que ligará Luanda a Lourenço Marques, atravessando os territórios do Sudoeste Africano e da África do Sul.

RENATO VAI FICAR EM ANGOLA

LUANDA, 8 — (A. N. I.) — O actor Paulo Renato prorrogou o seu contrato com a Companhia Teatral de Angola, não tendo por isso fundamento os boatos que davam como certo o seu regresso à Metrópole em Dezembro próximo.

Entretanto, a Companhia Teatral de Angola, que desistiu de representar a peça «As mãos de Abraão Zacut», de Stau Monteiro, por ela estar incluída no repertório de uma companhia metropolitana que brevemente visitará o território, está a preparar um outro espectáculo.

ANUNCIOU O FIM DO MUNDO E VAI SER JULGADO

COGNE, 8 — (F. P.) — «O fim do mundo começará dentro de três meses» — afirma Giorgio Sangorgio, de 50 anos, que abandonou a medicina para viver como eremita.

«Sou um dos dois profetas do Apocalipse». E acrescenta: «O início do cataclismo coincide com a profecia de Daniel, capítulo 8, versículo 14, do Antigo Testamento. Os predestinados que poderão sobreviver começarão a juntar-se aqui, em Cogne, dentro de três meses. Depois encontrar-me-ei com o outro profeta do Apocalipse e começaremos a pregação. Haverá um longo período sem chuva, e, após vários tremores de terra e desastres de toda a espécie, durante 6 anos, irão desaparecendo continentes e ilhas. Só uma pequena parte da Humanidade poderá salvar-se».

Actualmente, o profeta vai ser julgado por «difusão de notícias falsas e tendenciosas que perturbam os cidadãos».

O JULGAMENTO DO CASO DA HERANÇA SOMMER

Com a 32.ª audiência, presidida pelo sr. corregedor Bernardino de Sousa, prosseguiu o julgamento do caso da herança Sommer.

O representante da acusação pública, dr. Antero Monteiro Dinis, escalonou as instâncias que se propunha fazer à sr.ª D. Maria Ana Champalimaud Jardim, irmã dos srs. Carlos Henrique e António Champalimaud.

A depoente manifestou espírito compreensivo, ante o desejo expresso pelo interrogante de que respondesse concretamente, sem longas exposições.

À primeira instância, disse a sr D. Maria Ana Champalimaud:

— *Tinha, à data da morte de meu pai e do meu tio Henrique, respectivamente, oito e quinze anos. Após o falecimento de ambos, quem passou a administrar os meus bens havidos pelas respectivas heranças foi o meu irmão António. Essa posição foi bem aceite por todos, minha mãe, minhas tias e meus tios, os quais, unânimemente, lhe reconheceram especiais dotes administrativos, apesar da sua juventude.*

E esclareceu:

— *Essa administração dos meus bens por parte do António teve início após a minha emancipação, ocorrida em 1946, e até mesmo depois do meu casamento, que se realizou em 1951, em absoluta separação de bens. O ambiente familiar sòmente entrou em crise em Março de 1957.*

O sr. dr. Antero Monteiro Dinis abordou certos factos da administração do industrial sr. António Champalimaud, actualmente ausente, no estrangeiro, tendo a sr.ª D. Maria Ana Jardim feito um ligeiro relato. Foi o presidente quem ditou para a acta o seguinte: «*Durante o período em que seu irmão António administrou os seus bens, cerca de vinte anos, nunca o mesmo lhe deu qualquer explicação ou conhecimento concreto, explícito, a localização e materialidade dos aludidos bens, apenas se referia a eles em conversas ocasionais para dar a entender que tudo corria bem, e que a administração dele era eficiente*».

Numa aclaração à instância feita pelo adjunto do procurador da República, o presidente mandou exarar a resposta da declarante, ditando o seguinte:

«*Esclarece a depoente que nunca encarou os seus bens, individualmente considerados, mas sempre integrados num património comum familiar de que todos os seus irmãos tiravam igual proveito. Nunca considerou esta ou aquela parcela como seu património pessoal. Todos os bens eram encarados em globo, como se fizessem parte de uma sociedade familiar, dirigidos exclusivamente pelo António, como se seu pai fosse ainda vivo.*»

O sr. dr. Antero Monteiro Dinis, a certa altura, observou à declarante que o seu irmão António nega ter-lhe administrado os seus bens, ao que a sr.ª D. Maria Ana Champalimaud, mudando de atitude, respondeu que se admirava dele ter tido a coragem dessa afirmação.

A propósito de vários documentos que a depoente diz ter assinado de «cruz», o acusador público pretendeu que o caso ficasse mais bem esclarecido, pelo que a declarante esclareceu:

«*A partir da minha emancipação, assinei-os, a pedido do meu irmão António, mas fi-lo sempre com desinteresse, pelo facto em si, não vendo, sequer, o que assinava*».

A crise no seio familiar

Entrou-se, depois, no capítulo da crise surgida no seio familiar. Exposto o ponto de vista da declarante, o presidente ditou para a acta:

«*Só a partir de Março de 1957, e durante uma assembleia da Casa Sommer, a primeira a que assistiram senhoras, incluindo a depoente, é que a confiança até aí absoluta em seu irmão António começou a ser abalada.*»

Quanto á razão dessa desconfiança, a declarante esclareceu:

— *Efectivamente, tendo o meu irmão Carlos posto ao António diversas questões ou problemas a que este devia dar resposta, este insultou aquele.*

E, mais adiante:

— *Perante a atitude do António, o Carlos, levantando as mãos, disse-lhe:* «Repara que eu tenho as mãos limpas». *O meu irmão António ficou acabrunhado, envergonhado, dirigiu-se-me em tom particular e observou-me:* «Não faças caso do que diz aquele paranóico; a tua vida vai mudar. Acompanha-me e passará a receber 700 contos por ano da Casa Sommer (África)».

Instada, a depoente prosseguiu:

— *Pelo que observei as reacções do meu irmão António, e pelo aliciamento que ele me fez com a oferta dos 700 contos, comecei a desconfiar da lealdade dele, e a admitir que não podiam ser verdadeiros certos actos que, até então, eu acreditava.*

E forneceu mais um elemento:

— *Quando se passou o que acabo de narrar, minha tia Aboana retirou-se da assembleia, dizendo, depois, que não podia continuar a olhar para a cara do António, por dó, visto o considerar culpado em face do que era apontado pelo Carlos.*

Nesta altura, houve um pequeno intervalo para descanso do tribuna. Reaberto, o acusador público entrou nas suas instâncias objectivas e firmes. Em dado momento, a sr.ª D. Maria Ana Champalimaud declarou que fez vários pedidos ao seu irmão António, no sentido de lhe serem entregues os bens que lhe viceram a caber, por morte de seu pai e de seu tio Henrique, e que o mesmo os recusara, usando fórmulas com evasivas.

A uma outra pergunta do Ministério Público, respondeu a sr.ª D. Maria Ana Jardim:

— *Recebia da Casa Sommer, a partir de 1944, a quantia de 1500 escudos mensais e desta sociedade fiz diversos levantamentos, um dos quais para o meu enxoval, e um de 500 contos para comprar uma pequena herdade.*

Sobre os bens deixados pelo tio, sr. Henrique Sommer, revelou:

— *Recebi, referindo-me aos bens do tio Henrique, umas tantas acções da Companhia Portuguesa de Celulose e da Companhia de Cimentos Tejo, parecendo-me que estas últimas teriam sido entregues pelo meu irmão Henrique.*

Seguiu-se nas instâncias o sr. dr. Fiúnto Elísio, da acusação particular. A depoente disse que sabia que seu tio Henrique era muito rico e que tinha deixado muitas acções da Companhia de Cimentos de Leiria, sendo até considerado pelo povo como dono desta empresa. A certa altura houve uma controvérsia entre os membros do tribunal e o causídico, por motivo de uma contradição entre as declarações prestadas pela declarante na Polícia Judiciária e as acabadas de produzir, agora, em julgamento. O presidente leu passagens do depoimento da sr.ª D. Maria Ana Champalimaud Jardim. Esta, fazendo um esforço de memória declarou:

— *Recordo-me de ter prestado essas declarações na Polícia Judiciária, durante cerca de cinco horas, tendo, no final, sido apresentado um resumo para assinar, pelo que admito a possibilidade de haver qualquer lapso, pois a ideia que se extrai desse depoimento nunca correspondeu ao meu pensamento.*

A sr.ª D. Maria Ana Champalimaud aludiu a uma troca de impressões com sua tia, sr.ª D. Maria Luísa, tendo esta exibido uma carta deixada pelo irmão, sr. Henrique Sommer, e embora tivesse lido não se apercebeu bem do que ela queria dizer, embora tivesse ficado com uma ideia de que a disposição das acções a favor das tias era a vontade do falecido tio Henrique.

Após outros esclarecimentos, como a hora fosse adiantada, os trabalhos ficaram interrompidos para prosseguirem amanhã, á hora habitual.

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS
DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS HIDRÁULICOS

Direcção dos Serviços de Aproveitamentos Hidráulicos

DIVISÃO DE OBRAS

PLANO DE REGA DO ALENTEJO (2.ª FASE)

CONCURSO PÚBLICO PARA ARREMATAÇÃO DA EMPREITADA DE CONSTRUÇÃO DE CASAS DE FISCAL E DE CANTONEIRO DE REGA, NO APROVEITAMENTO HIDROAGRÍCOLA DE ODIVELAS

1. — Faz-se público que se encontra aberto o concurso referido em epígrafe, sendo:

a) — na Divisão de Obras da Direcção dos Serviços de Aproveitamentos Hidráulicos desta Direcção-Geral, em Lisboa, onde o processo de concurso pode ser examinado ou dele obtidas cópias autenticadas;

b) — o alvará exigido o da I categoria ou 1.ª subcategoria da I categoria e classe e subclasses correspondentes aos valores das propostas;

c) — o montante da caução provisória de 30 000$00;

d) — a realização do acto público do concurso na Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos, à Rua de S. Mamede (ao Caldas), n.º 23, em Lisboa, às 15 horas do dia 11 de Novembro de 1970, devendo as propostas ser entregues até às 17 horas do dia anterior.

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS HIDRÁULICOS, em 2 de Outubro de 1970.

O ENGENHEIRO DIRECTOR-GERAL

(a) **Armando da Palma Caglos**

Delineado o programa da nova visita ao Norte do Chefe do Estado

O Almirante Américo Thomaz inicia amanhã a sua nova visita oficial ao Norte do País onde permanecerá cinco dias, deslocando-se aos distritos do Porto, Viana do Castelo e Vila Real.

No primeiro dia o Chefe do Estado inaugura no Porto mais dois bairros construídos no âmbito do plano de extinção das «Ilhas»: os Bairros Dr. Nuno Pinheiro Torres, em Lordelo do Douro, e o do Monte da Bela em Corujeira. À noite assistirá na Igreja de S. Francisco a um concerto da Orquestra Sinfónica do Porto.

No sábado, o almirante Américo Thomaz visitará o concelho de Santo Tirso, sendo recebido na Câmara Municipal e presidindo ao acto inaugural da Fábrica de Pneus Fapobol. Estará também presente nas cerimónias evocativas de S. Rosendo.

O programa de domingo compreenderá visita a Estorãos e deslocação ao Gerez, com a qual se assinala a criação oficial do Parque Nacional. Presidirá a uma sessão solene e percorrerá algumas zonas abrangidas pelo primeiro Parque criado no nosso País.

No dia 12, o Presidente da República estará na cidade de Vila Real, em cujo Governo Civil preside á sessão integrada no centenário da morte do padre Manuel da Nóbrega. De tarde, em Sanfins do Douro descerrará uma lápide comemorativa do mesmo centenário, visitará o Santuário de Nossa Senhora da Piedade e inaugurará a nova ponte de Mirandela.

O Chefe do Estado, que será acompanhado de vários membros do Governo, entre os quais os ministros do Interior e Obras Públicas, regressará no dia 13 a Lisboa.

Funcionário do «Diário da Manhã» morto por desastre

No Hospital de S. José, para onde entrara ao princípio da madrugada de domingo, faleceu, a noite passada, o sr. Manuel do Rosário Francisco de 33 anos, funcionário do nosso prezado colega «Diário da Manhã», que residia na Rua Conde de Oeiras, na Amadora, e fora atropelado por um automóvel, na estrada da Damaia, perto do inacabado apeadeiro da Reboleira, e cujo condutor se pôs em fuga.

A G.N.R. do posto da Amadora, onde foi participado o caso, continua as suas diligências para descobrir o autor do atropelamento.

DR. MÁRIO ANDRADE
Retomou a Clínica
R. Alexandre Herculano, n.º 2-2.º Dt.º — Tel. 54718

O NASSERISMO PODERÁ SOBREVIVER?

II — O ANTI-IMPERIALISMO

Delimitado à direita e à esquerda, cercado pelas opções que recusava, o nasserismo era levado a confiar a direcção do movimento a uma elite burocrática e militar. Nasser sabia as fraquezas desta classe. Fizera alguns esforços no sentido da promoção dos quadros saídos de camadas mais profundas.

Mas a lógica do sistema opunha-se ao coroamento destes esforços. Não podia descontentar demasiadamente os quadros de que dispunha aqui e agora. Quando muito podia preparar o futuro.

Por MAXIME RODINSON

(Exclusivo «Le Monde» - «Diário de Lisboa»)

Fora das alianças exteriores, com as quais sabia jogar como mestre, que ele estava disposto a alterar a todo o momento, mantinha uma opção anti-imperialista radical. Pelo menos podia parecer radical até estes ultimos tempos. Expliquemo-nos um pouco sobre esta palavra tão aviltada: imperialismo. Entendamo-nos: a experiência tornara-o ultra-sensivel ás ameaças que o imperialismo capitalista fazia pesar sobre a independência. O imperialismo socialista era menos ambicioso, pelo menos de momento. Totalmente controlado pelo poder politico, podia calcular-se melhor os seus efeitos, limitá-los e escapar-lhes no ultimo minuto, fazendo apelo aos seus inimigos. Se, no fundo, pouco se preocupava com o progresso do Terceiro Mundo, pelo menos não lhe punha nenhum entrave. Era muito mais perigoso colocar-se sob a dependência de um imperialismo económico, cujo mecanismo, uma vez posto em marcha, deixava de ser controlável, mesmo pelo poder politico do qual dependiam, em principio, os interesses em questão. E o cego mecanismo desses interesses tendia a manter o subdesenvolvimento e a dependência, a aumentá-los, até. Tal é, em todo o caso, a imagem das coisas que se criou, numa boa parte do Terceiro Mundo, e isto sem certas aparências (pelo menos) de razão.

O radicalismo do nasserismo na sua luta anti-imperialista era limitado (o que há pouco tempo se tornou claro). Mesmo assim, atraia o entusiasmo do mundo árabe, e fora dele, incitava camadas e grupos análogos aos que lhe deram origem. Falava-se de tendências nasserianas na Turquia, na América do Sul. Este radicalismo ia a ponto de se aliar com a U. R. S. S. contra a hegemonia americana (o que foi de grande audácia, há alguns anos) e a ponto de estabelecer, no interior, estruturas económicas estatais para escapar á dependência que o liberalismo á escala internacional parecia promover.

RECEIO E FASCÍNIO

Novas gerações apareceram em cena. Este radicalismo parece-lhes muito pouco radical. Em Bandung, em 1955, quando Nasser se avistou com Chou-En-Lai, este tinha o rosto relativamente tranquilizador de um aliado da U. R. S. S. O mundo socialista já não exigia aos aliados (como o Komintern, em certos periodos) a ruptura com o universo cultural e social a que os oficiais livres se sentiam visceralmente ligados. Mas eis que se voltou ao tempo em que Zinoviev, em Baku, pregava o *djihâd*, a guerra santa, contra o imperialismo, os proprietários, os burgueses. Com a ajuda do conflito palestiniano, os revolucionários mais extremistas reclamam a grande subversão, enquanto os conservadores se mostram cada vez mais assustados com as perspectivas do caminho seguido até agora. Os adversários da coexistênca pacifica (seja qual for o lado donde estiverem) encontram agora motivos de regozijo. Mais de 10 mil mortos em Amã, eis uma coisa bem dura de suportar para o *statu quo*. E logo a seguir a morte daquele que se mostrava um dos grandes sustentáculos desse *statu quo*. Pelo menos, de um *statu quo* que (devemos dizê-lo) não tinha evoluído muito mal, por obra dele.

Muita gente desejou a morte de Nasser. Agentes americanos, israelitas, «pés negros», socialistas e generais franceses, irmãos muçulmanos, e muitos outros que a História revelará. Estou convencido de que alguns deles — incluindo os irmãos, apesar da interdição corânica — saborearam champagne nessa noite. Houve muita gente que não compreendeu que matar Nasser não significaria matar o nasserismo. Se ele era detestado, era por incarnar os ideais do seu povo. Contràriamente ao que se pensa, na luta contra Israel (luta a que nenhum Governo árabe podia furtar-se) Nasser foi sempre empurrado pelos acontecimentos, esforçando-se, a cada momento, por travar as impaciências e limitar os excessos. E se o nasserismo morrer também? Só o futuro no-lo poderá dizer.

UM COMPONENTE IMPORTANTE

Os «reaccionários» não tardarão, talvez, a lamentar este desaparecimento tão desejado. E os revolucionários? A sua alternativa para o nasserismo será capaz de impor uma revolução radical? O mundo árabe estará amadurecido para uma revolução radical? O mundo das grandes potências, esse mundo onde a acção não é irmã do sonho, deixarão que ela se faça?

Em Junho de 1967, o povo egipcio sentiu-se numa noite tomado da angústia de perder um chefe tranquilizador. Nessa noite, esse sentimento de angústia colocou muitos corações árabes à beira do abismo do futuro, de profundidades insondáveis. E o mundo árabe é um componente importante do nosso universo. Deixemos aos místicos politicos de hoje a sua cândida certeza de conhecerem as vias do futuro, a beatifica convicção de que essas vias estarão juncadas de rosas, como os profetas demonstraram. «Teste David cum Sybilla». Uma modéstia maior devia inspirar uma maior inquietação. Só os acontecimentos futuros nos poderão dizer se o nasserismo morreu com Nasser, se continuará sem ele, assinalado por peripécias sangrentas (das quais não podemos duvidar dada a dura situação do mundo árabe), mas salvaguardando o essencial daquilo que Nasser queria salvar, pelo menos, por um periodo histórico determinado (pois o nasserismo engendrou e continuará a engendrar os seus próprios coveiros). Mas a evolução pode ser curta e gradual. Ou será que a morte do chefe egipcio vai precipitar uma agitação politica, que muitos desejam e que fascina tantos outros presos entre o desgosto pela situação presente e o receio de um futuro talvez sinistro?

A beira da vala aonde vão cair os homens (os grandes e os comuns) os destinos hesitam por momentos.

estação de serviço de auto-rádios

GRUNDIG

Põe à sua disposição um serviço técnico especializado onde pode efectua a montagem gratuita, com garantia, do seu auto-rádio GRUNDIG, com a maior eficiência e rapidez

R. Victor Hugo, 4-C · Lisboa
Telef. 712210

ESTAÇÃO DE SERVIÇO GRUNDIG AUTO RÁDIOS R. VITOR HUGO 4C TEL. 712210

PARA O SEU AUTO-RÁDIO GRUNDIG PESSOAL ESPECIALIZADO GRUNDIG

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

NOTA do dia

A LIBERDADE RELIGIOSA

OS PROBLEMAS DE CONSCIÊNCIA poderão porventura ser daqueles para que menos possível pareça de encontrar o que quer que seja com ares de regulamentação. Quando o homem livre e lúcido e responsável se dá conta do que ele em consciência conclui que é ou que deve ser, como compelir o homem que se julga livre, que se tem por lúcido e se considera dotado de sentido de responsabilidade a proceder de maneira diferente daquela que a sua consciência lhe comanda? Entende-se como está aí uma grave fonte de conflitos, quando o homem com aquelas caracteristicas vê cerrar-se em seu torno a parede circular das constrições.

É neste complexo sector, tão complexo como melindroso, que vemos o Governo preparado para intervir por intermédio de um projecto remetido pela Presidência do Conselho para Estudo da Câmara Corporativa sobre problemas da liberdade religiosa. Não conhecemos desse documento mais que os tópicos constantes da informação oficial comunicada à imprensa, mas desses tópicos, já publicados, parece possível extrair a conclusão de que se tentam passos no sentido de reconhecer alguns direitos ao foro intimo das pessoas num grande capítulo onde muitas famílias, ao longo dos últimos anos, principalmente depois da Concordata de 1940, tiveram de defrontar poderosas preocupações.

A iniciativa do Governo, que a Câmara Corporativa recebeu para estudo, que por enquanto se chama «projecto» e se há-de converter em «proposta de Lei» para chegar à discussão e votação da Assembleia Nacional, aponta desde logo uma distinção que, sem ser uma simples subtileza, nos parece importante como princípio orientador. Com efeito, recorda-se o preceito constitucional que reconhece a religião católica como «religião da Nação Portuguesa». Mas vem lembrar-se que, por sua vez, «o Estado não tem religião própria», o que é uma distinção que nem sempre foi possível fazer admitir, apesar da consagração que lhe assegura o próprio texto constitucional.

Já o muito citado artigo 8.º da Constituição, que dá para tudo e para coisa nenhuma, no rol que fez dos «direitos, liberdades e garantias individuais dos cidadãos portugueses» inclui «a liberdade e a inviolabilidade das crenças e práticas religiosas», acrescentando não poder «ninguém por causa delas ser perseguido, privado de um direito ou isento de qualquer obrigação ou dever cívico». A verdade é que toda a gente sabe que interpretações foram feitas de tais regras e até onde é que se foi nas suas consequências. Algumas especificações contidas no actual «projecto» podem ter-se como o reconhecimento implícito de que se cometeram exageros interpretativos.

A definição do conteúdo do que se entende por liberdade religiosa parece um passo importante no reconhecimento expresso não só da atitude íntima das pessoas como igualmente das decisões quanto a actos ou omissões com ela relacionados: o direito de decidirem os pais sobre a educação religiosa dos filhos até aos dezasseis anos, altura em que são os próprios a decidir se querem ou não inscrever-se nos respectivos cursos; e a fixação da regra de ser livre a assistência a actos de culto, incluindo os celebrados em unidades militares ou em estabelecimentos públicos, «não podendo ser imposta a militares ou civis».

Um ponto importante é o que daqui resulta sobre o direito de reunião ou de associação para a prática do culto da respectiva organização. Aí, naturalmente, os direitos e liberdades que em tal sentido se estabelecem, ainda que expressamente reconhecidos, terão de se submeter à Lei geral, que é a do artigo 8.º, bem conhecido e já acima citado. Nem se compreenderia de outro modo, pois tratar-se-ia de um privilégio. Não está em causa esse preceito constitucional, nem mesmo o do parágrafo que remete para regulamentos o exercício desses direitos. O que está em causa, como tanta vez tem estado, é o espírito desses regulamentos. Mas isso não é da Constituição. É do Governo.

NOVO CASINO ESTORIL

SALA DE JOGOS

TODOS OS DIAS DAS 15 ÀS 3 HORAS

"SLOT MACHINES"

ACESSO LIVRE - MAIORES DE 21 ANOS

BERTICE READING

VEDETA NORTE-AMERICANA da CANÇÃO

FREDIANI BROTHERS

ACROBATAS E FANTASISTAS

TEREZINHA ALVES

com ANTÓNIO LUÍS GOMES e RAUL SILVA

Les BALLETS de PIERRE FRANVAL

JIRINAS COMBO

FILARMÓNICA FRAUDE

FERRER TRINDADE

e sua orquestra

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE ÀS 23,30 H MAIORES DE 17 ANOS

NO WONDER BAR À 1,00 H MAIORES DE 21 ANOS

GILDA PEARL

SÓ NO WONDER BAR

No cinema às 17 e 21.30 h.

COMISSÁRIO X NO VALE DAS MIL MONTANHAS

(M. 12 anos)

NO PORTO, EM ABRIL DE 1971

CINCO PAÍSES CONCORREM AO I FESTIVAL DA CANÇÃO POPULAR LATINA

O Porto vai organizar, de 22 a 24 de Abril do próximo ano, o I Festival da Canção Popular Latina, a que concorrem melodias portuguesas, espanholas, francesas, italianas e romenas.

Trata-se de uma iniciativa da A. I. A. (Agência Internacional Artística, do empresário Artur Pereira), que recebeu o melhor apoio da entidade que superintende neste tipo de certames musicais: a F. I. D. O. F., com sede em Split (Jugoslávia).

Este I Festival Latino da Canção Popular terá como cenário o Pavilhão dos Desportos (ex-Palácio de Cristal), e em cada uma das suas jornadas contará com a presença de atracções de renome no panorama artístico internacional: nesse plano, as primeiras que já firmaram contrato para actuar no Porto foram Mireille Mathieu e Rita Pavoni, prevendo-se, ainda.. a presença no Festival dos cançonetistas Raphael e Eva Pilarova e ainda Amália Rodrigues. Isto é: para além da fase competitiva, cada um dos cinco países intervenientes no certame terá também uma «atracção» a actuar em fim-de-festa.

As melodias concorrentes aos prémios instituídos serão interpretadas, em cada noite, por dois artistas de sexos diferentes. Tal facto, possibilitará ao júri internacional (constituído, entre outras figuras da música ligeira, por Augusto Algueró, Mario Mimasi, Bernard Hilda, Takis Cambas e Armando Moreno) aferir melhor dos méritos das harmonias e do valor dos poemas.

A direcção musical do Festival pertence ao maestro Jorge Costa Pinto e a apresentação de todos os artistas participantes, dois por cada país, será feita por um locutor português e por uma locutora da Radiotelevisão francesa.

SERÁ AMANHÃ A ESTREIA DO HARKNESS BALLET

Dificuldades de montagem atrasaram a estreia do Harkness Ballet de Nova York no Monumental, que será (em definitivo) amanhã á noite, valendo para esse espectáculo de abertura os bilhetes com a data de hoje.

Dirigido por Rebekah Harkness, tendo como assistente Renzo Raiss e director musical Daniel Stirn, o Harkness Ballet veio a Lisboa para uma série provável de sete espectáculos.

COMPANHIA BRASILEIRA NO PORTO

Do Rio de Janeiro, chega hoje, ao fim da tarde, uma companhia de artistas brasileiros que vai apresentar-se no Teatro Sá da Bandeira, no Porto.

O «show» de estreia intitula-se Brasil pr'á frente».

«Desperta e Canta» pelo Cénico da C. N. N.

O Grupo Cénico da C. N. N., representa de novo, no seu teatro de bolso (situado na Travessa de S. João da Praça, 21, em Lisboa), a peça «Desperta e Canta», de Clifford Oddets, encenada por Rui de Matos e interpretada por Ferdinando Olim, Raúl Cardona, Maria do Céu, Fernando Duarte, Zita Esteves, Victor Sérgio, Carlos Santos, Alves Coelho e Eduardo Peres.

Os espectáculos terão lugar nos dias 9, 10, 16, 17 ,23, 24, 30 e 31 do mês em curso, podendo as pessoas interessadas em assistir, obter os seus bilhetes, a título gratuito, através dos telefones 873365 (até ás 18 horas) e 862526 (das 18 ás 20 horas).

NUNCA UM PAI E UM FILHO FORAM TÃO LOUCOS E IRREVERENTES

Peter Sellers

Raquel Welch

Ringo Starr

UM BEATLE NO PARAÍSO

MAIORES DE 17 ANOS

com: RICHARD ATTENBOROUGH, LAURENCE HARVEY, CHRISTOPHER LEE, WILFRID HYDE WHITE

Prod.: DENIS O'DELL — Real.: JOSEPH McGRATH — Mus.: KEN THORNE

Technicolor — Um filme da Commonwealth United Entertainment Ltd.

UM EXCLUSIVO SOFILMES

HOJE ESTREIA no EDEN

Teatro TELEF. 717017

Maria Matos

HOJE, ÀS 21.45 HORAS tal como nas tardes de sábados

PREÇOS POPULARES

BALCÃO: 10$, 15$ e 30$00

PLATEIA: 30$00 e 50$00

5 ÚLTIMOS DIAS

e excepcionalmente 2.ª-FEIRA, 12 antes da partida para Madrid

A DIVERTIDÍSSIMA SÁTIRA

A RELÍQUIA de EÇA DE QUEIROZ

TODAS AS NOITES ÀS 21.45 HORAS

Sábados e Domingos também às 16 horas

AR REFRIGERADO

(Maiores de 17 anos)

ADULTOS

TEATRO ABC

Tel. 366745

HOJE: 2 SESSÕES: As 20 e 45 e 23 h.

A FABULOSA SUPER-REVISTA

ALTO LÁ COM ELAS!

Com os popularíssimos actores CAMILO e IVONE

O MELHOR ESPECTÁCULO DO ANO produção de JOSÉ MIGUEL

a plástica sensacional de IO APOLONI

a voz de ouro de TONY DE MATOS

LINDA SILVA

ORLANDO FERNANDES ● VITOR ESPADINHA (no «compére»)

30 MULHERES FASCINANTES!

BANCO DO BRASIL — ACÇÕES

COMPRAMOS DIREITOS DE SUBSCRIÇÃO

ORIENTAMOS

Cartas para J. F. SANTOS — Rua Padre António Vieira, 4 — COIMBRA.

COLISEU

HOJE, ás 21.30

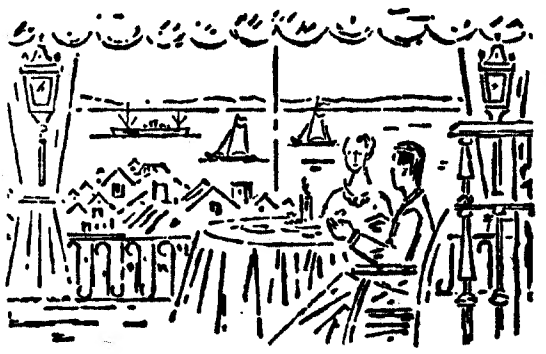
(Maiores 12 anos)

GRANDE COMPANHIA INTERNACIONAL DE CIRCO

AS MAIORES ATRACÇÕES INTERNACIONAIS

PALHAÇOS

Varanda do Chanceler



AMANHÃ RESERVADO AO JANTAR

Na LAGOA o «DIARIO DE LISBOA» vende-se no Café Central.

Toiros em Évora

Domingo, 11 de Outubro de 1970, pelas 15,30 h.

GRANDIOSA CORRIDA

8 toiros pertencentes ao Ganadeiro eborense

Exmo. Sr. Eng.º
JOAQUIM GRADE

★

2 CAVALEIROS

MESTRE BAPTISTA
e LUÍS MIGUEL DA VEIGA

2 ESPADAS

JOSÉ JÚLIO
e ARMANDO SOARES

★

Um grupo de forcados amadores de Évora

★

Preços desde: Sombra, 80$00
Sol, 40$00

SE TEM AUTOMÓVEL

realize dinheiro s/ hipotecar ou s/ transferir, s/ alterar o seguro; até 48 meses. Rua D. Estefânia, 81 R/C Dt. — Telef. 40049 563751 Aguarde sua visita ou telefonema

HARKNESS BALLET

DE NOVA-YORK

AMANHÃ, EM ESTREIA, ÀS 21,45 H.

8 ÚNICOS DIAS

NO TEATRO
MONUMENTAL
(MAIORES DE 12 ANOS) TELEF. 55 51 33
BILHETES À VENDA

SOLISTAS — CORPO DE BAILE — ORQUESTRA SINFÓNICA

PROGRAMA DIAS 9 E 10: CONCERTO DE BARTÖCK, SPARTACUS, DEVORADORES DA ESCURIDÃO E SUITE ESPANHOLA

ATENÇÃO: Em virtude do adiamento da estreia para amanhã, são válidos os bilhetes com a data de 8/10/70
Sábado às 21.45 h. e Domingo na «Matinée» às 16 h. MAIORES 6 ANOS

Eduarda Maria

SOLAR DO MINHO

RUA DO VIGÁRIO, 60
(Alfama) Telef. 86 66 11

●

Actua Natália dos Anjos, Nuno de Aguiar, Adriana Franco, Fernanda Silva e Artur dos Santos

Reaparição de Eduarda Maria após uma curta ausência

Jantares completos 50$00

UM ESPECTÁCULO DE VASCO MORGADO

ADULTOS

O VISON VOADOR

TEATRO CAPITÓLIO 327493

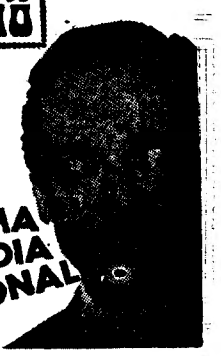
Todas as noites às 21.45 horas

QUASE UM ANO

COM
RAUL SOLNADO

MARIA PAULA • FERNANDA BORSATTI • YOLA
MARIA LAURENT • GEORGINA CORDEIRO • MARIA
ARTUR SEMEDO • VASCO DE LIMA COUTO
DAVID SILVA • ROLANDO ALVES

UMA COMÉDIA SEXACIONAL



«O ACOSSADO»

TÍTULO ORIGINAL «A Bout de Souffle».
REALIZAÇÃO — Jean-Luc Godard, 1959 (França).
ARGUMENTO — J.-L. Godard, segundo ideia de François Truffaut;
FOTOGRAFIA — Raoul Coutard;
MÚSICA — Martial Solal.
CONSELHEIRO TÉCNICO Claude Chabrol;
MONTAGEM — Cécile Decugis, assistida por Lila Herman;
INTÉRPRETES — Jean Paul Belmondo, Jean Seberg, Henri-Jacques Huet Van Donde, Claude Mansard, Daniel Boulanger, Jean-Luc Godard, Jean Pierre Melville, Jean Domarchi, etc.
DISTRIBUIÇÃO — Filmes Castello Lopes.
ESTREIA — Cinema Império (30-IX-1970).

Com este *A Bout de Souffle*, de Jean-Luc Godard, apresentado em França quase em simultaneidade com *Les 400 coups*, de François Truffant, ou *Les Cousins*, de Claude Chabrol, impôs-se ao publico francês um movimento-geração que ficaria a ser conhecido como *nouvelle vague*. A importancia primeira destes títulos (para além do seu valor absoluto), é, pois, histórica, definindo os contornos de uma reacção polémica contra um tipo de cinema bem aleado e insignificante de uma tradição dita «*de qualidade*».

Recusando as leis da narrativa cinematográfica que ameaçava academizar-se com gramática oficial e tudo; recusando o jogo estipulado pela psicologia no comportamento das figuras; recusando o brilhantismo dos diálogos *à la Aurenche e Audiard* carregados de evidentes intenções e de um humor feito de bom senso e de vén as; recusando os estúdios e toda a artilharia tecnica que encobria a imagem e a realidade donde ela partia; recusando os mitos institucionalizados e aceites pelo público que fazia de Verneuil, de Pattelière ou de Duvivier êxitos incontestáveis; recusando o *ofício* (com todos os seus defeitos e também com algumas das suas virtudes, entre elas o rigor técnico) em nome da inspiração, da espontaneidade, do «amor louco» pelo cinema e pelo lado mágico e profético da imagem; recusando tudo isto e surgindo de chofre, *en plein soleil*, esta vaga nova conseguiu impôr-se, fazendo dos seus primeiros títulos enormes êxitos de bilheteira que confirmaram também afinal o cansaço do público. *A Bout de Souffle* foi um deles.

Jean-Luc Godard pode considerar-se a base de todo o cinema moderno, no que este representa de ruptura drástica com o passado. *A Bout de Souffle*, seu primeiro filme de fundo, é *escandaloso* de um ponto de vista narrativo. Godard *corta* com a noção de *raccord* (ou seja a ligação lógica entre planos que se sucedem), introduzindo novos conceitos de montagem (uma das críticas que se fez ao filme, aquando da sua estreia em Paris, foi precisamente a de ser um filme que ninguém fora capaz de montar). Para recusar a tradição francesa, Godard tanto opta pela *incorrecção* (ligando entre si planos que normalmente se não poderiam suceder um ao outro), como recua até Griffith e ao cinema mudo (fechando em íris dois planos ou encadeando e fundindo em negro outros). Esta liberdade de montagem não é porém um elemento exterior à própria estrutura da obra. Ela é a razão de ser do cinema de Godard. «*Olhar em torno de si é viver livre*», afirmou por essa altura Jean-Luc. A liberdade é, pois o tom geral desta película onde se sente uma ambiência encantatória e mágica. Como em *Pedro, o Louco* (primeiro filme de fundo de Godard a ser estreado entre nós e único até agora que surge *O Acossado* e se anunciam outros), também em *A Bout de Souffle* (e para além do pessimismo radical da obra) existe uma voraz necessidade de *viver perigosamente*, de forma provocatória, irradiando uma alegria que contagia o espectador e o leva a associar-se às desventuras de Michel, a quem se chamou já anarquista e que nos parece ser antes um *outsider* inconsciente da sua condição, uma vítima ingénua e atrevida que resolve enfrentar a sociedade um pouco por desfastio e bonomia. Michel é o homem que se afirma fatigado, mas prossegue invectivando frontalmente os espectadores: «*Como é belo o campo... Gosto muito da França... Se não gosta de praia... Se não gosta do campo... Se não gosta da cidade... Vá-se lixar!*» A história começa com o roubo de um automóvel e termina, à maneira do melhor Fuler, com um longo *travelling*, acompanhando Michel, rua fora, traído por Patrícia e mortalmente ferido nas costas por uma bala de um *flic*. De uma imagem a outra vários são os atalhos por onde enveredam os heróios de Godard, sem, no entanto, deixarem nunca o clima do *triller*: «*Pensava fazer um filme negro como certos peliculas de Lang ou de outros que na altura que haviam impressionado*», explica Godard. Na origem, uma história de Truffaut que Godard desenvolveu e dialogou. Jean-Paul Belmondo e Jean Seberg são os protagonistas. Jean Seberg fora *Santa Joana* e é ali Patrícia, americana que vende o *New York Herald* nos Champs Elyssées, enquanto procura triunfar como jornalista. Belmondo, por seu turno, parte de Marselha num carro roubado, chega a Paris à procura de Patrícia (com quem pretende *recoucher* e partir para Roma), acende cigarros atrás de cigarros, compra, jornais e acaricia continuamente os lábios grossos, mesmo quando olha nostálgico o rosto de Bogart. Com um casaco *sport* escorrando-lhe pelos ombros, óculos escuros e mãos nos bolsos das calças, Michel-Belmondo-Godard parece estar-se nas tintas para todo o mundo, excepto para um cheque que um amigo lhe tem de trocar e para Patrícia. Em seu redor um mundo de traição, violência, tragédia. É Godard quem no-lo pinta. *A Bout de Souffle* será anarquista enquanto visão pessimista e desolada de uma sociedade. Michel, porém, personagem chave do jogo é tão sòmente catalizador, figura-itinerário.

O Acossado é, sem dúvida um dos filmes mais importantes que se estrearam entre nós em 1970. Ainda que pouco tenha já a ver com o Godard-70. Os espectadores portugueses começam no entanto agora a descobrir o Godard de há dez anos. Como *decálage* não poderá dizer-se que é muito... Há pior!

Lauro António

1as EXIBIÇÕES

«A GRANDE RODA»

REALIZAÇÃO E FOTOGRAFIA — de Costa e Silva, 1969 (Portugal)
TEXTO — de Sérgio Nisa.
MÚSICA — de Matilde Taveira.
SOM — de Alexandre Gonçalves.
MONTAGEM — de Fernando Lopes.
LABORATÓRIOS — de Ulyssea Filmes.
DISTRIBUIÇÃO — Filmes Castello Lopes.

Em complemento de «*O Acossado*» estreou-se finalmente em Lisboa a primeira curta-metragem de Costa e Silva, nome que já era conhecido como um dos melhores *camara men* revelados em Portugal nos últimos anos. Costa e Silva, que parece dedicar particular atenção ao mundo da criança (o seu segundo filme — *A Passagem* — ainda inédito, vólta a ter como centro uma criança), documenta, em *A Grande Roda*, uma sensibilidade notável na captação dos rostos que povoam o *centro Hellen Keller*. Filme de operador, com um certo desequilíbrio de estrutura e de montagem, *A Grande Roda*, é, mesmo assim, mais um marco no documentarismo português. De grande pudor e de uma ternura inabitual. *A Grande Roda* termina com um longo plano (genérico) que é um dos poucos momentos verdadeiramente burlescos do cinema português. Por tudo isto — eis um documentário a não perder. Aqui se poderá ainda ouvir um menino dizer: «*Eu queria ser o mar, para não morrer*».

L. A.

«JAMAICA»

TÍTULO ORIGINAL — «Flat Foot»
REALIZAÇÃO — Julio Salvador, 1968 (Itália)
ARGUMENTO — Richard Ferver
FOTOGRAFIA — Angelo Lannutti (Eastmancolor)
MÚSICA — Alessandro Alessandroni
INTÉRPRETES — Ray Danton, Pamela Tudor, Luis Davila, Allan Collins, Carrol Brown, etc.
DISTRIBUIÇÃO — Filmes Lusomundo
ESTREIA — Cinema Politeama (1-10-970).

Se o cinema «comercial» português é mau, «Jamaica» é pior. Já pode ver...

L. A.

O PROSCENIUM NA ENCARNAÇÃO

Depois dos espectáculos (promovidos pela F. N. A. T.) que realizou em Tomar, Foz do Arelho e Santiago do Cacém, o Grupo Proscenium apresenta-se, amanhã, ás 21 e 30, no C. R. P. do Bairro da Encarnação, com «Silva Vicentina», recolha de textos de Gil Vicente encenados em forma de revista popular por Pedro Lemos.

ESCOLA DE BAILADO LUNA ANDERMATT

Começa hoje o novo ano lectivo da Escola de Bailado de Luna Andermatt, que funcionará, á semelhança dos anos anteriores em instalações do Clube Estefania. As inscrições, porém, encerram-se no dia 16.

Como habitualmente, os cursos englobam classes de Iniciação, de Aperfeiçoamento e de Especialização, onde os alunos se preparam técnica e artísticamente na arte de bailado clássico, em horários concordantes com os seus deveres escolares e universitários.

Prestam-se esclarecimentos pelo telefone 66 10 00.

VIDA MUSICAL

Dois cursos na Gulbenkian

Começaram hoje, na sede da Fundação Gulbenkian, os cursos de Educação e Didáctica Musical para professores de Musica (Orff-Schulwerk, Método Edgar Willems Flautas de Bambu e Direcção Coral). Cerca de 190 interessados participam nos trabalhos.

Também na sede da Gulbenkian tiveram hoje início (com 52 candidatos) os cursos de Iniciação Musical Infantil.

O ensino ser-lhes-á ministrado pelo Método Lard.

Centro de Estudos Gregorianos

Inicia amanhã as actividades do seu novo ano escolar o Centro de Estudos Gregorianos.

MARIA DA FÉ
a partir de amanhã no
«LUSO»
com um grande elenco
21.30 — 24.00
espectáculo de folclore
das 0.30 às 3.30
o fado no seu ambiente
Trav. da Queimada, 10
Telefs. 362889 - 328503
COZINHA PORTUGUESA — INTERNACIONAL

JOSÉ VIANA

AIDA BAPTISTA

OCTÁVIO DE MATOS

ANITA GUERREIRO

MARIA VITÓRIA
(ADULTOS)

• BREVEMENTE!
SENSACIONAL INAUGURAÇÃO DA ÉPOCA!

GIUSEPPE BASTOS E VASCO MORGADO
APRESENTAM EM ESTREIA, A NOVA REVISTA POPULAR

• PIMENTA NA LÍNGUA!...

ESCRITA POR ANÍBAL NAZARÉ E JOSÉ VIANA
COM MÚSICA DE JOÃO NOBRE E CARLOS DIAS

• UM COLOSSAL ELENCO!
• UM GRANDE «BALLET» INTERNACIONAL!
• ATENÇÃO: A BILHETEIRA ABRIU HOJE

• UMA GRANDE COMPANHIA, COM:
• JOSÉ VIANA • AIDA BAPTISTA • BARROSO LOPES • DORA LEAL
PELA 1.ª VEZ NO ELENCO:
• NICOLAU BREYNER
A SIMPÁTICA ACTRIZ:
• ANITA GUERREIRO
A ATRACÇÃO BRASILEIRA:
• RONY VALY
NO «COMPÈRE»:
• OCTÁVIO DE MATOS

À FRENTE DE UM VALIOSO ELENCO!

«HABITAÇÕES ECONÓMICAS» Federação de Caixas de Previdência

ADMISSÃO DE PESSOAL

Torna-se público que até ao próximo dia 27 do corrente, está aberto concurso para o provimento de vaga existente no quadro do pessoal deste Organismo, a que só podem concorrer os indivíduos habilitados com concurso, ou os que se encontrem já inscritos na Direcção-Geral da Previdência e Habitações Económicas aguardando os respectivos cursos, na categoria de:

DACTILÓGRAFO

Os requerimentos, feitos em papel comum, são remetidos para a sede da Federação — Avenida Duque de Ávila, 169-5.º, em Lisboa e devem conter: nome, idade, morada, habilitações literárias, classificação obtida no concurso, caso já o tenha feito, e, bem assim, se está inscrito na Direcção-Geral da Previdência e Habitações Económicas.

Lisboa, 8 de Outubro de 1970.

O Presidente

Eng.º Rafael dos Santos Costa

Tanto espaço para viver!

Não há fábricas. Não há eléctricos. Não há o trepidar obsecante dos comboios. Em Santo António dos Cavaleiros não há nada do que obriga os homens a fugir das cidades. Imagine o que é viver longe da multidão. Longe dos ruídos. Mas apenas a dois passos de Lisboa!
Em Santo António dos Cavaleiros tudo foi estudado para lhe oferecer um viver tranquilo. Grandes espaços verdes. Andares como se fossem moradias. Casas que são de facto lares. Conheça Santo António dos Cavaleiros, onde já existe uma porta para ser aberta por si.
Espera-o ali uma equipa de técnicos, apta a encontrar soluções para as suas conveniências.

SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS
uma certeza de felicidade

Um empreendimento da ICESA – Indústrias de Construção e Empreendimentos, SARL.
Av. da Liberdade, 9 – Lisboa 2/Telef.: 326314 (P.P.C.) 6 linhas
Santo António dos Cavaleiros – Estrada de Loures – Telef.: 2530865
Visitas todos os dias, das 11 às 13 e das 15 às 20 horas, excepto às 2.as feiras.

ALVALADE-BAIRRO ALTO: 1 HORA E 10 MINUTOS

Enquanto se espera aquela onda verde admirável, motivo de orgulho de nós todos, para pôr ao lado de outras realizações admiráveis e como ponto alto da nossa história, vamos tendo paciência, paciência e resignação. Disso é que precisamos.

Um cidadão sai da sua casa ás 8 e 10, no Alvalade, para levar a filha ao liceu e estar no jornal ás 8 e 30. Vinte minutos para andar os sete quilómetros!

À porta de casa está estacionado o carro de um médico que lhe tranca a saída da garagem. Passou ali a noite porque tem o tejadilho a escorrer orvalho. Pode ser que tenha muito saber e valha a muitos doentes, mas o respeito pela vida corrente de quem precisa tirar o seu carro da garagem também devia ser norma não de saber, mas de educação...

Telefono para a Polícia que me diz só poder ir autoar, mas não poder retirar o carro. Não sei se é por virtude dos autos que os carros saem das avenidas, para as grandes manifestações publicas.

Enfim ás 8 e 45 consigo pôr o carro na rua e desço a Avenida de Roma, meto á dos Estados Unidos, torneio lentamente aquele nó da Guerra Peninsular e as Avenidas fazem-se bem. Depois na ladeira da Rua da Alegria aparece um carro do lixo, com todos os seus vagares e atrasos. Irritações, buzinas e troca de galhardetes verbais na longa bicha.

A Rua do Século passa num instante porque para baixo todos os santos ajudam, mas a Calçada do Combro é sempre um quebra-chapas. Entramos na Rua do Marechal Saldanha e aí é que nem para trás nem para diante. Está entupida, com uma camioneta a descarregar sacos de farinha, com uma furgoneta a largar não sei o quê e mais uns tacos de carros, dois estacionados e outros á espera como nós.

Conseguem-se andar vinte metros, mas lá á frente uma camioneta do lixo e outra camioneta de carga não se conseguem encolher para dar vazão á rua. Metemos a Rua do «Jornal do Comércio» para evitar o congestionamento. Está ela meio ocupada com ferro, areia, e madeiras para reparações num prédio. Pior. Lá ao fundo, uma camioneta não consegue vencer o angulo recto da Tr. de Santa Catarina e atrás dela todos têm de fazer plantão. Minutos de espera, longos minutos, até conseguirmos enfiar o carro no pátio do «Jornal do Comércio». À saída ouvimos ainda novas serpentinas verbais que passam de carro para carro e, mais largas, vistosas, vermelhas ou amarelas, dos carros para a camioneta.

São 9 horas e 20 minutos quando entramos no «Diário de Lisboa», consolados da esperança da onda verde. Virá dar educação áqueles que atrancam os carros á frente das garagens, aos que querem furar por onde não podem, e a todos nós um mínimo de regulamento de transito com o direito de subir ao menos para o lombo de uma camioneta de carga ou de passarmos com o automóvel por debaixo de um carro do lixo.

Levámos uma hora e 10 minutos do Alvalade ao «Diário de Lisboa», nesta cidade de esperança.

CIVIS PATIENS

O sr. David Burgess, da Parker, oferece um ramo de flores à sr.ª D. Maria Violante Vieira, da administração da Vialga, representante da Parker em Portugal.

Três centenas de pessoas na primeira reunião de revendedores Parker

Na primeira reunião de revendedores Parker, que ontem se realizou e incluia apenas os comerciantes do Sul do País, estiveram presentes cerca de trezentas pessoas. Promovida por iniciativa da Parker Pen Company, representada em Portugal pela Vialga, a reunião vai também efectuar-se no Porto, para os agentes do Norte do País.

Estiveram presentes os administradores da Vialga, sr.ª D. Maria Violante Vieira e dr. Dantas Perdigão, o director comercial, eng.º Alegria da Cunha e, ainda, os srs. David Tudor e David Budges, respectivamente directores de vendas e do departamento de publicidade internacional da Parker.

Depois de ter saudado os agentes e revendedores, a quem agradeceu a colaboração prestada à Parker e à Vialga, a sr.ª D. Maria Violante Vieira, apresentou o sr. David Tudor, que se referiu ao programa de actividades que a organização vai empreender com o lançamento da nova linha International Classic. Depois, o sr. eng.º Alegria da Cunha referiu algumas das fases mais importantes da produção de canetas Parker desde a fundação da empresa, em 1880. Salientou que Portugal é o terceiro mais antigo país com representação das famosas canetas. Efectivamente, há 43 anos que a firma António Vieira, Lda. (mais tarde substituída pela Vialga) iniciou a representação Parker no nosso País. A Parker dispunha, então, apenas de revendedores na Dinamarca e no Líbano. Hoje — salientou — a Parker possui organizações subsidiárias em 17 países, com representantes em 124 nações, com um movimento anual de vendas na ordem dos cinquenta milhões de dólares (um milhão, quatrocentos e cinquenta mil contos na nossa moeda). Foram projectados diapositivos e filmes de vários modelos Parker, particularmente os da nova linha International Classic, tendo o sr. Fernando Santos, director da agência de publicidade Êxito posto em relevo o apoio prestado pela organização à moderna técnica de vendas.

TRÂNSITO VEDADO

Para se proceder a obras de assentamento de conduta de abastecimento de águas, vai ser vedado ao trânsito o troço da Estrada de S. Bartolomeu entre a Azinhaga do Pinhal e o Largo das Peneireiras, por um período de 24 horas, com início ás 21 horas de sábado.

VIDA SOCIAL

DR. VASCONCELOS CARVALHO

Por via aérea, e acompanhado de sua esposa, sr.ª D. Maria Isabel Cavez de Cerveira e Serra de Vasconcelos Carvalho, parte no próximo dia 10 para Bilbao (Espanha), o dr. A. J. de Vasconcelos Carvalho, presidente da direcção do Clube Filatélico de Portugal e nosso colaborador.

Naquela cidade do país vizinho, o dr. Vasconcelos Carvalho será um dos membros do júri (único jurado português convidado) do «III Certamen Internacional Filatélico de la Hispanidad», que ali decorre de 10 a 18 do corrente, por iniciativa do Instituto Vascongado de Cultura Hispânica.

J. C. SILVA (ALMARJÃO)

Seguiu em viagem para Espanha França, Holanda e Inglaterra o conhecido livreiro-antiquário sr. J. C. Silva (Almarjão), da Livraria Histórico-Ultramarina.

CASAMENTOS

No Palácio de Seteais, em Sintra, realizou-se ao meio dia de hoje a cerimónia do casamento da menina Anabela Cervantes Kennedy de Bettencourt, filha da sr.ª D. Laura Perez Lopez de Bettencourt e do dr. Luís Filipe Kennedy de Avelar Teixeira de Bettencourt, com o dr. Luís Filipe dos Santos Mateus Mena, filho da sr.ª D. Liége dos Santos Martins Mena e do sr. Júlio Carvalho Mena.

Foram padrinhos, por parte da noiva, D. Olga Bettencourt e Raul Bettencourt; e por parte do noivo, D. Alice Valentim Ferreira e Adeltrude da Conceição Ferreira.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os comboios electricos

BOM APETITE

Restaurant CASTANHEIRA
E. da Torre-Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIARIAS
AOS SABADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA
DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 5 anos)

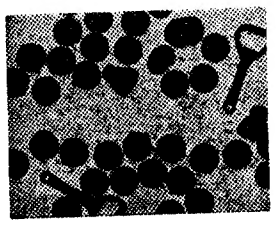
A COLMEIA
RESTAURANTE DIETÉTICO E MACROBIÓTICA
(VIDA LONGA)
SELF-SERVICE
ENCERRADO AOS DOMINGOS
RUA DA EMENDA, 110-2.º
T. 370500 (AO CAMÕES)

CAFÉ «IMPAR»
NO
BAR RIBATEJO
P. DO AREEIRO, 11-D
ABRE Às 7 HORAS

OH LACERDA!
UM CONVITE
PERMANENTE
R. Dr Silva Teles, 18-A

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211 (M/ 5 anos)
JANTARES DANÇANTES
AOS SABADOS E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
PREMIADO PELO SNI

21.ª COLECÇÃO
LISBOA DIA E NOITE
Boletim do dia 8 de Outubro de 1970



CARMEN ELIZABETH MODAS
apresentam no próximo dia 9, às 15 horas, no Hotel Ritz a sua colecção de modelos para Outono e Inverno
MAQUILHAGENS E PENTEADOS
DO
INSTITUTO DE BELEZA THABER
Avenida António de Serpa, 22, 1.º — LISBOA

SINDICATO NACIONAL DOS TÉCNICOS E OPERÁRIOS METALÚRGICOS E METALOMECÂNICOS DO DISTRITO DE LISBOA

CONVOCAÇÃO

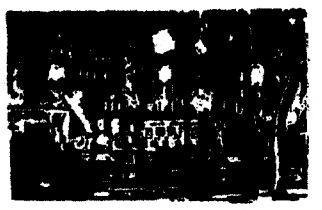
Nos termos do § único do Artigo 24.º dos Estatutos, convoco, a pedido da Direcção do Sindicato, a Assembleia Geral para reunir em sessão extraordinária no dia 10 do corrente, pelas 20.00 horas, no Pavilhão do Estádio da Luz, propriedade do Sport Lisboa e Benfica, sito na Estrada da Luz, n.º 203, em Lisboa, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS:

1.º Informações e esclarecimentos sobre as actividades sindicais.
2.º Proposta de revisão do Contrato Colectivo de Trabalho; sua apreciação.

No caso de não estar presente a maioria dos Sócios à hora marcada, a Assembleia Geral iniciará os seus trabalhos uma hora depois com qualquer número de sócios (Artigo 27.º dos Estatutos).

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
José António Coelho Pinheiro



TERESA TAROUCA

A ESCALA DO ÊXITO

Amanhã, com um «Porto de honra» promovido pela Teléctra — S. A. R. L. (representantes exclusivos em Portugal da R. C. A.), realiza-se no «Solar do Velho Porto» um beberete para apresentação aos órgãos da informação do primeiro LP de Tereza Tarouca, que inclui alguns números seleccionados pela intérprete entre poemas de Fernando Pessoa, Pedro Homem de Mello e Maria Manuela Cid, nomeadamente «Papoila», «Cai chuva do céu cinzento», «Fado do cartaz», «Gota

minhota», «Sino da minha aldeia», «vestígios», «Homem da Lezíria», «Laranjeira de pé de ouro», «Confirmação», «Quadras da minha solidão», «Fado» e «Elegia do Amor». Os conjuntos de Raul Nery e António Luís Gomes acompanharam Tereza Tarouca neste primeiro LP que está a ser aguardado com justificada expectativa.

VASCO LIMA COUTO

TEMPO DE POEMAS

Vasco de Lima Couto trouxe para o fado uma nova dimensão poética. Versos de requintada sensibilidade andam hoje na voz dos nossos melhores intérpretes. Saliente-se os que foram gravados por João Braga (do elenco da «Taverna do Embuçado») para um disco denominado «Tempo de quatro poemas», ligados entre si por variações de guitarra, e onde estão incluídos: «Fado da tua presença», «Difícil tempo de amar-te», «Rua da sombra larga» e «A saudade que me dás». O disco, editado pela Philips e que terá lançamento condigno, será posto à venda na segunda quinzena deste mês. Sobre as últimas gravações de versos seus, o poeta declara: «É uma experiência que me apaixona:» — na solidão em que vivo, sinto-me acompanhado por mim próprio».

Neste disco, João Braga gravou com um conjunto constituído por João Alberto e Manuel Mendes (guitarras), Manuel Martins e Liberto Conde (violas).

ANDREA

A BELEZA NA MONTRA

Isto aconteceu (segundo parece pela primeira vez no nosso país). Pois aconteceu no Porto, exactamente na Rua de Santa Catarina, na montra da Electrovisão. Ela estava na montra cercada por fotografias e discos, recortes de jornais e um letreiro que dizia: «O meu nome é Andrea». Quem passava (claro) parava: afluíam pessoas circunspectas, idosas, indígenas «pops», curiosos de todas as idades. Uma mulher (bonita) na montra dum estabelecimento não é espectáculo que se veja todos os dias. Andrea (recordam-se) é italiana mas radicada no nosso país que percorreu este ano, levando na bagagem as canções românticas que lhe têm granjeado tantos admiradores. Foi já, também, cantar às Ilhas. E, depois, um disco, gravado em Lisboa para a organização Arnaldo Trindade. Como se chama? «Um raio de Sol». Depois de algumas horas na montra (mini-vestida de sorriso insinuante) regressou a Lisboa. Agora, por intermédio do empresário Artur Pereira prepara a sua primeira digressão internacional: larga estadia na Grécia (círculo de «boites» de Takis Cambas) depois Turquia e Estados Unidos para uma série de espectáculos. Mas antes da partida gravará mais dois discos em Lisboa, embora para uma das etiquetas daquela gravadora portenha.

Pedro Machado é um homem de entusiasmo. À sua tenacidade e ao seu espírito de organização ficou a dever-se a criação do conjunto «Os 3 de Portugal», que nasceu no Porto e teve, inicialmente, apenas elementos da capital do Norte. Depois, as aspirações foram mais largas e começaram os primeiros contactos internacionais a provocar actuações em grande número de países da Europa. Seguiram-se séries de espectáculos no Canadá e Estados Unidos e larga permanência no Brasil, com dois contratos prolongados em restaurantes típicos portugueses, «boîtes», programas de Rádio e de Televisão.

A dissolução (recente) do conjunto não fez com que Pedro Machado perdesse o entusiasmo. Jorge Barradas e Zeferino Pinto decidiram criar carreiras independentes. Mas Pedro assegura: «Os 3 de Portugal» não morreram. O título está registado em meu nome e poderia não ter interrompido a actividade. Bastava-me aproveitar algumas das boas vontades que se me ofereceram, com saliência para o «Trio Odemira» que pôs ao meu dispor elementos para prosseguir no cumprimento de contratos. Mas eu preferi assim: escolher cuidadosamente os elementos e reaparecer com «Os 3 de Portugal» numa forma apurada com o nível que o público lhe reconhece e firmou o seu prestígio. A minha passagem pelo teatro (ABC, integrado no «Conjunto Sem Nome») é acidental.

O FADO E O FOLCLORE, EM LISBOA — RESTAURANTES TÍPICOS

PARREIRINHA DE ALFAMA

cantam: Maria do Fé, Argentina Santos, Júlio Peres, Lina Maria Alves, Natalino Duarte, Flora Pereira e Susana da Conceição. Tocam: António Proença e Miguel Ramos ✲ **Cons. mín. 50$00 ✲ Beco do Espírito Santo, 1 ✲ Telef. 868200.**

TAVERNA DO EMBUÇADO

Elenco: João Ferreira Rosa, Vicente da Câmara, João Braga, Ana Rosmaninho e António de Mello-Correia. Tocam: Fontes Rocha, José Luís Nobre Costa e Pedro Leal ✲ **Encerra aos domingos ✲ Consumo mín. 90$00 ✲ Beco dos Cortumes, 10 ✲ Telef. 860816.**

MÁRCIA CONDESSA

cantam: Teresa Nunes, Norberto Martinho, Fernando Manuel e António Reis. Artistas convidados: Candida da Conceição, Julieta Maria, Alzira Moreno e Aurora Sobral. Tocam: Alberto Vilar e António Pessoa ✲ **P. da Alegria, 58 ✲ Telef. 367093 ✲ Encerra à segunda-feira.**

GUITARRA DA MADRAGOA

cantam: Maria Emília, Ana Madalena e José Teixeira. Tocam: António Ferreira e **José Inácio ✲ Rua da Esperança, 174 ✲ Telef. 661915 ✲ Cons. mín. 50$00.**

SOLAR DO MINHO

cantam Eduarda Maria, Natália dos Anjos, Adriana Franco, Nuno de Aguiar e Artur dos Santos. Tocam Hermenegildo Lopes e José Meneses ✲ **Rua do Vigário, 60 ✲ Teef. 866811.**

FOLCLORE

elenco: Arminda Vidal, Fernanda Guerra, Julieta Brigue, Lídia Ribeiro, Marina Rosa, Américo Lima, António Chainho, Fernando Ritagiro, José Maria Nóbrega, Avelino Rodrigues, Fernando Matos e Corpo de baile constituído por 19 elementos e dirigido pelo Coreógrafo António Gonçalves ✲ **Cons. mín. 120$00 ✲ Taxas incluídas ✲ Rua Nova da Trindade, 22-A ✲ Telef. 35007-323406 ✲ Encerra ao domingo.**

TIMPANAS

cantam: Trio Odemira, Alcindo de Carvalho, Emília Reis, Luís Braga e Benvinda Cruz. Tocam: Armando Ferreira e Torquato Lopes. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Canções do Minho por Quim Barreiros ✲ **Cons. mín. 61$50 (taxas incl.) ✲ Rua Gilberto Rola, 24 ✲ Telefones 676655-67341.**

A SEVERA

cantam: Fernanda Maria, Maria Amorim, Maria Portugal, Manuel Fernandes, António Pires e José Amaro. Tocam: Carvalhinho e Paia da Silva e ainda o conjunto «Aguarelas de Portugal» ✲ **Rua das Gáveas, 57 ✲ Telef. 34006 ✲ Encerra à quinta-feira.**

MIL E UM

cantam: Moisés Campelos, Maria Eva, Beatriz Fragoso, Adriana Franco, José de Barros, Maria de Fátima, Henrique Manuel, Lourinda Gonçalves. Tocam: Hermenegildo Lopes e Joaquim Pinto ✲ **Cons. mín.40$00 ✲ Travessa da Espera, 8 ✲ Telefone 35464 ✲ Encerra ás 5 da madrugada.**

LUSO

Elenco: Tristão da Silva, Fernanda Pinto, Glória Maria, Augusta Ermida, Victor Duarte, Plínio Sérgio (em fados de Coimbra), Domingos Camarinha (guitarra) e Jorge Barradas (viola). Conjunto privativo de Danças Regionais, dirigido por António Cunha ✲ **Trav. da Queimada, 10-16 ✲ Tels. 362889--328503.**

FRAGATA REAL

cantam: Celeste Rodrigues, Maria José Ramos, Fernando Maurício e Francisco Martinho. Tocam: João Alberto e Manuel Martins ✲ **Cons. mín. 50$00 ✲ Travessa de S. Miguel, 22 ✲ Alfama ✲ Telefone 868552.**

VIELA

cantam: Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz da Conceição, Beatriz Ferreira e Conceição Tavares ✲ **Cons. mín. 50$00 ✲ R. das Taipas, 14 ✲ Telef 327256.**

A KAVERNA

cantam: Tina Santos e Celeste Maria. Tocam Armadinho Maia e José Maria Carvalho ✲ **Cons. mín. 90$00 ✲ Travessa dos Fiéis de Deus, 37 ✲ Telef. 35593.**

LAR PORTUGUÊS

cantam: José Borges, Nuno de Aguiar, Armando Miranda, Folclore pelo Conjunto Típico do «Lar Português». Tocam: António Bessa e Fernando Reis ✲ **Cons. mín. 50$00 ✲ Rua da Barroca, 133 ✲ Telefs. 36960 e 80532 ✲ Encerra às terças-feiras.**

SOLAR DA MADRAGOA

cantam: César Morgado, Maria Amélia Proença, Maria de Lourdes e Judite Teixeira. Tocam: Sales Carreia e Agostinho Dias ✲ **Cons. mín. 80$00 ✲ Rua das Trinas, 67 ✲ Telef. 669857 ✲ Encerra ao domingo.**

ADEGA MACHADO

cantam: Esmeralda Amoedo, Ivete Pessoa, Nazaré Maria, José Vilela, Tina Ferreira. Fados de Coimbra por João Queiroz, Trio Arautos. Fandango pelo Grupo de Vila Franca de Xira. Tocam: Jorge Fontes e Américo Silva ✲ **Conc. mín. 70$00 ✲ Rua do Norte, 91 ✲ Telefs. 30095-328713 ✲ Encerra à segunda-feira.**

O ARABITA DE ALFAMA

cantam: Alice do Carmo, Rossano Lima, João Cabral. Tocam: Edgard Nogueira (guitarra) e Arminda Gonçalves (viola) ✲ **Encerra aos domingos ✲ Rua da Adiça, 9 ✲ Telef. 86345.**

O FORCADO

cantam: António Rocha, Mariana Silva, Cecília de Jesus, Miguel Silva e João Sabreira. Tocam: Acácio Gomes e Miguel Silva ✲ **Cons. mín. 40$00 ✲ Rua do Rosa, 219 ✲ Telef. 868579.**

GUITARRA DE ALFAMA

cantam: Vitorino dos Santos, Tucha Mascarenhas e José Manuel Osório. Tocam: António Bessa e Fernando Reis ✲ **Encerra ao domingo ✲ Cons. mín. 35$00. Largo do Penalreiro, 7 (Alfama) ✲ Telf. 868505.**

BALEEIRA

cantam: Filipe Duarte, Julieta Reis e Adriana Franco. Tocam: Acácio Rocha e Armando Silva ✲ **Encerra ás segundas-feiras ✲ Cons. mín. 40$00 ✲ Av. Marginal, 21-22 (DAFUNDO) ✲ Telef. 213259.**

RESTAURANTES, BARES, «BOÎTES» E «DANCINGS»

HIPOPPÓTAMO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 3-A Telef. 48384 — Mário Simões e o seu conjunto. Encerrado aos domingos.

NOCTURNO

Travessa Fiéis de Deus, 28 ✲ Telef. 370889 ✲ Poesia com Correia da Silva ✲ Encerra ás 3 e 30.

POP-FADO

R. Ferreira Lapa, 38-D ✲ T. 561949

MAXIME

Conjunto 6 ✲ Reacção e Maximiliano ✲ «Show» turístico ✲ Variedades internacionais ✲ **Praça da Alegria, 58 ✲ Telef. 55366.**

ARCHOTE-CLUB

Discos ✲ Rua D. Filipe de Vilhena

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)

Conjunto Manuel Viegas ✲ Avenida Duque de Loulé, 73 ✲ Telef. 530171.

SANZALA

Av. Marechal Carmona, 2 ✲ Campo Grande ✲ Telef. 790172 ✲ Encerra ás 3,30.

BAIUCA

R. da Barroca, 86 ✲ Telef. 34700

LORD

Rua Victor Cordon, 14-A ✲ Telef. ✲ 323098.

GALERIA REAL

Estrada de São Pedro ✲ SINTRA ✲ Telef. 981661. Encerra á meia-noite.

BONAPART CLUBE

Últimas novidades em discos, recebidos directamente dos E. U. A. ✲ R. de S. Miguel, 70 (Alfama) ✲ Tel. 872761 6-D.

FLOR DE LIS

Rua da Atalaia, 18 (Bairro Alto) ✲ Telef. 367136 ✲ Encerra ás 3 horas.

TÁGIDE

Variedades Internacionais ✲ **Largo da Biblioteca, 18-22 ✲ Aberto ao domingo.**

SNOB

Rua de «O Século», 178 ✲ Telef. 33723.

TAMILA

Morão e s/ Conjunto, **Avenida Duque de Loulé, 69—Telf. 534117 ✲ Matinées todos os dias ✲ Encerra aos domingos.**

ADAGGIO

Apresentação de Teresa Paula Brito e Carlos Portugal no seu novo reportório ✲ **Discos recebidos directamente de Inglaterra, Estados Unidos e Brasil ✲ Rua Carlos Reis 51-A ✲ Telef. 775695.**

CASINO DO ESTORIL

Jogo autorizado ✲ Variedades internacionais ✲ Telefs. 264521 - 264526 - 264596 - 264621 - 264946

FORTE VELHO

Paço ✲ S. João do Estoril ✲ Telef. 261337.

J. PIMENTA SARL
É UMA REALIDADE

na construção e venda de propriedades e no fabrico e venda de materiais de construção

APARTAMENTOS MOBILADOS À VENDA

CASCAIS

Tipo Week-End — 350 contos
Tipo Sol Poente — 470 contos
Tipo Serra Mar—470 a 520 contos
Tipo Cruzeiro do Sul—470 a 520 c.
Tipo Horizonte — 470 a 520 contos
Tipo Baía Azul — 520 contos
Tipo Luar de Agosto—600 a 680 c.

PAÇO DE ARCOS
B.° COMEND. JOAQUIM MATIAS

Tipo 313 A, B e C—190 a 220 cont.
Tipo 319 A, B, C, D e E 275 a 300 contos
Tipo 320 A, B, C, D e E 280 contos
Tipo 321 A e B — 350 contos

REBOLEIRA

Tipo 75 A, B e C — 150 contos
Tipo 73 A, B e C — 200 a 230 c.
Tipo 150 A, B e C — 250 contos
Tipo 150 A, B e C — 260 contos

S. JOÃO DO ESTORIL
ALAPRAIA

Tipo pequeno — 200 contos
Tipo médio — 300 contos

LISBOA
OLIVAIS

desde 370 contos

Apartamento Mobilado n/Tipo 150 — Quarto, sala comum e cozinha. Casa de banho e varandas. Equipado com mobílias de quarto e casa de jantar. Sala com jogo de naples e sofá cama de casal. Cozinha com fogão, frigorífico e esquentador. Casa de banho com armário, espelho, toalheiros, etc.

Apartamento Mobilado n/Tipo 73 — Sala comum com cozinha acopiada, quarto, casa de banho e varandas. Mobílias de quarto, sala de jantar e estar, fogão, frigorífico, esquentador, etc. Casa de banho com armário, espelho, toalheiros, etc

O nosso maior lucro:
5.000 CLIENTES SATISFEITOS

ANDARES À VENDA

CASCAIS

3 assoalhadas	550	Contos
4 «	700	«
6 «	1000	«

PAÇO DE ARCOS
(B.° Comendador Joaquim Matias)

3 assoalhadas	370	Contos
4 «	410 a 425	«
5 «	480	«

REBOLEIRA

Tipo 160 4 assoalhadas	350	Contos
« 152A 6 «	440	«

AMADORA

3 assoalhadas	300	Contos
4 «	535	«
5 «	670	«

LISBOA (Olivais)

3 assoalhadas	325	Contos
4 «	425	«

50 mil contos de propriedades construídas para escrituras imediatas

Em Cascais vendem-se lotes de terreno para a construção de moradias

MORADIAS
CASCAIS
desde 650 contos

TERRENOS
Para construção em Lisboa, Amadora e Paço de Arcos

GARAGENS
PAÇO DE ARCOS
Individuais desde 90 contos
AMADORA - REBOLEIRA
Lotes 6, 7 e 8 — 2 pisos 7.000 contos

ARMAZÉNS

AMADORA	600 contos
QUELUZ	550 contos
REBOLEIRA	de 150 a 5.000 contos
VENDA NOVA - AMADORA	1.200 contos

ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS
REBOLEIRA
desde 300 contos até 8.000 contos
CENTRO DA AMADORA
conjunto de estabelecimentos interligados 4.400 contos
PAÇO DE ARCOS
desde 300 contos, até 470 contos

Para venda a 9.000$ por m²
Aluguer a 60$ por m²

As economias mais modestas encontram nos nossos empreendimentos assegurado acesso à casa própria.

Só vendemos propriedades construídas pela nossa Empresa, em zonas de rápido desenvolvimento e valorização.

250 mil contos de propriedades em construção para venda

Informações:
LISBOA: Praça Marquês de Pombal, 15, 1.° — Telefones 4 58 43 - 4 78 43
QUELUZ: Rua D. Maria I, 30— Telefones 95 20 21/22
REBOLEIRA: Amadora — Telefone 93 36 70
PAÇO DE ARCOS: Bairro Comendador Joaquim Matias — Telefone 2 43 35 11
CASCAIS: R. Reg. Infantaria 19, n.° 30 — Telefone 28 25 75
CONJUNTO TURÍSTICO DA PAMPILHEIRA — Telefone 28 39 88

Em três linhas

Uma portaria do Ministério do Exército atribui ao Regimento de Infantaria 10, o direito ao uso do estandarte nacional.

///

Foi transferido da Relação de Luanda para a de Lourenço Marques, o juiz desembargador do Ultramar, dr. Manuel Fernandes Mota.

///

O total das despesas públicas, de Janeiro a Julho do corrente ano foi de 17957851 contos nos duodécimos orçamentais, e de 15 991 229 contos nas autorizações de pagamento. A diferença é pois de 1 966 622 contos. Nos mapas das operações de tesouraria, no mesmo período, as entradas foram de 25 079 903 contos e as saídas de 25 602 061 contos.

///

Foram aumentados ao efectivo da Armada, na situação de armamento normal, as lanchas de fiscalização «Sírios» e «Vega», as quais ficarão a pertencer à classe «Bellatrix».

///

O arquitecto Carlos da Silva Pinheiro foi nomeado secretário da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa.

///

Foi aprovada a planta parcelar relativa á correcção de uma curva da estrada nacional n.º 14, entre os quilómetros 41,300 e 41,500, e são consideradas de utilidade pública e urgentes as expropriações dos terrenos necessários.

...

Está aberto concurso público para arrematação da empreitada da estrada nacional n.º 225 (construção de terraplenagens entre S. Joaninho (proximidades) e São Joaninho e pavimentação entre Castro Daire e São Joaninho Base: 5853060$00.

///

Foi nomeado comandante-chefe das Forças Armadas de Cabo Verde o contra-almirante Lino Paulino Pereira, em substituição do contra-almirante José Casimiro Alcobia Freitas Ribeiro que terminou a comissão no mesmo cargo.

///

Foram concedidos subsídios, pelo Fundo de Desemprego, à Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais como comparticipação das obras de reconstrução da torre de menagem do Castelo da Vidigueira e desafogo do acesso e do plinto para a estátua de Vasco da Gama, a erigir em Sines.

///

Foi autorizada a emissão de moeda metálica destinada à província de S. Tomé e Príncipe no montante de 1800 contos.

///

Foi abatido ao efectivo da Armada, a partir de 14 de Setembro de 1970, o navio balizador «Almirante Schultz».

///

O eng. agrónomo Vasco Canhoto Vidal foi nomeado professor-secretário do Instituto Superior de Agronomia

ACTIVIDADES DO I. N. I. I.

A partir deste mês, o Instituto Nacional de Investigação Industrial promove diversos cursos e seminários integrados no seu plano geral de actividades de formação e aperfeiçoamento de 1970: «A direcção moderna da pequena e média empresa», «Organização e simplificação do trabalho administrativo», «Planeamento e *contrôle* da produção na indústria de máquinas ferramentas» e «Curso intensivo de secagem de madeiras».

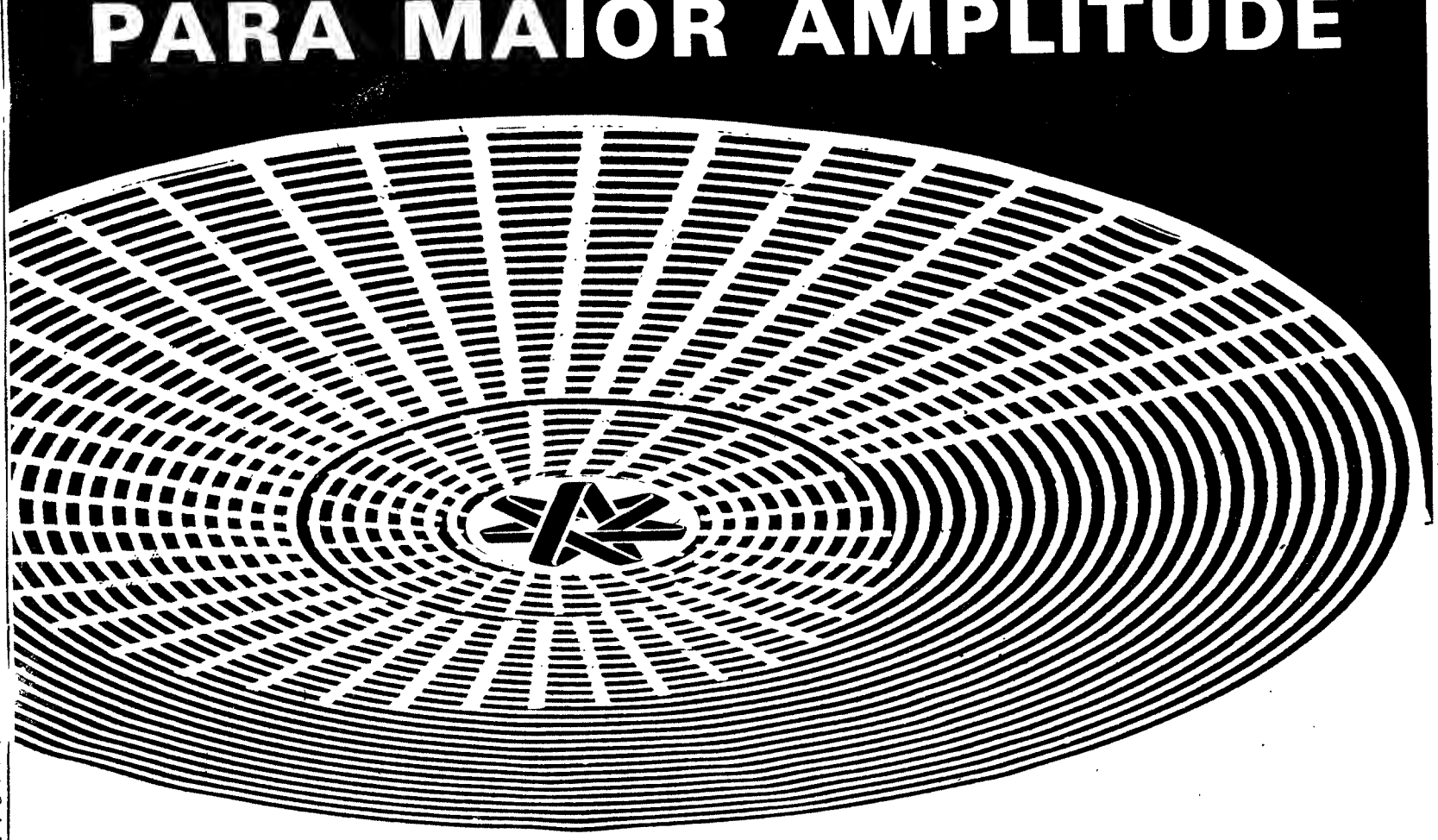
Para informações, os interessados devem dirigir-se ao Grupo de Formação e Aperfeiçoamento do I. N. I. I., Rua de Buenos Aires, 28, 1.º, telefone 677007/8/9.

CEMITÉRIO — POR AGORA NÃO

COIMBRA — Para construção do cemitério das Carvalhosas, da freguesia de Torres do Mondego, obra que é uma das grandes aspirações da gente da terra (tem de servir-se dos cemitérios de outros lugares!), a Câmara Municipal de Coimbra abriu concurso para a respectiva empreitada, cuja base de licitação era de 354 398$00.

O concurso, porém, ficou deserto, e a Câmara terá que deliberar sobre o caso. Entretanto, a população das Carvalhosas vai continuando a esperar pelo cemitério...

EM MOVIMENTO
PARA MAIOR AMPLITUDE



Participe connosco na progressiva amplitude do desenvolvimento sócio-económico do País.

O BANCO DE FOMENTO remunera à taxa de juro anual de 5,5% os depósitos a prazo superior a um ano.

Isenção total de imposto. Disponibilidade dos depósitos por meio de livranças.

BANCO DE FOMENTO NACIONAL

LISBOA - Rua Mouzinho da Silveira,26
PORTO - Avenida dos Aliados,58
ÉVORA - Rua 5 de Outubro,38
VISEU - Avenida Calouste Gulbenkian,335
BRAGA - Avenida Marechal Gomes da Costa,294
SANTARÉM - Rua Guilherme de Azevedo,18

IMPULSIONADOR DO CRESCIMENTO ECONÓMICO NO ESPAÇO PORTUGUÊS

UNESCO—em ordem ao desenvolvimento

PARIS — O director-geral da U. N. E. S. C. O. apresentará, na próxima conferência geral da Organização, convocada para o dia 12 do mês de Outubro próximo e a efectuar na cidade de Paris, um primeiro estudo sobre as dificuldades com que deparou a execução do Primeiro Decénio das Nações Unidas para o Desenvolvimento, no domínio da formação dos recursos humanos e sobre as medidas que seria conveniente adoptar quanto à competência da U. N. E. S. C. O. no novo decénio, que abrange o período de 1970-79.

No conjunto, a capacidade de produção dos países em vias de desenvolvimento aumentou apreciàvelmente, e hoje encontram-se em melhores condições para se abalançarem a programas mais ambiciosos. No domínio da educação, a característica principal entre 1960-1969 foi a do desenvolvimento extraordinário dos sistemas escolares nos países da América Latina, Ásia, África, numa percentagem de 6,8% (quanto aos efectivos do ensino primário) e de 9% (no que respeita ao ensino técnico médio). Mas o director-geral da U. N. E. S. C. O. recorda as resoluções das conferências regionais, e, entre essas, a que se efectuou em Buenos Aires, em 1966, para os países latino-americanos. Em cada 100 alunos inscritos na primeira classe do ensino primário, só 25 chegam ao fim desses estudos, e o nível de deserção, entre a primeira e a segunda classe, chega a ser, em certos casos, de 50%. A XXXII conferência Internacional de Educação, celebrada em Genebra, no passado mês de Julho, serviu para mostrar que esse tipo de escolarização não é normal.

E, no entanto, o sacrifício dos países em vias de desenvolvimento foi extraordinário. Os gastos orçamentais com o ensino na América Latina passaram de 12% dos recursos do Estado, a 15,6%, enquanto a proporção da renda nacional, entre 1960 e 1964, passou de 2,4% a 4,3% do P. N. B.

Na Faculdade de Direito de Lisboa os examinandos têm agora ao seu dispor, à entrada de uma sala de exames, este recipiente com água para, se o desejarem, refrescar os nervos (e não só eles, com o calor que vem fazendo) antes de começarem as suas provas. Não sabemos de quem partiu a ideia nem a iniciativa, mas o certo é que não deixa de ser útil para os sacrificados examinandos...

TELEVISORES

Desde 98$80 Mensais, oferta da antena para os dois programas

FRIGORÍFICOS

Desde 98$80 Mensais, oferta da Dispensa JOVICA

ESQUENTADORES

Desde 98$80 Mensais, com montagem incluída

MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA

Oferta de 24 pacotes SKIP

MÁQUINAS DE LAVAR LOIÇA

Oferta de 16 embalagens SUN

SEM ENTRADA | FIADOR

JOVICA

LISBOA | Avenida 5 de Outubro, 53-C — Telef. 47769
Largo de D. Estefânia, 12-D — Telef. 534536
CACÉM — CASCAIS — SINTRA — VENDA NOVA

1001 VIAGENS de "IT" (Tarifas reduzidas de avião)

Peça a respectiva brochura à

AGÊNCIA ABREU - DESDE 1840

LISBOA: Av. Liberdade, 160-PORTO: Av. Aliados, 207-COIMBRA: R. Sota, 2

A MAIOR E MAIS ANTIGA DE PORTUGAL

SOCIEDADE HIDRO-ELÉCTRICA DO REVUÈ

S. A. R. L.

Capital realizado Esc. 200 000 000$00

Concessionária da produção, transporte e distribuição de energia eléctrica por aproveitamento das águas do Rio Revuè em Moçambique

Sede em Lisboa
Avenida 5 de Outubro, 95-2.º

Delegação em Moçambique
Vila Pery

AUMENTO DE CAPITAL DE 200 000 PARA 250 000 CONTOS

Autorizado por portaria publicada no Diário do Governo, n.º 223, III Série, de 25/9/70

DAS ACÇÕES A EMITIR, DO VALOR NOMINAL DE ESC. 1.000$00 CADA UMA, 20 000 CORRESPONDEM A INCORPORAÇÃO DE RESERVAS E AS RESTANTES 30 000 SÃO REALIZADAS EM NUMERÁRIO, DE FORMA QUE, NO CONJUNTO POR CADA 5 ACÇÕES SUBSCRITAS SÓ 3 SÃO PAGAS

CONDIÇÕES DE SUBSCRIÇÃO

1 — Os actuais accionistas beneficiam do direito de preferência na subscrição destas acções e poderão exercer o seu direito na proporção de cinco acções novas por cada 20 possuídas.

2 — O público em geral e os accionistas que pretendam subscrever para além do direito indicado em 1, poderão também efectuar subscrições, SUJEITAS A RATEIO, de 5 acções ou de múltiplos deste número.

3 — O pagamento, a efectuar integralmente no acto da subscrição, será feito da seguinte forma:

— por cada grupo de 5 acções, sòmente 3 serão liquidadas a Esc. 1000$00, cada uma;

— as duas restantes, provenientes da incorporação de reservas, estão sujeitas ùnicamente à liquidação do imposto de Mais-Valias de Esc. 50$00 por acção.

4 — Os títulos a emitir serão de 1, 5, 10, 20, 50 e 100 acções, podendo ser ao portador ou nominativos.

5 — As acções a emitir terão direito a 25% do dividendo que vier a ser votado para o exercício de 1970 e deverão ser admitidas à cotação da Bolsa de Lisboa no prazo máximo de 6 meses a contar da data da emissão.

A subscrição estará aberta de 8 a 14 do corrente, nas Sedes, dependências e agências dos seguintes Bancos, que tomaram firme a emissão:

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
BANCO FONSECAS & BURNAY
BANCO NACIONAL ULTRAMARINO
BANCO PINTO & SOTTO MAYOR
BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO
BANCO TOTTA & AÇORES

Lisboa, 2 de Outubro de 1970

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Pasta Medicinal Couto Evita e trata doenças da boca PORQUE É MEDICINAL

Por URBAN

Dois dos maiores escrito
nosso século morreram com
valos de poucos dias. Amb
viam sobrevivido à imagem
impusera à consideração m
e tinham, de certo modo, «b
a pintura», como sói dizer-s
firo-me a François Mauria
John dos Passos.

Em diferentes épocas os c
pessoalmente. A Mauriac, cu
apaixonadamente me inte
encontrei-o em Paris, num
de fugida, entre escritores e
do *Exprès* (apresentação c
cunstância), quando ele p
mente derivava da edificaçã
se monumento literário de
íntima do amor-ódio, ou d
-amor, em que poucos o ter
cedido, para o registo aprofu
e reflexivo do seu dia-a-di
lítico», ou civil. Com John d
sos contactei, também epis
mente, numa recepção que,
culpa, foi apenas mundana o

O QUE

co mais, nos salões da Soc
Portuguesa de Escritores. O
gioso renovador da «perspe
no romance tradicional, cuj
nica o próprio Sartre havia
guir na série dos «Caminh
Liberdade», perdera — efei
idade, provàvelmente da a
clerose cerebral — a violênc
lutar e serena da análise soc
o guindara ao vértice das
norte-americanas. Tornara-s
servador, quase sancionava o
tranquilo, o crime legalizado
o que não lhe afectasse o seu
-rom de génio instalado. Mer
pectacular nessa viragem, m
menos desconsolador, do
Steinbeck de «As Vinhas d
ao cauc1onar com o seu no
guerra do Vietnam. Mauria
manecia, pelo contrário, pol
vivo, mas tomara, em rela
juventude de Maio, atitud

O' Ourivesaria da GU

UM NOME NA OUR
PORTUGUESA

RUA D. DUARTE, 4-1
(Edifício do Hotel Mundial)

FRANCÊS • INGLÊS
ITALIANO • RUSSO

MANHÃ, TARDE OU

cial

CENTRO DE LÍNGUAS AV.

A LENTE da memória

URBANO TAVARES RODRIGUES

escritores do
m com inter-
s. Ambos ha-
magem que os
ação mundial,
nodo, «borrado
dizer-se. Re-
Mauriac e a

as os conheci
riac, cuja obra
e interessou,
, num teatro,
itores e gente
tação de cir-
ele precisa-
dificação des-
rio de análise
, ou do ódio-
os o terão ex-
aprofundado
dia-a-dia «po-
John dos Pas-
ém episódica-
o que, por sua
ndana ou pou-

confrangedora incompreensão, bem pouco dignas do adivinho, do irmão secreto, da criatura aberta que todo o demiurgo, todo o grande ficcionista, tem de ser.

Porém — e a isto venho — o que deles fica não são as momices derradeiras, as palavras académicas ou de tralção ao que foram, àquilo em que a palavra os tornou, senão a própria palavra escrita, suspensa em tempo. Assim, o Mauriac de que falaremos amanhã e depois de amanhã e ainda muito depois será o atento e cruel examinador dos duelos, dos rancores, dos desvarios, vinganças, misérias e grandezas do matrimónio burguês e católico, da classe possidente das landes bordalesas, da nudez terrível de Thérèse Desqueiroux, da ânsia de amor de «O Beijo ao Leproso», da vertigem e da dialéctica íntima de «Ninho de Víboras», o Mauriac cidadão na hora da França ocupada, o memo-

QUE DELES FICA

da Sociedade
ores. O prodi-
«perspectiva»
nal, cuja téc-
havia de se-
Caminhos da
— efeito da
da arteros-
violência sa-
lise social que
ce das letras
rnara-se con-
nava o crime
alizado, tudo
se o seu rom-
do. Menos es-
em, mas não
r, do que o
nhas da Ira»
seu nome a
Mauriac per-
io, polémico,
n relação à
atitudes de

rialista da maturidade, não da decrepitude.

De John dos Passos há-de perdurar a implacável denúncia da América do começo do século e do período da depressão, o retrato espectral da sociedade do dinheiro, de Baal-Nova-York, em «Paralelo 42», «*Nineteen Nineteen*», e «*The big Money*». E, sobretudo, a ternura, a descida aos abismos do ser, a interacção do interior e do exterior, a apresentação do homem em relação na sua obra-prima «*Manhattan Transfer*». O mundo asfixiante da ambição, da hierarquia, da burocracia, da supremacia, da ostentação, espelho dos vícios, dos tiques, dos complexos, da castração, e, também, da coragem, da capacidade de sonho, de trabalho, de inovação e até, nesse tempo, de insurreição do homem médio americano.

CUSTARÁ CERCA DE 1500 CONTOS

O NOVO HOSPITAL DE LAGOS

LAGOS, — Numa das montras da Repartição de Turismo desta cidade, encontram-se expostas as plantas de remodelação do Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Lagos, o que tem despertado bastante interesse e comentários entre a população.

Pelo que se conseguiu apurar, e, ainda, pelo exame das referidas plantas, pode verificar-se que os técnicos que efectuaram esse estudo tiveram a preocupação de, dentro do limitado espaço de que dispunham — o velho edifício — construir um novo hospital, que, embora pequeno, tenha o máximo dos requisitos modernos e possa servir condignamente a cidade.

Assim, parece que do velho edifício só ficarão as paredes exteriores, com excepção das instalações da consulta, beneficiadas há anos atrás. O resto é tudo demolido para dar oportunidade a um total aproveitamento, criando-se a possibilidade de instalar um Serviço de Sangue, indispensável num moderno hospital, e, ainda, um Serviço de Agentes Físicos. Para o Serviço de Sangue, segundo se apurou já existe aparelhagem.

Merece relevo especial o facto de ter sido transformado um pátio interior em local de admissão de doentes de urgência, sendo possível a entrada de uma ambulância ou automóvel. Deste modo, vai acabar o triste espectáculo, em plena via pública, à porta do hospital, da transferência de sinistrados do transporte que ali os conduziu, para a maca do hospital.

O segundo pavimento assentará sobre placa de cimento, e nota-se que houve a preocupação de prever uma sala de operações mais ampla, só a própria para partos e pequenas salas de internamento, onde os doentes ficarão melhor instalados. Como não havia espaço para os corredores de acesso às enfermarias, sacrificaram-se dois quartos, dos quais se projectam galerias através do pátio central do edifício.

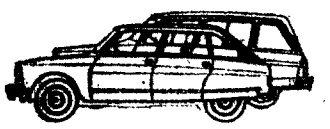
Nestas obras vão ser gastos 1454 contos, sendo a maior parte encargo do Estado. Porém, a Santa Casa da Misericórdia tem necessidade de arranjar fundos para a sua comparticipação

CITROËN

Festejamos o nascimento de mais um AMIGO. É já o milionésimo. Sentimo-nos felizes e com a satisfação própria de quem cumpre o seu dever. Para se produzir um milhão de carros de um modelo é preciso que ELE tenha a aceitação do público. E para isso é preciso que ELE reúna o conjunto das qualidades que fazem decidir o comprador mais exigente. Tinhamos de oferecer-lhe um presente. De escolha difícil pois o nosso AMIGO tem de tudo. Ou quase tudo! Faltavam-lhe as janelas de descer. Para um ainda maior conforto de condução. Pequeno argumento entre as suas grandes qualidades: janelas de descer e muito espaço por dentro para pessoas e bagagem, janelas de descer e o conforto e segurança Citroën, janelas de descer e travões de disco, janelas de descer e 35 cavalos, janelas de descer e a suspensão Citroën, janelas de descer e 6,5 litros aos 100 km., janelas de descer e tracção à frente, janelas de descer e... etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., mini-consumo e maxi-conforto só com o CITROËN AMI-8.

ami8

COM JANELAS DE DESCER



ia do
JUIA
OURIVESARIA
GUESA

Fundada em 1875

PARA COMPRAR OU VENDER
AS SUAS JÓIAS
BARBOSA, ESTEVES & C.ª, LD.ª
293 — Rua da Prata — 295

FAQUEIROS DE PRATA
TODOS OS ESTILOS
FABRICO ESPECIALIZADO
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusto, 255 — LISBOA

LÊS • ALEMÃO
SO • HEBRAICO
DE OU NOITE

AV. DA REPÚBLICA, 14
Telef. 53 37 33

BRILHANTES
De qualquer tamanho e preços compramos: Pagamos muito bem.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

iniciada a venda da 2ª fase.

APARTAMENTOS com sala, quarto, kitchenette, casa de banho e uma magnífica varanda sobre o mar. Alcatifas, ar condicionado, isolamento térmico e acústico, aquecimento, grandes armários. Kitchenette inteiramente equipada: fogão, frigorífico, esquentador, máquina de lavar louça e, ainda, exaustor de fumos. Lavandaria comum e habitação do porteiro no r/c.
O conforto à sua espera.

ESTÚDIOS prontos a habitar, completamente mobilados e equipados.

Visite o local (dias úteis das 14 às 19 h; Sábados e Domingos das 11 às 13 h e das 14 às 20 h).

emaco

INFORME-SE
das extraordinárias vantagens
de comprar agora
Rua Barata Salgueiro, 53, r/c
LISBOA

APARTAMENTOS
SOBRE A PRAIA
VENDEM-SE
EM CARCAVELOS
NA QUINTA DOS LOMBOS

PENTA E-1-70

AINDA O «CONTRÔLE» DOS BILHETES NA ESTAÇÃO DO ROSSIO

A propósito da notícia publicada no «Diário de Lisboa» sob o título «*Cenas lamentáveis ocorrem diàriamente na estação do Rossio*», e na qual referiamos um «contrôle» de bilhetes que unicamente dá origem a atritos, escreve-nos o nosso leitor Vítor Hugo Ventura (Rua Marquesa de Alorna, 16, r/c. dto.):

Porque me utilizo algumas vezes dos comboios da linha de Sintra não posso deixar de concordar com o artigo publicado no «D. L.» do dia 27-9-70.

O mais curioso de tudo é que os referidos funcionários não fiscalizam absolutamente nada.

Quem se der ao trabalho de se deslocar á estação do Rossio verá que os empregados colocados nas entradas nem os bilhetes (ou passes) pedem. E os de serviço nas portas de saída limitam-se a receber um «pedaço de cartolina» que, apressada e diligentemente, amarrotam de seguida.

Parece portanto que o trabalho dos «fiscais» é nulo e bem poderiam ser adstritos a serviços bem mais uteis ao público e á própria C. P.

Cabe perguntar: será que a C. P. sabe o que é «racionalização de serviços»? Ou a sua situação é tão deficitária que nem para isso as verbas chegam?

Cursos de engenharia de cinco anos

O ministro da Educação Nacional foi apresentado um projecto que prevê profunda remodelação da estrutura do ensino nos cursos de Engenharia. Entre os aspectos mais salientes, apontam-se a redução de 6 para 5 anos no tempo dos respectivos cursos; a criação de novas cadeiras, com a finalidade de tornar os cursos mais formativos e menos informativos; regime de opção mais maleável; adopção de um sistema semestral; progressiva substituição dos exames por métodos de avaliação contínua.

O projecto, que se espera venha a ser adoptado já este ano, foi elaborado ao longo de encontros entre professores e alunos, representando o Instituto Superior Técnico, a Faculdade de Engenharia do Porto e ainda professores das Faculdades de Ciências de Lisboa, Porto, Coimbra, Luanda e Lourenço Marques.

Os alunos, para além das cadeiras obrigatórias, têm agora ampla margem de escolha.

O projecto inclui, ainda, uma renovação quanto às cadeiras da parte da especialidade, a introdução de outras de índole cultural, a exigência de mais tempo de presença dos professores e assistentes, modificação do regime de estágios e modificação do regime de passagem e de precedências.

Por sua vez, a Faculdade de Engenharia do Porto apresentou igualmente um projecto de renovação dos seus sistemas de ensino e está prevista a criação de uma Faculdade de Engenharia em Coimbra.

CONCURSO DE GANADARIAS DO RIBATEJO

Pelas 21 h., na Casa do Ribatejo (Rua do Salitre 136, 1.º), os prémios do concurso de ganadarias, das corridas efectuadas em Santarém, por ocasião da ultima Feira Nacional de Agricultura. Um banquete antecede o acto da entrega de prémios.

Artes plásticas

A galeria de Maria Adelaide Lima Cruz

Durante o mês de Outubro encontra-se aberta ao publico, das 15 ás 20 horas a galeria de arte da pintora Maria Adelaide Lima Cruz à Rua de S. Filipe de Nery, 42, r/c.

A conhecida artista, que realizou recentemente um grande painel para uma das salas do Palácio da Justiça de Lisboa, apresenta nessa galeria as suas últimas obras.

António Vasconcelos nas Arcadas do Estoril

Está patente ao público, na Junta de Turismo da Costa do Sol (Arcadas do Estoril), uma exposição de aguarelas, desenhos e guaches do artista António Vasconcelos, que ficará aberta todos os dias das 10 ás 22 horas.

O Salão de Arte Moderna da Costa do Sol será inaugurado no próximo dia 17. A entrega dos trabalhos termina no dia 10.

Conforme noticiamos serão atribuídos dois prémios do Salão: um de 10 mil e outro de 2 mil escudos, respectivamente, podendo ser atribuídos em qualquer das modalidades.

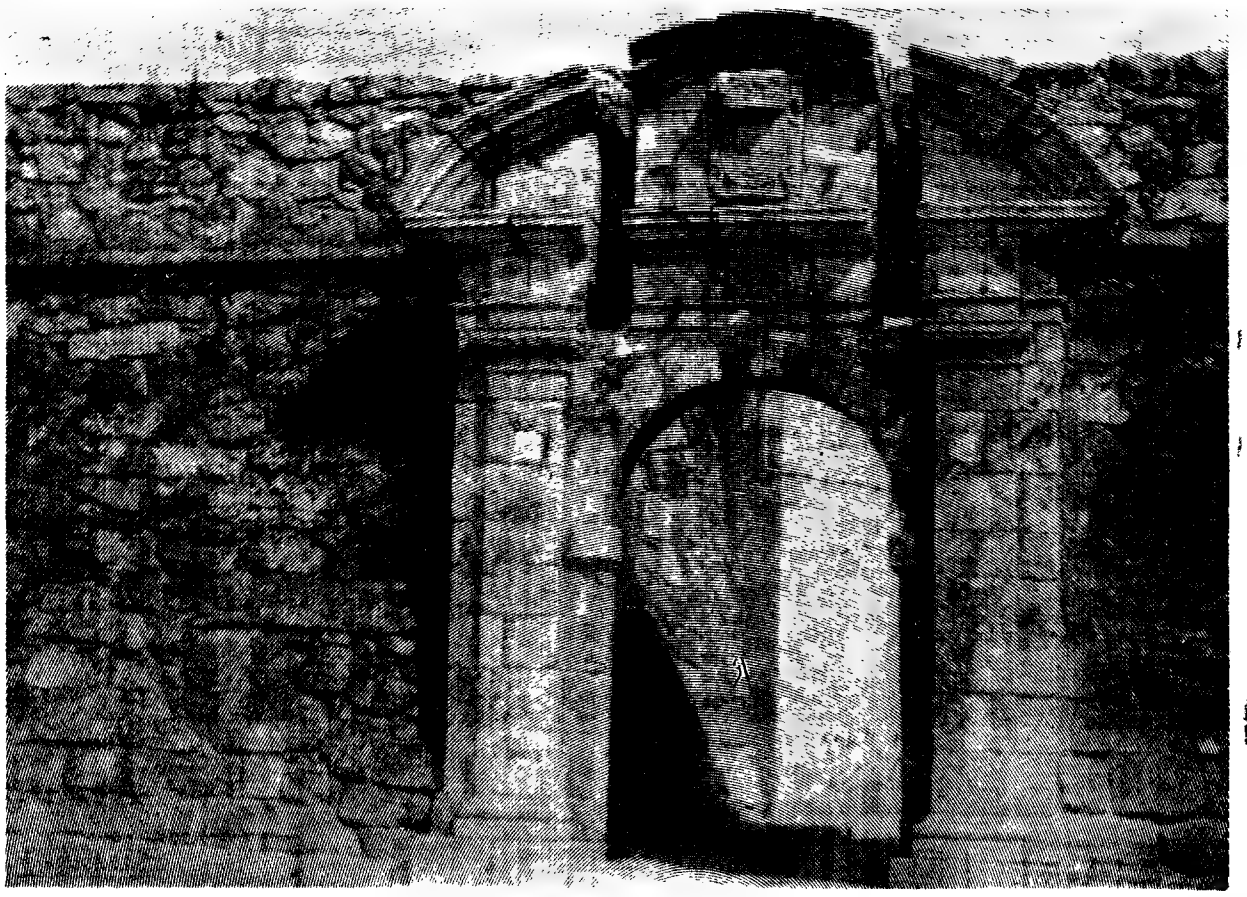
São ainda atribuídas medalhas de prata e de bronze em cada uma das modalidades.

O artista Arlindo Rodrigues expõe no S. N. I.

Numa das salas do Palácio Foz foi inaugurada a exposição do artista Arlindo Rodrigues.

Arlindo Rodrigues, ceramista bem conhecido, com grande actividade na Fábrica da Viuva Lamego, embora poucas vezes aparecendo em publico, apresenta agora uma série de trabalhos realizados ultimamente

MONÇÃO



Praça forte de gloriosa lembrança onde a coragem e lendária argúcia de Deu-la-Deu firmaram a primeira fronteira do Reino e região de natureza pródigamente abençoada.

É SERVIDA, A PARTIR DE AGORA, PELAS NOVAS INSTALAÇÕES DA AGÊNCIA DO

BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

na RUA GENERAL PIMENTA DE CASTRO, nº 13

COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS DA GUINÉ

BISSAU — É do seguinte teor o boletim informativo das Forças Armbadas da Guiné, relativo ao período de 20 a 27 de Setembro passado:

«Durante as missões de patrulhamento levadas a efeito pelas Forças Militares ás regiões fronteiriças mais procuradas pelo inimigo para executar infiltrações no território nacional, no período e na área de Fambantã e no Rio Cacheu, foram detectadas duas dessas tentativas, as quais abortaram face á aproximação das nossas forças, recolhendo esse inimigo ao Senegal. Ao mesmo tempo, na linha de fronteira frente a Bigene, um grupo inimigo procurava instalar-se na área, tendo sido detectado pelas forças militares, que destruiram o acampamento em construção e capturaram munições diversas, tendo também causado ao inimigo cinco mortos controlados.

As populações de Caboiana novamente desmascararam a presença de um grupo infiltrado, ao qual as nossas forças moveram intensa perseguição, obrigando-o á fuga após ter abandonado no terreno nove mortos e permitido a captura de quatro elementos que o acompanhavam. Prosseguindo na boa colaboração prestada ás autoridades, também na área de Piche as populações de Copiró, Binam Sambel, Binam Alimo e Sagar denunciaram ás forças militares a presença dum grupo inimigo que as havia espoliado e espancado. Este foi perseguido quando procurava a fuga para a Republica da Guiné, abandonando os produtos do roubo e algum material de guerra, na altura em que precipitadamente atravessava o rio Coli, limite da fronteira.

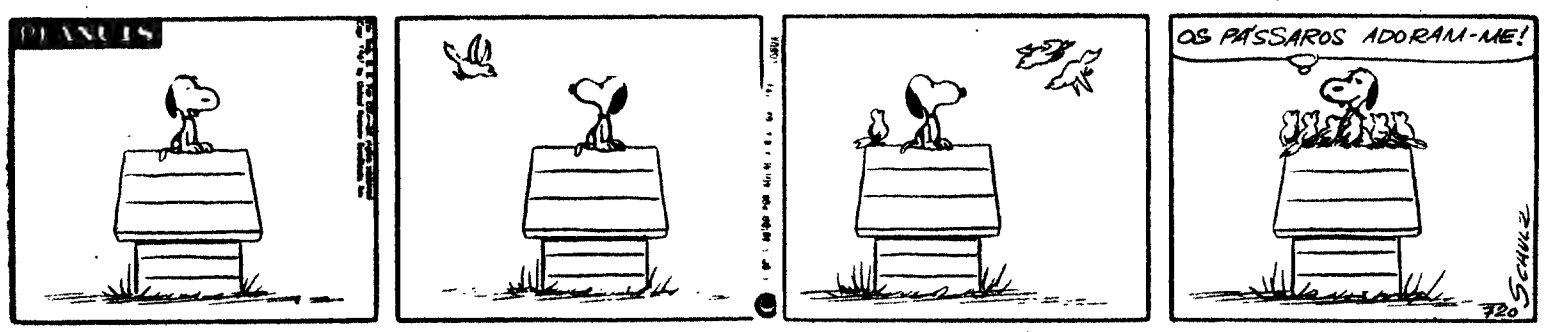
Embora tenha diminuído o fluxo das apresentações, compreensível por se saber que nesta época agrícola as populações refugiadas têm de aproveitar e obter rendimento das culturas em curso, mesmo assim, ainda se registou o regresso de vinte e seis elementos refugiados, sendo de destacar dentre estes, a apresentação de dois chefes de tabanca de enorme preponderancia no meio das suas populações.

Também continuaram a acorrer aos nossos postos de fronteira vários cidadãos das Republicas vizinhas — trezentos e cinquenta e três senegaleses e cento e trinta guineenses — os quais agora são forçados a iludir a vigilancia das suas autoridades que, além de não lhes fornecerem os mínimos apoios sanitários também pretendem impedir-lhes a obtenção desse auxílio nos serviços de saude portugueses.

Além da já mencionada actividade inimiga, com o apoio de armas pesadas, verificaram-se ainda flagelações ás povoações de Sedengal, Copá e Cameconde, aquelas partindo do Senegal e esta da Republica da Guiné.

Durante o período, as forças militares sofreram um morto em combate, cujos elementos de identificação foram oportunamente comunicados».

Os Peanuts



Carol Day

Aventuras do Tio Carlos

HÁ 30 ANOS

O «Diario de Lisboa» de 8 de Outubro de 1940 publicava:

«BERLIM — Durante a noite passada, a aviação britanica atacou fortemente esta capital. Foi o ataque de maior duração e violência até agora registado contra a capital do Reich, desde que começou a guerra.»

VINDIMAS NO DOURO

BARQUEIROS (Douro), 8 — Começaram nesta localidade e regiões circunvizinhas a grande faina das vindimas, que está a decorrer sob tempo maravilhoso.

As uvas são de qualidade superior ás do últimos anos, mas nota-se que a quantidade, é ligeiramente inferior á colheita do ano transacto, salvo em raras vinhas.

Espera-se que os preços dos vinhos venham a ser compensadores, pois os lavradores de tudo receiam e são por vezes forçados a pagar elevados salários, pela falta de braços para os trabalhos agrícolas.

CAMISAS P. MEDIDA
HIRONDELLE
R. Pedro Nunes, 39
(ao Saldanha)

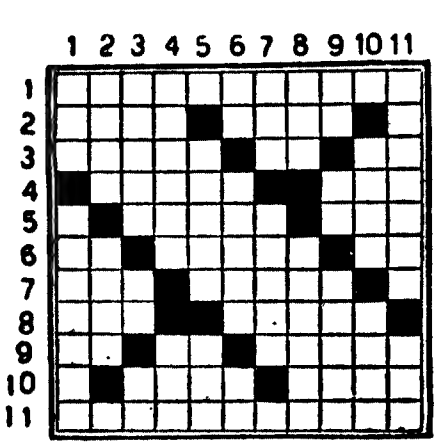
Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5679

HORIZONTAIS: 1 — Tomarias a vender. 2 — Cidade do rio Grande do Norte. Ave do Brasil. 3 — O mesmo que assenta. Deusa da Lua entre os Egípcios. Prefixo de negação. 4 — O ocidente. Matemática (abrev.). 5 — Freguesia do concelho da Covilhã. Sufixo que designa pequenez. 6 — Preposição. Encolerizas. Artigo definido (ant). 7 — Víscera dupla. Tempo do verbo ser. Artigo definido. 8 — Rio de Portugal. Divisões de uma casa. 9 — Vinação. Amónio (s.q.). Papão (pl.). 10 — Cinchos. Ilha do Pequeno Belt. 11 — Darias murros em.

VERTICAIS: 1 — Chefe etíope. Realidade. 2 — De cobre. Dar mios. 3 — Triunfa de. Pedra de moinho. Antes do meio-dia. 4 — Tempo do verbo estar. Sapo do Amazonas. 5 — Guarneceis de asas. Maior. 6 — Oferece. Pessoa que bebe muito vinho (pl). Senhor. 7 — Bia. Irmão de Moisés. 8 — Artéria. Temperar com sal. 9 — Prefixo de negação. Nota musical. Curai. 10 — Pequeno barco de recreio. Cidade de Itália. 11 — O mesmo que arolla (caranguejo). Solitários.



Resolveu completamente este problema.
Procure agora em segundo passatempo o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5678

HORIZONTAIS: 1 — Vascolhoram. 2 — ÓDIO. Vórado. 3 — Sanam. Salir. 4 — Rédea. Mear. 5 — Salta. Sra. 6 — Ce. Soara. Ar. 7 — POR. Acama. 8 — Amor. Abala. 9 — Relas. Aduba. 10 — Atania. ÓDIO. 11 — Remorderias.

VERTICAIS: 1 — Vós. Reparar. 2 — Adar. Comete. 3 — Sines. Rolam. 4 — Coadas. Raro. 5 — Meloa. Sir. 6 — LV. Ataca. Ad. 7 — Hás. Arabá. 8 — Aram. Amador. 9 — Rales. Aludi. 10 — Adiara. Abia. 11 — Marrara. Aos.

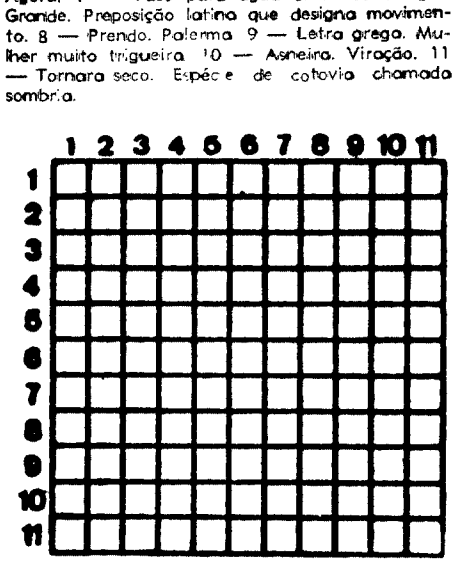
PROVÉRBIO: **Ódio por ódio.**

(NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 9522

HORIZONTAIS: 1 — Investigaram. 2 — Berilo. (s. q.). Defunta. 3 — Aqui. Espaço de doze meses. Prasiodímio (s. q.). 4 — Vila e sede do concelho (Beja). Oceano. 5 — Bálsamo-do-peru. Guerra. 6 — Enforcar. 7 — Fronteira. Série de arcos. 8 — Irmã da mãe. Canoa de casca de árvores com a proa e a popa achatadas. 9 — Artigo definido. Rio de Portugal. Apelido. 10 — Faleça. Nesse lugar. 11 — Mulher que, num tabuleiro posto à cabeça, leva o pão ao forno e o traz depois de cozido (Prov. Beir).

VERTICAIS: 1 — Prefixo árabe que significa pau. Vila e sede do concelho (Beja). 2 — Lê. Herdades. 3 — Maltratava. Ruim. 4 — Formara as abas a. Mágoa. 5 — Prefixo de negação. Mau cheiro. Célebre marinheiro francês que se distinguiu na Guerra da Liga de Ausburgo. 6 — Distrito da Índia portuguesa. Nome de mulher. Agora. 7 — Vaso para água entre os antigos. Grande. Preposição latina que designa movimento. 8 — Prendo. Palerma. 9 — Letra grega. Mulher muito trigueira. 10 — Asneira. Viração. 11 — Tornara seco. Espécie de cotovia chamada sombria.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9521

HORIZONTAIS: 1 — Aprovaremos. 2 — Toira. Elafo. 3 — Alão. Cl. Im. 4 — Cós. Coagira. 5 — Ás. Per. Eva. 6 — Sam. Olá. 7 — Mat. Avô. IV. 8 — Colapso. Pré. 9 — Ar. Ri. Cais. 10 — Icipó. Cotas. II — Matraqueara.

VERTICAIS: 1 — Atacar. Caim. 2 — Potos. Morca. 3 — Rias. Sal. It. 4 — Oro. Pata. Pr. 5 — Vá. Cem. Proa. 6 — Cor. Asi. 7 — Rela. Ovo. Cu. 8 — El. Gelo. Coe. 9 — Má. Ivã. Pata. 10 — Ofira. Iniar. II-Soma. Avessa.

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

NAVIOS	SAÍDAS	PORTOS DE DESTINO
«TIMOR» *	9 de Outubro	Directo a: Luanda, Lobito, L. Marques, Beira, Nacala, Singapura, Hong-Kong (Macau) e Dili.
«S. THOMÉ» *	9 de Outubro	Directo a: Luanda, Lobito e Cabinda.
«NACALA» *	15 de Outubro	Directo a: Lobito, L. Marques, Beira, Moçambique e Nacala.
«MOÇÂMEDES»	21 de Outubro	Leixões, Cabinda, Zaire (se necessário), Luanda, Porto Amboim, Novo Redondo, Lobito, Moçâmedes e se necessário, Porto Alexandre e Cuio.
«P. PERFEITO»	4 de Novembro	Luanda e Lobito.
«PORTO AMÉLIA» *	7 de Novembro	Directo a: Luanda, L. Marques, Beira e Nacala.

* Com escala prévia por Leixões

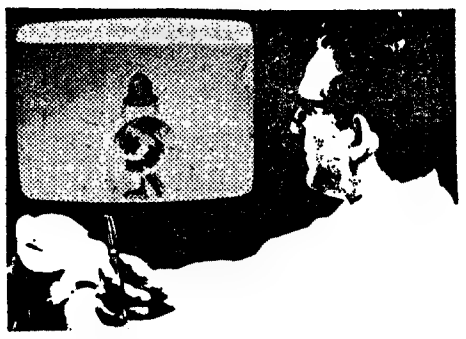
Reserva de passagens: Telefs. 34764 e 369172

LISBOA — R. DO COMERCIO, 85; TEL. 323021
PORTO — R. INFANTE D. HENRIQUE, 63; TEL. 22438

FÁTIMA
GRANDE PEREGRINAÇÃO
DIAS 12 E 19
Partida às 7.30 horas — Volta completa
Partida às 14 h. — Volta directa
MISSA AOS DOMINGOS
Informações e Inscrições:
TURIJORGE
Praça de Londres, 9-B
Telef. 724957
AUTOCARROS EDUARDO JORGE
R. Jardim Regedor, 35
Tels. 30971 - 30972

MAIORES DE 17 ANOS — AMBIENTE SELECCIONADO
MÁRIO SIMÕES
E O SEU CONJUNTO
no «BOÎTE»
HIPOPÓTAMO
SERVIÇO DE CEIAS
MARQUE A SUA MESA PELO TELEFONE 48384
AVENIDA ANTONIO AUGUSTO DE AGUIAR N. 3
ABERTO DAS 22 ÀS 5 H (Encerrado aos domingos)

Em ALCOBAÇA o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por José Conde, R. Vasco da Gama, 12. Conde, R. Vasco da Gama, 12.



CANAL DA VOZ E TICA

por MÁRIO CASTRIM

QUATRO NOVES FORA NADA

As variedades da Televisão portuguesa são aquilo que nós sabemos e não se fala mais nisso. Por outro lado, o que se canta por aí também é do que não se fala mais nisso. E então pensou-se que à Televisão portuguesa lhe cumpria melhorar as suas variedades. Mas como melhorar as variedades se o mercado não fornecia material suficiente? Pois bem, à Televisão portuguesa competia-lhe explorar o mercado não conhecido dos valores cançonetisticos para assim melhorar o mercado conhecido, para assim melhorar os seus programas de variedades, para assim se tornar mais e melhor televisão. Muito boa gente supõe que não se esgotaram em Portugal os valores capazes de refrescar os tais

Há mar e mar... há ir e voltar

programas de variedades. Não se discutem agora simpatias, conveniências e outras palavras por igual eufemísticas. Novos valores para o comércio da canção? Baril, venham eles.

Não vieram. Os quatro que ontem actuaram eram só novos por fora: por dentro estavam mais velhos que as alforrecas. Não vimos um programa de canções: vimos um programa de arqueologia. Em palavras, música e obras foi tudo muito paleoliticozinho. Mesmo que pretendêssemos lançar mão do alibi do relativismo, não se saberia que fazer. Entre a Tónia mecânica do «Fado Campino» e a Dina do Carmo automática da «Marcha de Lisboa»; entre Mário Bessa pernóstico do «Vocês sabem lá» e a Luisa Vieira sem relevo do «Vai meu sonho» — não há, em boa verdade, escolha possivel.

Recuso-me a acreditar que não existem em Portugal jovens capazes de cantar pelo gosto de cantar e até de cantar como forma de se realizarem. A Televisão portuguesa pode perguntar porque não aparecem pois esses tais. Pode perguntar-se o que lhes sucederia se aparecessem... A verdade é que existe generalizada a crença de que na Televisão portuguesa só são possiveis cançonetistas e canções como as que ouvimos e vimos ontem: cançonetistas para quem cantar é exibição (má, por sinal...) e não uma forma de conviver; para quem a canção é uma questão comercial, uma simples procura de emprego, uma ilusão de fama, a droga alucinogénea que lentamente destroi o entendimento e a inserção no real...

Enfim: a Televisão poderá, assim, levar um ou outro nome ás variedades próprias ou ao mercado da canção — mas não alterará, em nada, o vácuo existente — os nomes diferentes não modificam a substância.

Resta dizer que o público poderá encarar com desconfiança o processo que consiste em levar perante as câmaras da televisão o produto resultante de uma escolha, de uma selecção. Devia dar-se á opinião pública a possibilidade também de ter... opinião. Quer dizer: as sessões de que resultou a escolha deviam ser públicas e televisionadas. Isso tiraria o ar solene, o ar de coisa séria que já ontem rodeou a apresentação (ultraprovinciana...) dos candidatos a aplausos. O que se fez ontem pode ser uma crueldade: alimentar ilusões não é nunca uma obra de misericórdia.

Corte Real — primeiros aplausos

ENSAIO: AS CONDIÇÕES E AS CONFUSÕES

João Martins veio dizer-nos, no princípio do «Ensaio», que a culpa era do som. Mas não se arrependeu. Considera que a perfeição técnica deve ser sacrificada á naturalidade.

Naturalidade: eis aqui o que não existe em «Ensaio». Naturalidade televisiva, entenda-se. O químico Pinto Rodrigues fala das drogas alucinogeneas em termos a que o público não pode aceder; Fernando Pernes continua em situação literária altamente ridícula — e foi pena, diante do material de Amadeu de Souza Cardoso que nos proporcionou; o arquitecto Pedro Vieira de Almeida não conseguiu igualmente libertar-se de literaturas e complicações no texto de uma rubrica aliás bem documentada. Quer dizer: «Ensaio» mantém-se orgulhosamente entrincheirado nos seus defeitos — em que o do som, afinal, sendo grave, não é o maior.

Em tempo: devem ter provocado uma certa confusão as apreciações do químico Pinto Rodrigues relativas ao tabaco que o assunto é muito discutível, que «*o ponto reside na possibilidade ou não de desencadear o cancro nas pessoas* que abusam dele» que «*a comparar com a acção das drogas alucinogénias, a do tabaco fica muito aquém daquilo que poderiamos considerar maléfica*».

Não foi, com certeza, intenção do entrevistado dar «luz verde» ao uso do tabaco. No entanto, julgo não haver nenhuma vantagem em minimizar publicamente a acção de um produto, isto num tempo em que os próprios fabricantes são obrigados por lei a declarar, na embalagem, que ele pode produzir o cancro!

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 491 m — 665 kc/s. — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Ritmos para a juventude; 16 e 30: Que quer ouvir?; 17: Noticiário — Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira; Programa da tarde; 17 e 35: Do Choupal até á Lapa; 18 e 10: Portugal Missionário, pelo padre Augusto Maio; 18 e 40: Musica e Sonho; 19 e 45: Rádio Rural — Musica, só musica; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Solistas ligeiros; 20 e 40: 4.º Episódio do Folhetim «A Cidade e as Serras»; 21 e 05: Espectáculo: Magazine de Teatro, por Jorge Figueiredo de Barros; 21 e 25: Conjuntos ligeiros; 21 e 40: Variedades no estudio; 22 e 30: Orquestras e conjuntos; 23 e 05: Programa da noite; 24: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s. — Às 16 e 30: 1.º Acto da ópera «O Matrimónio Secreto (Cimarosa); 18: Musica do Século XX; 19: Tempo Literário; 19 e 25: Folclore Português — Musica da Beira-Alta e da Beira-Baixa, recolhida por Artur Santos (gravações cedidas pela BBC); Musica de piano; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Resumo do programa — Musica instrumental; 20 e 30: Musica Coral Religiosa; 21: Concerto pela Academia de Instrumentistas da Emissora Nacional, sob a direcção de Fritz Rieger e realizado no Tivoli em Lisboa — Sinfonia em dó maior K. 551 «Jupiter» (Mozart); 21 e 32: Panoramas da História, pelo dr. João Ameal; 21 e 50: Recital pelo duo de violino e piano Lidia de Carvalho-Helena Matos — Sonata em lá maior op. 30, n.º 1 (Beethoven); 22 e 11: Solo de órgão — Introdução e Allegro (Arthur Wills); 22 e 20: Poemas Sinfónicos; 22 e 58: Fecho.

Programa MF 2—94,2 mc/s. — Às 23: O pianista Claudio Arrau — Humoresque op. 20 (Schumann); 23 e 30: Intercambio musical — Festival de Viena de 1970 (em gravações cedidas pela Radiodifusão Austríaca); 0 e 05: Musica de François Couperin; 0 e 27: Canções do Pôr-do-Sol (Delius); 1: Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE — — 451 m — 665 kc/s. — Às 19 e 10: Abertura; 19 e 12: Discoteca R. U.; 19 e 30: Radioscopia; 19 e 45: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s. — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 21: Musica portuguesa; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 07: Musica para o seu jantar; 20 e 30: Semana 7; 20 e 45: Rádio Placard; 21 e 03: Diálogo; 21 e 08: Tempo-Novo; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Mensagens bíblicas; 23 e 22: Grande roda; e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s. — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa-noite em FM; 22 e 02: Programa 6 Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 02: Banda Sonora; 2: Perspectiva; 3 e 02: Fecho.

Emissor de Miramar — 388,6 m — 782 kc/s. — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: «Matinée» teatral; 19 e 05: Miscelânea; 19 e 2 : Robbialac; 19 e 35: Estudio 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 05: Só-Rádio; 21 e 40: Contrastes musicais; 21 e 45: O Arauto da verdade; 22 e 08: O Santo; 22 e 15: Cristo para todas as nações; 22 e 30: Carrossel-3; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 mc/s — 1285 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Vozes portuguesas; 18 e 30: Terço e bênção do Basílica dos Mártires; 19 e 05: Esquema; 19 e 30: Página 1; 20 e 50: Semana Nacional do Ensino Religioso; 21: Variedades; 21 e 30: Fados de Coimbra; 21 e 45: Solistas modernos; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora e Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA—Onda média—288 m — 1594 kc/s. — 94,4 mc/s. — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 12 ás 14 e 30, **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 10 e das 22 ás 2; **Rádio Graça** — Das 14 e 30 ás 19 e 30.

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

AMANHÃ PODE VER...

I PROGRAMA — *1.º período* — Às 12 e 45: Abertura e desenhos animados; 13: Feminino singular; 13 e 15: Filme de série «Júlia», com Diahann Carrol, Marc Copage, Chuck Wood e Ketty Lester; 13 e 45: Telejornal, 1.ª edição; 14: Minidecoração; 14 e 15: Logo à noite, e 14 e 20: Fecho.

2.º período — Às 19: Abertura e curso de actualização de professores; 19 e 30: Telejornal, 2.ª edição; 19 e 45: Nós as mulheres; 20 e 10: Portugal Além da Europa; 20 e 40: Cartaz TV; 21: Ao serviço da Nação; 21 e 30: Telejornal, 3.ª edição, e Boletim Meteorológico; 22: Concerto; 22 e 30: Série policial «A Brigada Especial», com Clarence Williams III, Michael Cole e Peggy Ligton; 23 e 30: Marcha do Mundo, e 23 e 40: Meditação e fecho.

II PROGRAMA — Às 21e 30: Telejornal; 22: Noite de cinema, «Todos Morreram Solteiros», com Errol Flyn e Olivia Havilland, e 0 e 10: Fecho.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

TRESPASSA-SE EM MONTIJO

Lindo Estabelecimento, Situado na Principal Artéria, Frente Tudo Montras, Interior Tudo Decorado Estilo Actual, Próprio p/ Qualquer Comércio Fino — Informa em Lisboa: Tel. 55 34 33 Trata e Mostra em Montijo. Telef. 23 01 33

Actualidade internacional

TORREZ: NACIONALISMO REVOLUCIONÁRIO

LA PAZ, 8 — (F. P. e R.) — O general esquerdista Juan José Torrez reforçou hoje a sua posição como homem forte da Bolivia depois de eliminar os últimos focos de resistência ao seu golpe militar feito praticamente sem derramamento de sangue.

Ontem á noite travaram-se, porém, combates em Oruru, um dos principais centros mineiros de estanho da Bolivia, tendo morrido um soldado, cinco mineiros e dois jovens, havendo ainda vários feridos.

Estas mortes foram as primeiras até agora assinaladas desde que os militares das direitas iniciaram no domingo uma revolta para derrubarem o presidente Ovando Candia e substituí-lo por um triunvirato militar.

Esse triunvirato, formado pelos comandantes do Exército, da Marinha e da Aviação manteve-se no Poder apenas 24 horas antes dos seus três membros se demitirem ao verificarem que não tinham apoio suficiente para resistir ao general Torrez que, entretanto, se proclamara presidente revolucionário da Bolivia, contando com o apoio da Aviação, de unidades blindadas e camponeses e operários armados.

Entretanto, um comunicado do general Juan José Torrez anunciou que o «Governo revolucionário» assegura a manutenção da ordem na capital assim como em todo o território da República. As imunidades e privilégios concedidos ás representações diplomáticas estrangeiras serão respeitados.

Juan Lechin, secretário-geral da Central Operária Boliviana, anunciou que foi suspensa a greve geral decretada ontem.

Torrez anunciou que o seu regime vai seguir uma política nacionalista e revolucionária e, segundo fontes bem informadas, esse programa de Governo inclui a nacionalização de empresas estrangeiras, nomeadamente minas.

Pouco depois do tiroteio em Oruru, o general Torrez ordenou a substituição do coronel Perez Chacon, comandante militar daquela região, e prometeu que os responsáveis pelo incidente serão punidos.

O tiroteio parece ter tido origem quando operários se manifestaram em frente do quartel daquela cidade e os soldados abriram fogo sobre os manifestantes.

O general Torrez nomeou ontem o general Luís Reque Teran novo comandante-chefe das Forças Armadas. Este, por seu turno, manteve todos os militares nos respectivos cargos, incluindo os três ex-triunviros. O general Rogélio Miranda será igualmente provido de um cargo correspondente á sua patente, supondo-se assim que não chegou a refugiar-se na Embaixada da Venezuela, como se dizia.

Segundo as ultimas informações, o chefe do Estado estuda neste momento com os chefes militares e outros dirigentes a composição do novo Conselho de Ministros.

Por outro lado, o general Ovando Candia, que se tinha refugiado na Embaixada argentina de La Paz na terça-feira e pedido asilo politico, já abandonou aquela Embaixada, desistindo do asilo politico.

DEBRAY VAI SER LIBERTADO?

WASHINGTON, 8 — (F. P.) — A libertação do intelectual francês Regis Debray poderá ser uma das consequências do golpe vitorioso do general Torrez na Bolivia, segundo a opinião dos círculos ligados á O.E.A., em Washington.

O GOVERNO SUIÇO procura evitar novos desvios de aviões. Na foto, um soldado guarda as pistas do aeroporto de Zurique. As mesmas medidas de vigilância foram tomadas no aeroporto internacional de Genebra.

A CHINA NA ONU EM 1971?

CIDADE DO VATICANO, 8 — (F. P.) — Um diplomata do Vaticano, mons. Alberto Giovannetti, observador permanente da Santa Sé nas Nações Unidas, declarou a um grupo de jornalistas que a China Popular poderia entrar na O. N. U. em Novembro de 1971. Entre os ultimos obstáculos a esta admissão mons. Giovannetti não citou os Estados Unidos mas apenas a Formosa.

ISRAEL CONSTRÓI UMA LINHA MAGINOT — DIZ O «DAILY MAIL»

LONDRES, 8 — (R.) — O «Daily Mail» anuncia hoje que Israel está a edificar uma linha maciça de fortificações defensivas ao longo do Canal do Suez como retaliação pela alegada violação pelo Egipto do acordo de cessar-fogo.

A notícia, da autoria do correspondente Christopher Dobson, diz ainda que centenas de israelitas estavam a despejar toneladas de cimento á volta de casamatas, com estruturas de aço, e a instalar artilharia pesada, a fim de estabelecerem no deserto uma linha Maginot. As casamatas existentes estavam, também, a ser aprofundadas e fortalecidas.

O jornal declara, também, que os israelitas julgam que se o cessar-fogo terminar, os mísseis, manobrados por soviéticos, que, alegadamente, foram transferidos para a área da trégua, e artilharia pesada russa, que se afirma estar agora a ser entregue, darão aos egípcios confiança suficiente para tentarem uma travessia do Canal do Suez.

Isso significa que, se for quebrado o cessar-fogo, a guerra será mais sangrenta do que nunca ao longo do Canal do Suez — acrescenta o «Daily Mail»

PLANO DE INTERVENÇÃO AMERICANO-ISRAELITA NA JORDANIA

NOVA YORK, 8 — (F. P.) — O «New York Times» confirma hoje de manhã que houve de facto um plano de intervenção militar americano-israelita para defender o trono jordano, tanto contra os «fedayin» palestinianos como contra a intervenção militar síria.

POMPIDOU VISITA BAIKONUR

MOSCOVO, 8 — (F. P.) — De acordo com o programa previsto, o presidente da República francesa partiu hoje, de avião, para uma viagem através do território soviético — anunciou Rádio Moscovo. O presidente Pompidou é acompanhado pelo presidente do Soviete Supremo (chefe de Estado) Nikolai Podgorny. Segundo consta, esta viagem levará o presidente francês a Baikonur, a base espacial soviética, na Ásia.

Retumbante vitória LANCIA!

Lancia Fúlvia Coupé

Rallye 1.6 HF, ganha o

IV RALI TAP

Primeiro e segundo lugares da LANCIA!

1.º SIMO LAMPINEN

2.º SANDRO MUNARI

Aprecie este extraordinário modelo e outros, no importador:

STOCK, LIMITADA

RUA DE SANTA CATARINA, 1391 - PORTO

MOEDA ÚNICA EUROPEIA

LUXEMBURGO, 8 — (R.) — Os peritos do Mercado Comum delinearam as primeiras medidas concretas com vista á criação de uma moeda unica na comunidade europeia até 1980 — revelou hoje o primeiro-ministro do Luxemburgo, Pierre Werner.

Falando esta madrugada numa conferência de Imprensa disse que os três primeiros anos de transição para uma união económica e monetária total começam já em Janeiro próximo indo até Dezembro de 1973.

Os peritos, num relatório de 32 páginas entregue aos ministros dos seis países, apoiam o plano dos bancos centrais da comunidade para que logo no início desse período de transição seja reduzida a margem de flutuação das moedas.

O Governo canadiano aceita negociar a libertação de Cross

OTTAWA, 8 — (R.) — O Canadá ofereceu-se hoje para negociar o resgate do diplomata britanico James Cross que os terroristas raptaram e ameaçaram matar se as suas exigências não fossem satisfeitas até ás 16 horas TMG de hoje.

O ministro dos Assuntos Exteriores Mitchell Sharp pediu aos raptores que nomeassem um parlamentar para negociar o resgate com as autoridades federais.

Foi feito um pedido semelhante pelo advogado de defesa de alguns dos presos exigidos em troca do diplomata.

O Governo do Canadá tinha declarado antes que as condições do resgate propostas pelos raptores a Frente de Libertação do Quebec, eram completamente inaceitáveis, mas num comunicado posterior que parece revelar um abrandamento na atitude de Mitchell Sharp declarou ceder a uma das exigências da Frente: a Radiodifusão de um manifesto em todo o Canadá.

Numa comferência de Imprensa, o advogado, Robert Lemieux, sugeriu como medianeiros o editor do jornal «Le Devoir» Claude Ryan e o director da emissora CKLM Pierre Pascoe. Lemieux acrescentou ainda que o Governo Federal deveria esclarecer os pontos em que as exigências da Frente de Libertação não eram razoáveis.

Por sua vez, James Cross teria enviado uma carta escrita pelo seu próprio punho á CKLM, informando que estava a ser bem tratado, embora avisando que os seus raptores estavam resolvidos a cumprir o que tinham dito.

Em Montreal, um amigo e vizinho de James Cross declarou que a carta recebida «fora provàvelmente ditada com uma pistola apontada á cabeça. A letra era a de Cross mas o texto tinha sido nitidamente ditado por alguém sem profundos conhecimentos de inglês».

TRUMAN CAPOTE não compareceu no tribunal.

TRUMAN CAPOTE AMEAÇADO DE PRISÃO

SAN DIEGO, (Califórnia), 8 — (R.) — O procurador distrital Don Keller revelou a noite passada que planeava mandar prender o escritor Truman Capote por se recusar a comparecer no julgamento por homicídio de um homem considerado culpado de assassinar três pessoas, incluindo a mãe e a irmã.

Keller disse que se dirigiu na sexta-feira passada à residência de Capote em Palm Springs, a 240 quilómetros ao norte desta cidade, mas que o escritor não se encontrava em casa.

Um informador de Truman Capote declarou que o escritor se encontrava ausente do país e Keller acrescentou que não sabia quando tentaria novamente prendê-lo.

Capote foi citado para depor ao julgamento devido a ter entrevistado o réu, Joseph Morse, de 25 anos, na sua cela em 1967. Utilizou parte da entrevista, bastante demorada, num programa especial de televisão sobre a pena de morte. O programa não foi ainda transmitido.

Truman Capote é o autor do «best-seller» «A sangue frio», baseado nas suas demoradas entrevistas com dois homens condenados e enforcados por assassinarem uma família de quatro pessoas.

ATACADAS AS PROPOSTAS DO PRESIDENTE NIXON

(Continuação da 1.ª página)

um nem outro tinham rejeitado completamente as propostas do presidente Nixon. Tanto Xuan Thuy como a sr.ª Binh concentraram o ataque nos primeiros comentários sobre os motivos de Nixon, mantendo a atenção centrada sobre as recentes propostas do Governo Provisório.

AS PROPOSTAS

WASHINGTON, 8 — (F. P.) — No seu discurso Nixon propôs o cessar-fogo em toda a Indochina, sob o «contrôle» de observadores internacionais e das próprias partes interessadas.

Nixon formulou, também, um plano de paz em cinco pontos no qual afirmou que o cessar-fogo deve ser acompanhado por um «statu quo» militar que cuidará por que nenhum dos beligerantes reforce as suas posições.

O presidente dos Estados Unidos propôs uma nova conferência internacional de paz relativa a toda a Idochina, com base nos acordos de Genebra de 1954 e 1962. A preparação desta conferência poderá ser discutida em Paris, onde decorrem as negociações de paz.

Nixon declarou-se pronto a negociar um calendário para a retirada de todas as forças em presença no âmbito de uma solução geral do conflito.

O presidente Nixon apelou junto do «outro campo» para a busca de uma solução política que satisfaça as aspirações de todos os sul-vietnamitas e que respeite ao mesmo tempo o equilíbrio das forças políticas em presença no país.

Nixon propôs a libertação imediata e incondicional de todos os prisioneiros de guerra detidos nos dois lados. Pediu também a libertação de jornalistas «e outros civis inocentes».

OFENSIVA COMUNISTA NO CAMBOJA

PHNOM PENH, 8 — (A. N. I.) — As tropas contrárias ao regime de Lon Nol lançaram ontem á noite a «maior ofensiva comunista do ano» contra as forças cambojanas, anunciou hoje o alto comando cambojano.

«Devo dizer que a nossa situação piorou, e que a nossa posição é muito, muito grave agora», declarou, ao repórter da UPI, o major Am Rong, informador militar oficial cambojano.

NOVO SEMANÁRIO FRANCÊS DA ESQUERDA

PARIS, 8 — (R.) — «Politique Hebdo», um novo semanário esquerdista de notícias e comentários, apareceu hoje á venda com o objectivo declarado de atacar o capitalismo.

O semanário inclui uma comunicação de uma campanha nacional a favor de Alain Geismar, dirigente do grupo «proletário-esquerdistas», associação maoísta banida pela lei, que aguarda julgamento por acusações de provocação contra a Polícia.

«Politique Hebdo» descreveo seu corpo redactorial como sendo constituído por «homens que estão ligados á nova extrema esquerdas».

RETARDAMENTO DA LEI DO DIVÓRCIO EM ITÁLIA

ROMA, 8 — (F. P.) — Deverão ter paciência os italianos que se quiserem divorciar: a proposta de lei instituindo o divórcio — já aprovada pela Câmara e ontem examinada no Senado — regressará à Câmara para sofrer alterações.

Os senadores da Democracia Cristã, incapazes de se opor aos partidários da lei do divórcio, conseguiram pelo menos ganhar tempo, obtendo que o projecto seja refundido em certos aspectos. A Democracia cristã não perdeu, contudo, todas as suas esperanças. Mesmo que a lei seja aprovada no Senado, conta com um referendo popular para impedir a lei de entrar em vigor.

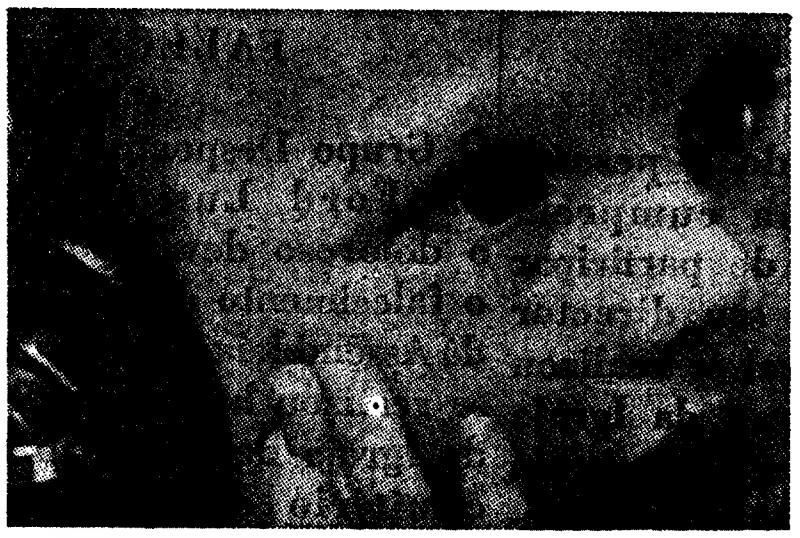
LUTA CONTRA O TABACO

NOVA YORK, 8 — (F. P.) — Vai entrar numa nova fase, no princípio do ano, a luta das autoridades norte-americanas contra os malefícios do tabaco. A partir de 1 de Janeiro, a publicidade dos cigarros será proibida na Televisão e na Rádio.

Depois de obrigarem os fabricantes de tabaco a descrever nos maços os perigos que correm os fumadores, os legisladores forçam os fabricantes a fazer a sua publicidade nas colunas dos jornais e revistas. Mais tarde, até essa forma de publicidade poderá ser proibida.

A. MENDES OSÓRIO, LDA

AVENIDA ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 183, 1.º E LISBOA - TEL. 533313



Temos o prazer de informar que fornecemos e instalámos no HOSPITAL D. MARIA PIA, no Porto, a primeira aparelhagem existente no nosso país para audiometria objectiva em crianças, com as seguintes características: Sons puros por via aérea, directa, condução óssea e em campo livre, agrupando os dispositivos para os testes PEEP-SHOW e TRAIN-SHOW, com reflexos de orientação condicionados (SUZUKI).

ASSIM VAI O TOTOBOLA...

Prognósticos dos Órgãos de Informação para o 5.º concurso da 10.ª época

Clube Asas do Atlântico — 12X 121 2X1 1221; Correio dos Açores — X22 1X2 XX2 21XX; Correio da Horta — X21 121 X21 2221; Diário dos Açores — 2X2 121 22X 2221; Ecos do Desporto — 1X1 1X1 121 2X21; Estrela da Manhã — 11X 1X1 12X 2X21; Gazeta do Sul — 1X1 221 2X1 2111; Jornal da Lixa — 111 121 111 2221; Notícias de Felgueiras — 1X1 12X 121 1221; Passatempo J. J. — 1X1 1X1 2X1 X2X1; Renovação — 1X1 121 121 2221; Beira Baixa — 1XX 121 22X X222; A Defesa — 111 111 X21 X221; O Distrito de Setúbal — X11 X2X X21 2121; Jornal do Barreiro — 2X1 XX2 12X 2221; Jornal do Fundão — 11X 212 X21 12X1; Linhas de Elvas — 111 121 111 X22X; Semana Tirsense — 1X1 12X 211 11X1; O Templário — 1X1 121 121 1221; Reporter do Dia — 121 1X1 221 2X21; De Tudo um Pouco — 1X1 111 1X1 2X11; A Ordem — 2X2 122 11X X22X; Terra Alta — 222 212 X11 2X22; Povo Algarvio — 111 111 121 2X21; Jornal do Sul — 1XX 111 111 1111; Eu Sei Tudo — 11X 121 X11 1121; Jornal das Aves — 1X2 1X2 1X2 1111; A Rabeca — 1X2 121 1X1 2211; O Comércio de Guimarães — 211 1X1 X11 X221; Ecos de Cacia — 112 121 211 1121.

Badaladas — 111 111 111 2211; Boletim Desportivo RP — XX2 111 X11 1121; Brados do Alentejo — 1X1 1X1 221 X111; Cavalgada do Ritmo — 212 2X2 221 XX21; O Comércio de Leixões — 111 121 12X 2X21; O Comércio de Portimão — 111 111 221 1121; Correio de Coimbra — 121 1X1 221 22X1; Correio do Vouga — 111 121 121 1111; Às 10 Espere por Nós — 111 1X1 2XX 22X1; Diário do Norte — 111 1X1 111 22XX; Dos Fracos não Reza a História — 111 111 111 1111; Gazeta das Caldas — 1X1 1X1 211 XX21; Imagens Piedenses — X22 221 X11 2221; Jornal de Sintra — 211 121 X11 22X1; Jornal de Viseu — X22 X11 211 2XX2; Litoral — 111 121 X2X 2221; Mundo Desportivo — 111 121 121 2X21; Notícias de Chaves — 121 X11 121 X121; Notícias de Penacova — 11X 111 2X1 21X1; Peça Que Não Maça — 111 1X1 1X1 X2X1; Rádio Altitude — 122 111 211 1121; Auto Rádio — 1X1 211 111 2221; Campeão Português — X21 X11 1X1 2221; Rádio Sports — 1X1 121 221 2121; Reconquista — 111 121 2X1 X221; Repórter do Dia (Angola) — 111 1X1 2X1 1XX1; República — 1X1 12X 211 X121; Revista de Som — 1X2 22X 211 212X; Sorriso da Hora do Almoço — X2X 121 112 XXX1; A Voz — 1X1 121 X11 21X1; Voz de Lamego — 122 111 111 X111; A Voz dos Ridículos — 1X1 111 X21 X221; Os Belenenses — 111 111 111 X1X1; Notícias d'Évora — 1X1 121 X21 2X21; Novidades — 1X1 22X 121 2221.

Boletim Desportivo — X11 12X 112 112X; Cantinho Ricardo Lemos — 111 1X1 221 2211; Ideal Rádio — 1X1 121 221 2221; A Lição do Mennno Quim — 12X X21 X21 22X1; Miscelânia Musical — 111 111 111 1111; Montra do Êxito — 1X1 X21 X11 12X; Música e Desporto — 2XX 111 211 X11X; Penalti — 121 121 121 2121; Programa da Manhã — 1X1 1X1 112 21XX; Programa Sem Nome — 121 111 X11 1211; Rádio Clube do Norte — 122 X12 1X1 1X21; Rádio Placard ENR — X21 X11 1X1 2221; Estúdio 64 — 121 1X1 1X1 X221; Placard Desportivo — 121 2X1 111 222X; Resenha Desportiva — 1X1 121 111 2XX1; Só Rádio — X2X 111 11X 112X; Colina Sagrada — 122 1X2 112 2221; Passatempo ENR — 1X2 X1X 2X1 1X1X; Notícias do Douro — X11 1XX 2X1 22X1; Prog. Electro-Mecânico — 11X 1XX 211 X22X; Momento do Totobola — 111 111 X1X 1221; Primeiro de Janeiro (Vamos à Bruxa) — 1X1 X21 121 2X11; O Porto — 1X1 1X1 222 1122; O Norte Desportivo — 112 122 XX2 2X21; O Correio do Douro — 122 111 111 11X1; Açores — 1X2 121 X11 2121; A Ilha — 1XX 121 111 21X1; A Voz de Palmela — 11X 121 X21 1221; Diário de Lisboa — 111 X21 X21 X221; Voz do Casa Pia — 1X1 1X1 X21 X221.

Bondiazinho — X12 211 XX1 1221; Brado Africano — 1X1 1X1 112 XX21; Cidade 70 — X21 2X1 2X2 X221; Diário (L. Marques) — 1X1 1X1 211 2121; Domingo Alegre — 2X1 2X1 X22 X111; Passatempo — 121 X11 X22 21X1; Roteiro Sonoro — 11X 11X 21X 1111; Terceiro Programa — 1X1 2X1 1XX 2122; Vamos Jogar no Totobola — 1X1 122 XX2 2122; Revista Desportiva — 211 X1X 211 1X12; Onda Clinar — 112 111 221 2221; Cabine 2 — 1'2 111 222 X221; Rádio Desporto — 122 121 22X 1211; Diário — 111 121 111 1121; Lobito — 1XX 121 X21 XXX1; Canal 18 — 1XX 12X 1X1 1221; Café da Noite — 111 111 111 2221; Vida e Música — 1X1 121 12X X1X1; Panorâmica — 121 1X1 1X2 1111; Último Palpite — 11X 122 211 1X11; Comércio — 1X1 121 121 X111; Apostolado — 12X 221 12X 2X21; Notícias do Totobola — 111 22X 2X1 2211.

				BOLAS			
	1	X	2	1	X	2 (a)
1. Gouveia-Penafiel	94	14	10	10	1	1
2. Espinho-Salgueiros	45	45	28	5	5	2
3. Riopele-Sanjoanense ...	75	19	24	8	2	2
4. Oliveirense-Feirense ...	89	14	15	10	1	1
5. Valecamb.-Marinhense .	35	31	52	4	3	5
6. U. Coimbra-Famalicão	92	14	12	10	1	1
7. G. Vicente-Covilhã	52	28	38	5	2	5
8. Casa Pia-Luso	46	26	46	5	2	5
9. Seixal-Torres Novas ...	88	15	15	10	1	1
10. Nazarenos-Oriental	34	29	55	4	2	6
11. Santarém-Portimonense	42	24	52	5	2	5
12. Sintrense-U. Tomar	25	24	69	2	2	8
13. Sesimbra-Tramagal	96	13	7	10	1	1

E o prognóstico lógico será: 11 ou X1 - 121 - 11 ou 21 - 2221.

a) — Nos termos do Art.º 10.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.

HOJE, À NOITE

BASQUETEBOL — Sorteio do Campeonato de Lisboa de 3.ª categoria, na Associação, ás 21 e 30.

LUTA GRECO-ROMANA — Reunião de delegados dos clubes filiados, na Federação, ás 21.

REUNIÃO MAGNA — No Clube Desportivo da Cova da Piedade, para tratar das instalações desportivos, ás 21 e 30.

TÉNIS — Torneio de Encerramento, no C. I. F., ás 17.

MINISTÉRIO DA MARINHA

DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE ARMAS NAVAIS

Conselho Administrativo

FORNECIMENTO DE MÁQUINAS-FERRAMENTAS

Faz-se público que se encontra aberto concurso, perante este Conselho Administrativo, para fornecimento de máquinas-ferramentas destinadas ao apetrechamento de oficinas.

As propostas, acompanhadas do último recibo da Contribuição Industrial, serão recebidas na secretaria deste Conselho Administrativo, até às 16.30 horas do dia 8 de Novembro de 1970, devendo, no acto da entrega, ser efectuado um depósito provisório de 10.000$00, em dinheiro.

As Condições Gerais e Especiais do concurso e do fornecimento encontram-se patentes na secretaria deste Conselho Administrativo, no Alfeite, todos os dias úteis, excepto sábados, das 9.30 às 12.30 e das 13.30 às 16.45 horas e aos sábados das 9.30 às 12.30 horas.

A abertura das propostas terá lugar na sede do Conselho Administrativo, no Alfeite, às 14.30 horas do dia 9 de Novembro de 1970.

ALFEITE, 19 de Agosto de 1970.

O PRESIDENTE DO CONSELHO ADMINISTRATIVO,
António Caires da Silva Braga
Cap.-mar-guerra

DR. JOÃO ARANTES RODRIGUES

FALECEU

Georgina Maia Dantas Arantes Rodrigues, Maria do Carmo Dantas Arantes Rodrigues, José Manuel Dantas Arantes Rodrigues, Delfina Arantes Rodrigues, seu marido e filhos, Carolina Arantes Rodrigues, Emília Arantes Rodrigues, Manuel Arantes Rodrigues, sua esposa e filhos, Luís Arantes Rodrigues, Aparício Arantes Rodrigues, sua esposa e filhos, e demais família participam o seu falecimento e que o funeral se realiza amanhã, às 9,15 horas, saindo da igreja de S. Sebastião da Pedreira para jazigo de família no cemitério de Soutelo — Vila Verde.

As 7,30 horas será celebrada missa de corpo presente.

AGÊNCIA MAGNO — Telef. 53 41 67

PEDRO BLANCH

FALECEU

O Conselho de Administração e o Conselho Fiscal da Ford Lusitana cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu presidente, cujo funeral se realizou hoje, pelas 11 horas, da Igreja de Sta. Isabel para o cemitério dos Prazeres, pelo que se encontram encerradas as suas instalações.

PEDRO BLANCH

FALECEU

Os gerentes e todo o pessoal da Ford Lusitana cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu director gerente cujo funeral se realizou hoje, pelas 11 horas, da Igreja de Sta. Isabel para o cemitério dos Prazeres, pelo que se encontram encerradas as suas instalações.

PEDRO BLANCH

FALECEU

O Grupo Desportivo do Pessoal da Ford Lusitana cumpre o doloroso dever de participar o falecimento do seu presidente da Assembleia Geral, cujo funeral se realizou hoje, pelas 11 horas, da Igreja de Sta. Isabel para o cemitério dos Prazeres, pelo que se encontram encerradas as suas instalações.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

HÓQUEI EM PATINS

BENFICA, PAÇO DE ARCOS (SUL) VALONGO E F. C. PORTO (NORTE) APURADOS PARA O «NACIONAL»

Realizados os ultimos encontros da fase de apuramento do Campeonato Metropolitano da I Divisão de Hóquei em Patins, Benfica e Paço de Arcos (Zona Sul) e Valongo e F. C. Porto (Zona Norte) ficaram apurados para a fase final, a qual definirá os dois clubes metropolitanos a opor aos representantes de Angola e de Moçambique para atribuição do título de campeão nacional.

Os resultados dos ultimos jogos foram os seguintes: Termas-Valongo, 1-17; F. C. Porto-Académico, 4-2; Marinhense-Paço de Arcos, 0-8 e Cuf-Benfica, 2-3.

O encontro entre a Cuf e o Benfica era decisivo para ambas as equipas, ás quais só a vitória interessava. Embora justa, a vitória dos «encarnados» foi extremamente difícil — como, aliás, o próprio resultado tangencial o indica.

O Paço de Arcos, por seu turno, não teve dificuldades a vencer no rinque do Marinhense: os 8-0 são significativos.

Emocionante foi, também, o jogo entre o F. C. Porto e o Académico. Um deles ficaria apurado — e esse foi o conjunto «azul e branco». Mas teve que ultrapassar uma oposição bastante forte.

Finalmente, o Valongo, limitou-se a cumprir calendário. Nem o Termas seria capaz de operar grande réplica, nem o Valongo precisava de pontos. Vitória natural, da melhor equipa.

Classificações finais desta primeira fase:

ZONA NORTE	V.	E.	D.	B.	P.
Valongo ...	5	1	—	36-12	17
F. C. Porto	3	1	2	26-16	13
Académico	3	—	3	33-20	12
Termas ...	—	—	6	11-58	6

ZONA SUL	V.	E.	D.	B.	P.
Benfica ...	5	—	1	50-18	15
P. Arcos ...	4	—	2	35-16	14
C. U. F. ...	3	—	3	24-20	12
Marinhen.	—	—	6	9-64	6

Cuf, 2 - Sevilha, 5

Os espanhóis praticaram futebol de «rajada»...

SEVILHA — (E.) — A equipa da Cuf não pôde resistir á cavalgada dos sevilhanos, acabando por perder o jogo frente ao Sevilha, guia da «Liga», por margem expressiva.

No primeiro quarto de hora, os espanhóis, actuando com a «fúria» que lhes é habitual, marcaram dois golos e terão resolvido aí o desafio. A Cuf ainda diminuiu para 2-1 antes do intervalo (Fernando, aos 38 m.) — mas, logo após o reatamento, o Sevilha aumentou para 3-1.

Os cufistas viriam a marcar ainda mais um golo (por Monteiro, aos 80 m.), mas o Sevilha aumentou a sua contagem para cinco...

Ainda assim, a despeito do triunfo sevilhano não deixar quaisquer duvidas, a Cuf lutou sempre e valorizou extraordinàriamente a partida.

Sob a arbitragem (boa) de Medina Dias, as equipas alinharam:

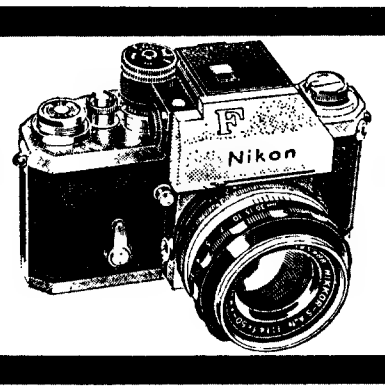
SEVILHA — Bonilla; Chacón, Santos (Toñanes), Pazos (Jeromo) e Toni (Ita); Costas (Cláudio) e Lebrún; Lora, Eloy, Acosta (Heitor Aguirre) e Bergara.

C. U. F. — Conhé; Rodrigues, Vítor Marques, Medeiros e Esteves; Vítor Pereira e Sério; Arnaldo, Manuel Fernandes, Fernando e Monteiro.

UM SIMBOLO DE DISTINÇÃO

Nikon

PARA UM FOTÓGRAFO DE RAÇA



Sòmente os técnicos especialistas lhe demonstrarão a universalidade e a facilidade de uso do material de alta classe NIKON. Eles guiarão a sua escolha entre as câmaras NIKKORMAT e NIKON, as suas 35 diferentes objectivas (de 8 a 1200 mm) os seus 4 sistemas de visor, os seus 150 acessórios diversos respondendo a todas as necessidades: viagens, família, indústria, reportagem, arquitectura, caça fotográfica, todos os domínios científicos, etc.. Para cada caso existe uma solução NIKON, que apenas um especialista poderá indicar conscenciosamente.

Dirija-se pois sòmente às casas altamente especializadas.

REPRESENTANTES
ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR., S. A. R. L.
SECÇÃO FOTO-CINE
RUA DOS DOURADORES, 10 TEL. 36 13 48 (4 linhas) LISBOA

F. C. PORTO — REUNIÃO COM A IMPRENSA

A CAMINHO DOS 40 000 ASSOCIADOS

• O ciclismo «azul-branco» sente-se prejudicado com as rectificações da Federação relativamente às classificações da «Volta a Portugal»

A Direcção do F. C. Porto promoveu ontem nova reunião (como é habitual uma vez por mês), com os representantes dos orgãos da informação. O sr. Afonso Pinto de Magalhães, presidente do F. C. Porto referiu vários assuntos, alguns deles bastante importantes mas já conhecidos.

Relativamente ao futebol, ficou a saber-se que o Celta de Vigo jogará no próximo dia 28 nas Antas e que continua a admitir-se a viagem do F. C. Porto ao Brasil, para em princípios de Novembro inaugurar o Estádio de Pernambuco.

Com a entrada de 700 sócios na primeira semana de Outubro o clube passou a contar com 36 800 associados.

A Secção de Ciclismo vai entregar á Direcção um relatório em que serão tratados vários assuntos da modalidade e a Direcção, por sua vez, vai enviar um exposição á Federação sobre factos relacionados com a última «Volta a Portugal», referindo decisões deste organismo que originaram mutações na classificação colectiva, com prejuízos para o F. C. Porto.

Nada mais de absolutamente importante se passou. A próxima reunião está marcada para 4 de Novembro.

«RALLYE» DE VERÃO PARA MOTOCICLISTAS

Organizado pela Federação Portuguesa de Motociclismo com o patrocínio do Stand Vidal e colaboração de Rádio Clube Português, Rádio Motorismo e jornal «O Motor», vai disputar-se no próximo dia 11 — domingo — o «Rallye» de Verão 1970, para motos, *scooters* e motorizadas.

O «Rallye» é constituido por dus provas: uma de estrada com um percurso de 125 quilómetros e outra complementar.

O itinerário da competição é o seguinte:

Lisboa (Praça Marquês de Pombal) partida ás 8 e 30; Campo Grande, Póvoa de Santo Adrião, Flamenga, Ponte de Frielas, Malhada, Loures, Tojal, Bucelas, Arruda dos Vinhos, Vila Franca de Xira, Porto Alto, Alcochete, Montijo, Sarilhos Grandes, Olhos de Agua, Palmela e Setubal (Estádio do Bonfim) onde está insalada a meta.

A prova complementar terá como unica função o desempate, e será realizada no tipo de negativa num percurso de 25 metros em arruamentos anexos ao Estádio do Vitória de Setubal.

Aos dez primeiros classificados serão atribuídas taças.

Em MAFRA o «DIARIO DE LISBOA» vende-se no Café-Cervejaria «Unidos», de Ângelo Miguel dos Santos.

HIPISMO

DUAS BOAS VITÓRIAS DO SUÍÇO PAUL WEIER

O Concurso Hípico Internacional Oficial de Lisboa, editado, pela 59.ª vez, pela Sociedade Hipica Portuguesa, continua a desenrolar-se com crescente interesse. A jornada de ontem, a 4.ª, é prova disso, considerando tratar-se de um dia útil e o programa não se revestir da importância que terão, as de hoje, com o «Grande Prémio» (á hora do nosso Jornal começar a circular), no sábado com a Taça das Nações e no domingo (última jornada) com o Prémio dos Vencedores.

Ontem, aconteceu o que já se verificara na «ronda» inaugural: serem as duas provas ganhas pelo mesmo concorrente. O capitão suiço Paul Weier imitou o que o civil espanhol, Duque de Aveyro fizera no primeiro dia, numa demonstração eloquente do seu valor. Com «Wildfeur» ganhou a primeira prova; com «Wulf» venceu a segunda. Foi a figura do dia.

Os italianos alcançaram quatro prémios: O ten-cor. Piero d'Inzeo foi o 2.º na prova de Caça, enquanto o cap. Fulio Todini foi o 3.º e Stefano Angioni e o mesmo Piero d'Inzeo foram 5.os, na primeira prova.

Os espanhóis não estiveram mal, obtendo cinco classificações. Na 1.ª prova, Alfonso Segóvia foi 2.º e 5.º e o cap. Arturo Guillen, 4.º; na prova de Caça, Alvarez Cervera foi 5.º e o Duque de Aveyro, 7.º

Os portugueses tiveram comportamento meritório. O major Alvaro Sabbo, foi único classificado na prova de abertura, com o 5.º ex aequo, enquanto Francisco Caldeira se classificou em 4.º e o ten. Gama, em 6.º, na prova de Caça.

Os brasileiros e os franceses continuam a evidenciar regularidade. Entre os primeiros, Hélio Pessoa, melhor do que José Fernandes, entre os ultimos, Philippe Henri dando mais nas vistas do que Raoul Duval.

FUTEBOL

Portugal na «Pequena Taça do Mundo»

RIO DE JANEIRO, 8 — (A. N. I.) — Portugal deve participar, a convite da Confederação Brasileira de Desportos, na «Pequena Taça do Mundo de 1972», a realizar no Brasil.

A programação do torneio já está a ser ultimada, segundo afirmou o vice-presidente da C.B.D., Abílio de Almeida, que está de regresso ao Rio depois de representar o desporto brasileiro numa reunião da F.I.F.A., na Alemanha.

É desejo da C.B.D. realizar o torneio internacional de futebol em várias cidades brasileiras.

«Europeu de Futebol»

A pensar na Dinamarca continuam os trabalhos

As «Esperanças» de Portugal, que vão defrontar as da Dinamarca, efectuaram ontem um treino no Estádio de Alvalade.

Armando Ferreira fez uma prelecção aos jogadores, que defrontaram os juniores do Sporting, num encontro que teve fases agradáveis.

Alinharam pelas «Esperanças»:

Fonseca (Bento); Rebelo, Bastos, Laranjeira e Barros (Artur); Tomé e Quinito (Carlos Serafim); Nené, Nelson, Vítor Baptista (Diamantino) e Dinis.

A selecção ganhou por 9-0, com 6-0 ao intervalo. Marcadores: Vitor Baptista (2), Tomé (2), Nelson (3), Diamantino e Nené.

Amanhã, á noite, e também em Alvalade, realiza-se outro treino de conjunto.

★

Entretanto, prosseguem, no Estádio Nacional, os treinos da Selecção A, que igualmente se apresta para defrontar a da Dinamarca.

Esta tarde há um «conjunto» e, amanhã, um «individual».

Nas sessões de preparação têm tomado parte todos os jogadores convocados. Eusébio, no entanto, seguiu para Londres, na companhia do treinador do seu clube, Hagan, a fim de tomar parte num festival que reúne alguns dos melhores futebolistas da actualidade.

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

Foram hoje a concurso a construção e exploração de parques subterrâneos para automóveis

Foram hoje á praça as adjudicações da construção e exploração de cinco parques subterraneos para estacionamento de automóveis na capital, a que largamente nos referimos no início deste Verão.

Os concursos realizaram-se hoje, na Direcção-Geral dos Serviços Tecnicos Especiais da Camara Municipal de Lisboa, em Alcantara.

Presidiu o sr. dr. Rodrigues de Oliveira, chefe da 2.ª Repartição Património da Direcção dos Serviços de Finanças do Município lisbonense. A base de licitação foi secreta. O depósito provisório (simbólico) era de 1000$00.

O secretário de Estado do Trabalho e Previdência no distrito de Beja

BEJA, 8 — O secretário de Estado do Trabalho e Previdência iniciou hoje dois dias de visita aos serviços periféricos do seu ministerio neste distrito, com deslocações ás delegações do I. N. T. P. e do S. N. E. e as instalações da Caixa de Previdência e Tribunal do Trabalho.

No programa da visita estão previstas reuniões com os delegados do Instituto dos distritos integrados na região-plano do Sul, com técnicos dos serviços locais e com os presidentes das Camaras para aprovação do plano de cobertura completa do distrito de Beja em matéria de abono de família para os trabalhadores rurais.

Duas mortes (uma por enfarte) e dois feridos por causa de acidentes de viação

SANTARÉM, 8 — Esta madrugada, na Ponte da Agulada (próximo de Coruche» um automóvel conduzido pelo sr. Luís Alberto Garnacho, de 40 anos de idade, natural de Luanda, vendedor de automóveis, residente nesta cidade (Av. D. Afonso Henriques, 33), treinador da equipa de futebol do Desportivo de Coruche e antigo futebolista do Belenenses, Académica e Leões de Santarém, que seguia acompanhado pelo sr. Manuel José Vieira Gomes, de 28 anos, casado, espelhador, natural e residente aqui em Santarém (R. Joaquim Caetano Frazão, no Bairro do Vale de Estacas), foi embater num tractor.

Do choque, muito violento, resultaram ferimentos para os dois ocupantes do automóvel: Garnacho sofreu lesões na região cervical, no malar esquerdo, traumatismo craniano e feridas incisivas no couro cabeludo, enquanto o sr. Vieira Gomes apresenta traumatismo craniano, diversas escoriações e, também, lesões na região cervical.

Os feridos encontram-se no Hospital desta cidade.

Queda mortal

Também perto de Santarém, na Póvoa da Isenta, o sr. Luís Filipe Ferreira Serrão (26 anos, casado, pintor na Estação Zootécnica Nacional, natural e residente no lugar da Atalaia) deu uma queda da motorizada que conduzia. Tranportado ao Hospital de Santarém faleceu poucos momentos decorridos.

Enfarte fatal

Depois de ter visitado sua filha Maria Genoveva, que fora atropelada ontem por um auto-tanque do Estado e se encontra internada no Hospital de Santarém, o sr. António José Bento Ferreira, de 44 anos, casado, rural, natural e residente em Almeirim, foi acometido de um enfarte, falecendo pouco depois.

DESASTRES MORTAIS NO PORTO

No Hospital de Santo António faleceu, esta manhã, apesar dos esforços feitos para a salvar pela equipa médica e de enfermagem, a pequenita Maria Teresa Soares de Araújo, de 3 anos, que residia com os pais na Afurada (Gaia), e que ontem foi levada áquele estabelecimento hospitalar em estado de morte aparente.

Tinha caído a um tanque com água. Porém, horas depois, o pequeno coração começou de novo a bater, e tudo levava a crer que se salvaria. Infelizmente, tal não aconteceu.

Queda mortal a um poço

PORTO, 8 — Esta manhã, quando trabalhava numa pedreira, no lugar de Vinhas, S. Martinho do Campo (Valongo), o sr. Armando Ferreira Campanha, de 56 anos, casado, ali residente, caiu de grande altura para dentro de um poço.

Retirado pelos Bombeiros Voluntários de Valongo, ainda foi conduzido ao hospital local, mas pouco tempo sobreviveu.

Rogério Martins vai em visita oficial a Inglaterra

O secretário de Estado da Industria, eng.º Rogério Martins, a convite de «sir» John Eden, ministro de Estado no Ministério da Tecnologia britanica, visita oficialmente a Grã-Bretanha, de 12 a 14 do corrente.

Vai a tribunal o caso do afundamento do batelão em Alverca

Em 10 de Janeiro deste ano, afundou-se, em frente de Alverca, o batelão «Jiomaba», propriedade da Empresa Auto Sucatas, com sede em Lisboa, na Avenida 24 de Julho, 90 A. Do sinistro, resultou a morte de quatro homens: arrais David da Costa Silva, camaradas Manuel Dias da Silva e João Ferreira Valente e moço João Francisco Bicho.

A Polícia Marítima procedeu a investigações sobre as causas do desastre, visto que houve logo quem afirmasse que o barco navegava com excesso de peso de areia e que o certificado de navegabilidade já havia caducado. Ainda se fizera outra afirmação: que o barco tinha chapa ou chapas aluídas, por onde entrava água.

O gerente da empresa, sr. Joaquim Cerqueira Baptista, foi, várias vezes, ouvido pelo agente Parreirão, encarregado das investigações e, por mais que alegasse razões e negasse as acusações que algumas testemunhas formulavam, não conseguiu ser convincente. O processo foi enviado ao Tribunal Marítimo.

Fernandinhos Pobres

Por motivos de força maior, foi adiado para 20 do corrente o chá de beneficência a favor dos Fernandinhos Pobres, inicialmente marcado para 15, no Casino do Estoril.

Mantém-se o programa anteriormente elaborado: passagem de modelos (vestidos e peles) e espectáculo do Casino.

Comunicado do S.I.P. das Forças Armadas

O Serviço de Informação Publica das Forças Armadas comunica que morreram em combate: na Guiné, o alferes miliciano dos Comandos Luís Mário da Silva e Sá, natural de Panoras, filho de Mário de Sousa e Sá e de Aurora dos Santos Silva e, em Moçambique, os soldados do recrutamento da Provincia nos. 70982870, António de Oliveira Matos, e 70714469 Vítor Manuel Pimenta Mendes dos Santos.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4%	—	—	500$
Consolidado 5%	—	—	509$
Consolidado 5 1/4%	—	—	612$
Centenários 4%	1.440$	—	1.440$
Obrig. Tesouro 5%	—	—	1.000$
Externo 1.ª Série	—	575$	—
Externo 2.ª Série	—	—	700$
Externo 3% 1.ª Série	—	750$	—
Externo 3% 2.ª Série	—	800$	815$
Cautelas 3% Série	—	142$	—
OBRIGAÇÕES			
Águas Lisboa 5%	—	490$	—
A P L 5% 56	—	—	—
A P L 5% 58	—	—	—
C P 4 1/2% 65	—	—	870$
C P 4 1/2% 61	925$	925$	930$
C U F 6%	—	930$	—
C U F 6% 68	950$	950$	955$
Gás Elect. 4% 48	—	—	840$
Gás Elect. 4 1/2% 51	—	—	—
Gás Elect. 5% 54	—	780$	—
Gás Elect. 5% 58	780$	780$	—
Gás Elect. 5% 59	780$	775$	790$
Gás Elect. 5% 64	—	942$	—
Gás Elect. 5% 66	—	—	—
Gás Elect. 5% 65	—	—	—
Gás Elect. 5% 67	—	950$	—
H E Alentejo 5%	—	750$	—
H Cávado 5%	760$	760$	—
H E Cávado 6%	—	970$	980$
H E Douro 5%	765$	—	770$
H E Douro 6%	950$	950$	955$
H E Norte Port. 5%	—	860$	—
H E S. Estreito 6%	940$	935$	945$
Lisnave 6%	—	790$	—
H E Zêzere 5% 55	—	790$	—
H E Zêzere 5% 57	930$	925$	—
Metropolitano 4%	825$	820$	—
Metropolitano 5 3/4%	—	—	950$
Moçambique 5%	—	725$	—
Nac. Elect. 5%	—	780$	—
Nitratos 5%	—	—	770$
Nitratos 5% 60	—	—	770$
Petroquímica 5%	—	—	865$
Port. Celte 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	—	920$	955$
Sacor 5% 60	—	820$	850$
Siderurgia 5% 2.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	—
Sonefe 5%	—	815$	—
T A P 4%	—	—	—
Termoelect. Port. 5%	740$	—	750$
U E P 3 3/4%	—	84$	—
U E P 4%	—	85$	90$
U E P 4 1/2%	—	90$	—
U E P 5%	76$	75$	77$
U E P 5% 60	—	—	780$
U E P 5% 63	—	830$	—

Ultramarinas	Efec.	Compra	Venda
Buzi	—	79$	81$
Cabinda	—	212$	219$
Diamantes Angola	2.450$	2.440$	2.460$
H. E. Revué	750$	750$	160$
Ilha S. Príncipe	—	—	—
Moçambique	186$	185$5	88$
Sonefe A	—	420$	—
Sonefe B	431$	430$	431$
Zambézia	79$	78$5	79$5
Diversas			
Cidla	—	6.650$	6.750$
Cim. Leiria	—	4.250$	4.500$
Cim. Tejo	7.300$	7.300$	7.400$
Col. Navegação	—	1.430$	1.450$
C U F	—	1.600$	1.650$
Ind. Aliança	—	—	850$
Nac. Navegação	3.700$	3.600$	3.800$
[illegible]	1.700$	—	1.710$
Port. e Colónias	1.400$	1.400$	1.410$
Port. Celulose	4.010$	4.000$	4.030$
Port. Pesca	1.055$	1.050$	1.060$
Port. Tabacos	710$	710$	711$
Sacor	4.520$	4.520$	4.550$
Siderurgia Nac.	—	2.260$	2.280$
Sore	3.260$	3.255$	3.280$
Tabacos de Portugal	—	1.665$	1.780$
Tabaqueira	7.600$	7.500$	7.600$
U F Azoto	785$	780$	—
Águas Elect. e Gás			
Águas Lisboa p.	—	395$	—
Águas Lisboa 54	425$	420$	430$
Águas Lisboa 56	—	395$	—
C. P. Electricidade	1.205$	1.204$	1.206$
C. P. Electricidade nom.	1.180$	1.180$	1.185$
C. P. Electricidade 969	—	—	—
Elect. Beiras	1.735$	1.730$	1.740$
Gás Elect.	424$	424$	425$
H E Alto Alentejo	190$	190$	90$5
H E Norte Portugal	—	270$	285$
H E S. Estreito	—	—	—
Nac. Electricidade	—	—	—
U E P	—	188$5	189$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F. I. Atlântico	—	197$9	203$8
F. I. D E S	—	122$4	126$1

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.
TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS
Rua do Ouro, 52-54 — Lisboa — Tel 366066/7
Teleg. ALMEIRO — Telex 47 ALBAPI P

ACÇÕES	Efec.	Compra	Venda
Bancos			
Agricultura	2.275$	2.275$	2.280$
Alentejo	1.158$	1.156$	1.159$
Angola	3.560$	3.560$	3.600$
Burnay	—	—	—
Créd. Predial	8.700$	8.700$	8.800$
E. Santo	—	20.750$	21.000$
E. Santo n.	—	—	—
Fonsecas S. B.	—	—	20.500$
Fomento	2.550$	2.500$	2.570$
L. & Açores p.	—	6.700$	6.800$
L. & Açores n.	—	—	—
N. Atlântico p.	—	5.500$	—
Portugal n.	—	3.280$	3.300$
Portugal p.	—	—	4.400$
Totta Aliança	—	5.700$	5.900$
Ultramarino n.	3.445$	3.430$	3.450$
Ultramarino p.	3.360$	3.850$	3.870$
Seguros			
Alentejo	155$5	155$	156$
Douro	—	1.500$	—
Mundial	1.000$	1.000$	1.005$
Sagres	—	1.700$	1.850$
Tranquilidade	—	58.000$	63.000$
Ultramarino	—	25.000$	—
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	780$	780$	785$
Ag. Cassequel	—	665$	670$
Ag. Incomati	—	—	—
Ag. Neves	—	—	450$
Ag. S. Tomé e Príncipe	—	280$	300$
Boror	—	130$	170$

ÍNDICE BORGES & IRMÃO
COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base Dez. 65 100)

	1/10/70	7/10/70	8/10/70
GERAL	149,9	149,7	149,7
METROPOL.	142,2	142,2	142,3
ULTRAM.	206,0	204,0	204,0

PAÍSES	COMPRAS	VENDAS
África do Sul — Rande	34$00	36$50
Alemanha — Marco	7$75	8$05
América:		
— Dólares de 1 e 2	28$20	28$70
— Dólares de 5 a 1000	28$50	28$90
Argentina — Peso Novo	5$50	7$50
Áustria — Schilling	1$10	1$16
Bélgica — Franco	$56	$59
Brasil — Cruzeiro	4$50	6$00
Canadá — Dólar	27$70	28$20
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Espanha — Peseta	$40,5	$42
França — Franco	5$00	5$30
Holanda — Florim	7$80	8$10
Inglaterra — Libra	68$00	70$00
Itália — Lira	$04,4	$04,7
Marrocos — Dirham	4$80	5$40
Noruega — Coroa	3$85	4$15
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Suíça — Franco	6$60	6$82
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	390$00	310$00
Inglaterra — 1/2 Libra	290$00	310$00
Ouro fino — Barra	35$00	37$00

J. BURNAY L.DA Notas estrangeiras Papéis de crédito
RUA DO OURO, 72 Tel. 231273

Eleva-se a oitenta contos a multa ao navio norueguês que derramou óleo no Tejo

A Polícia Marítima tem estado a procurar reprimir o derramamento de óleo e de outras matérias poluentes das águas do Tejo. Conforme temos noticiado, já foram aplicadas algumas multas pela Capitania do Porto de Lisboa, em resultado de processos organizados por aquela Polícia.

Agora, novas investigações foram levadas a efeito relativamente ao cargueiro norueguês «Besna», de bordo do qual houve derrame de matérias daquela natureza. Na parte inicial das investigações, o capitão do navio contestou a acusação, afirmando que os óleos não poderiam ser do seu barco. Mas as testemunhas foram categóricas e as provas obtidas não davam motivo a dúvidas. Em face disso, o navio foi multado em 50 contos, importância esta que, com os adicionais, subirá a cerca de 80 contos. É a maior multa aplicada por este motivo.

Segundo as disposições legais, as autoridades marítimas poderão aplicar, para crimes desta natureza, sanções num montante máximo de 100 contos.

UMA AGÊNCIA EM MONÇÃO DO BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

MONÇÃO, 8 — Foram hoje abertas ao público as novas instalações da agência em Monção do Banco Português do Atlântico, no rés-do-chão de um moderno imóvel construído na Rua General Pimenta de Castro.

Em representação da administração daquele estabelecimento de crédito, deslocaram-se a esta vila os directores srs. António Alberto Alves, Vítor Horta e dr. Luís de Oliveira Dias, bem como o seu gerente-geral, sr. José Peixoto.

Num outro aspecto, que muito interessa, também, ao desenvolvimento de Monção, especialmente no que respeita á sua expansão no campo do turismo, deve acentuar-se que, nos andares superiores daquele edifício, começará, brevemente, a funcionar a «Albergaria Atlântico», requintado estabelecimento hoteleiro, que, além de salas de jantar, de estar e de um bar, disporá de 24 quartos, todos com telefone e casa de banho privativa, o qual virá, assim, preencher uma importante lacuna que há muito se fazia sentir nesta vila do Alto Minho.

NOVOS PILOTOS DA FORÇA AÉREA

Na Base Aérea 1, em Sintra, realizou-se, hoje, a cerimónia de brevetamento de oficiais-pilotos do quadro permanente. Presidiu o secretário de Estado da Aeronáutica, brigadeiro Pedro do Nascimento. Presentes oficiais generais e comandantes de outras bases aéreas.

Perante formatura geral, proferiram alocuções o comandante da Base Aérea 1, coronel Marcial Estrela Rodrigues, e o comandante do Grupo, tenente-coronel Francisco da Costa Gomes. Fez uma exortação aos novos pilotos o comandante da esquadra, major Rolo Duarte. Seguiu-se a entrega dos *brevets*, terminando a cerimónia com exibição da esquadrilha acrobática «Diabos Vermelhos».

CARTAZ DOS CINEMAS *

Estreias de hoje

SAIAS ACIMA! — São Jorge
UM BEATLE NO PARAÍSO — Eden
DOSSIER 202: DESTINO MORTE — Politeama

SÃO JORGE

HOJE, ÀS 21.30
ESTREIA — (M. 17 anos)
SAIAS ACIMA!
com Sidney James — Joan Sims — Kenneth Williams
Às 15.15 - 18.15
O QUE HÁ DE NOVO, GATINHA? — (M. 17 anos)

ESTÚDIO 444

(Adultos) Tel 779695
Às 15.30 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA
UM FILME IRÓNICO, POÉTICO E AUDACIOSO!
OS AMANTES
com Jeanne Moreau e Jean Marc Bory

IMPÉRIO

(Adultos) Tel. 555134/5
Às 15.15 e 21.30
2.ª SEMANA
JEAN PAUL BELMONDO e JEAN SEBERG em
O ACOSSADO
(A Bout de Souffle)
Um filme de Jean Luc Godard
Argumento de François Truffaut

ESTÚDIO

Às 15.30 18.30 e 21.45
EM 3.ª SEMANA
(M. 12 anos)
O filme de CARLOS SAURA que obteve o Urso de Prata no Festival de Berlim e premiado em Veneza S. Francisco, Acapulco etc.
A CAÇA

LIZ

(M. 17 anos) Tel 48560
Às 21 horas
OS ESTRANGEIROS
O ÚLTIMO TRIUNFO
Metropolitano: Intendente
(Ar condicionado)

CASINO ESTORIL

Às 17 e 21.30 (M. 12 anos)
COMISSÁRIO X NO VALE NAS MIL MONTANHAS
com Tony Kendal e Brad Harris

EDEN

(M. 12 anos) Tel. 320768
ESTREIA HOJE, ÀS 21.45
Adultos — Technicolor
PETER SELLERS — RINGO STARR — RAQUEL WELCH
em
UM BEATLE NO PARAÍSO
Às 15.15 e 18.30
Últimas exibições—(M. 12 anos)
OLIMPÍADA NO MÉXICO

SÃO LUIZ

(Adultos) Tel. 323172
2.ª SEMANA
Às 15.15 18.15 e 21.30
a obra fundamental de Joseph Losey
O CRIADO
(The Servant)

ALVALADE

(Adultos) Tel. 717480
2.ª SEMANA
Às 15.45 e 21.45
a obra fundamental de Joseph Losey
O CRIADO

VOX

(Adultos) Tel. 720808
Às 15.15 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA DE ENCHENTES
DUSTIN HOFFMAN e MIA FARROW
são os inesquecíveis protagonistas da mais bela das histórias de amor
JOHN & MARY
Um filme de excepção em Panavision e Technicolor
AR CONDICIONADO

LUMIAR

(M. 12 anos) Tel. 795296
Às 21 horas
(Ar condicionado)
HÉRCULES E A RAINHA
NÃO PROVOQUEM A RITA

CHIADO TERRASSE

Às 15 e 21 h. (M. 12 anos)
LUA ZERO DOIS
ALDEIA EM FUGA

POLITEAMA

(Adultos) Tel. 326305
HOJE, À NOITE, ÀS 21.30
(Col.)
EM ESTREIA
O apaixonante filme de mistério e de espionagem
DOSSIER 202: DESTINO MORTE
com Lilli Palmer e Klaus Kinski

HOJE, ÀS 18.30
SESSÃO CLÁSSICA
com a excepcional comédia picante CATARINA, IMPERATRIZ DA RÚSSIA

CONDES

(Adultos) Tel 322523
Sessões diárias
EM 2.ª SEMANA
Às 14.15 16.30 18.45 e 21.40
O pano sobe e desvenda
OS INTOCÁVEIS
com John Cassavetes, Britt Ekland e Peter Falk
Technicolor Techniscope

ROMA

(Adultos) Tel [illegible]
2.ª SEMANA
Às 15.30 e 21.45
A espantosa realização
A PONTE DE REMAGEN
com George Segal, Robert Vaughn e Ben Gazzara
Panavision — Cor de Luxe

EUROPA

(M. 12 anos) Tel. 661016
Às 15.00/21.00 h — 70 mm
Atenção ao horário das sessões
TECHNICOLOR
Charlton Heston, Stephen Boyd e Jack Hawkins
«BEN-HUR»

IMPERIAL

(M. 12 anos) Tel. 45933
Às 21 horas
A BAÍA DO HOMEM SOLITÁRIO
A ROLETA DE MORTE
(Ar condicionado)

TIVOLI

(M. 17 anos) Tel 50595
Às 3 e 6.15 da tarde (a p. r.)
2.ª SEMANA
Jean [illegible] Ventura e Irina Demick no grande êxito mundial
O CLÃ DOS SICILIANOS

MONUMENTAL

(M. 12 anos) Tel 555131
Às 15.00 e 21.30
3.ª SEMANA
MY FAIR LADY
O filme de 8 «Óscares» e de o melhor filme com Audrey Hepburn Rex Harrison

LIDO

(M. 17 anos) Às 21.30 h.
O artista Gemma (Montgomery Wood) num filme diferente!
AMOR QUENTE, AMOR FRIO

MUNDIAL

(Adultos) Tel [illegible]
Às 18.30 e 21.45
EM 2.ª SEMANA
Bibi Andersson, Robert Stack, Annie Girardot e James Farentino numa alta comédia em maravilhoso technicolor
A VIDA DE UMA MULHER
—O primeiro amor será de facto o mais forte?
AR CONDICIONADO

ODEON

(M. 17 anos) Tel 326283
Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
O CINEMA PORTUGUÊS EM FESTA.
3.ª SEMANA DE ENCHENTES
A MALUQUINHA DE ARROIOS
Realização de Henrique Campos
Segundo a famosa comédia de André Brun
com Alina Vaz, Ivone Silva, Artur Semedo, Eugénio Salvador, Linda Silva e Óscar Acúrcio

AVIS

(Adultos) Tel 47163
Às 15.30 e 21.45
EM 2.ª SEMANA
O filme que enterneceu o mundo inteiro
A PRINCESA
Extraordinária interpretação de GRYNET MOLVIG

RESTELO

(M. 17 anos) Tel. 610375
Às 21.30
COLTS PARA OS 7 MAGNÍFICOS
com George Kennedy e James Whitmore

ROYAL

(M. 12 anos) Tel. 86565
Às 21.30
MARIA ISABEL
00-2 CONTRA GOLDFINGER

* outros espectáculos

TEATROS

COLISEU—Às 21 e 30: Companhia Internacional» (12 anos)
ABC — Às 21 e 45 e às 23 h: «Alto lá com elas» (17 anos)
CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «O Vison Voador» (17 anos).
LAURA ALVES — Às 21 e 45: «O Preço» (17 anos)
MARIA MATOS — Às 21 e 45: «A Relíquia» (12 anos).

CINEMAS

JARDIM — Às 21: «Chave do meu coração» (17 anos).
IDEAL — Às 15 e 15 e às 21: «O Urso e a Boneca» (17 anos)
ARCO-ÍRIS — Às 21: «Ouro sangrento» (12 anos).
OLÍMPIA — Às 21: «O gladiador de Roma» (12 anos).
PARIS — Às 21: «Alta traição» (17 anos)
CINEARTE—Às 21. «O Anjinho» (17 anos).
MOSCAVIDE — Às 21: «O ás vale mais» (12 anos).
PROMOTORA — Às 21: «O preço da herança» (17 anos).
SALÃO LISBOA — Às 21: «Paris-Istambul sem regresso» (12 anos)
UNIVERSAL — Às 21: «O Homem, a Mulher e o Dinheiro» (17 anos)
ENCARNAÇÃO—Às 21: «O Mundo de Suzie Wong»

● Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «O ninho de espiões» (12 anos)
OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «Uma Garota do Outro Mundo» e «Sigo o meu caminho» (17 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «A virgem da floresta» (17 anos)
ESTORIL — CASINO — Às 17 e às 21 e 30 «Comissário X no vale das mil montanhas» (12 anos,
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Um caso perdido» (17 anos)

● Outra Banda

ALMADA — INCRÍVEL — Às 21 e 15: «O rapto de Matilde» (12 anos)
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21 e 15: «Um desconhecido na cidade» (12 anos).

● Linha de Sintra

VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21 e 15: «O capitão Nemo e a cidade submarina» (12 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Sweet Charity» (17 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «Gangsters falhados» e «Sob o celeste Império» (12 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30. «Antes do Inverno chegar» (17 anos)

● PORTO

SÃO JOÃO — Às 21 e 30: «O submarino amarelo» (12 anos)
COLISEU — Às 21 e 30: «A ópera «Cármen» (12 anos).
RIVOLI — Às 21 e 30: «Mundo Mulher» (17 anos)
BATALHA — Às 21 e 30: «O compromisso» (17 anos)
TRINDADE — Às 21 e 30: «Os Maridos de Elisabeth» (17 anos)
ESTÚDIO — Às 21 e 30: «Muriel, ou o tempo de um regresso» (17 anos).
OLÍMPIA — Às 21 e 30: «Joe procura sítio para morrer» (17 anos)
ÁGUIA DE OURO — Às 21 e 30: «A rapariga do auto-stop» (17 anos
CARLOS ALBERTO — Às 21: «A Rosa do Adro» (12 anos)
JÚLIO DINIS — Às 21 e 30: «Bonzo» (17 anos)
CINEMA DO TERÇO—Às 21 e 30: «Continttas à la minuta» (12 anos)
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «Perdoa vamos amar» (17 anos
NUN'ÁLVARES — Às 21 e 30: «As noites quentes de Lady Hamilton» (17 anos)
ODEON — Às 21 e 30: «Seduzida e abandonada» (17 anos)
CINE-GAIA — Às 21 e 30: «Boeing-Boeing» (17 anos).

● COIMBRA

GIL VICENTE — Às 21 e 30: «O último refúgio» (17 anos).
AVENIDA — Às 21 e 30: «Champanhe, mulheres e música» (12 anos).
TIVOLI — Às 21 e 30: «Por um punhado de golpes» (12 anos).
SOUSA BASTOS — Às 21 e 30: «Gringo» (12 anos).

VIÇO ● FARMÁCIAS DE SERVIÇO ● FARMÁCIAS DE SERVIÇO ● FARMÁCIA

● LISBOA

AJUDA — **Lopes Ribeiro,** Rua do Cruzeiro, 7 (Tel. 633288) ✱ **Boa Hora,** Rua dos Quartéis, 25-27 (Telef. 637777).
ALCÂNTARA — **Lisbonense,** Rua Leão de Oliveira, 2-B (637020)
ALVALADE — **Alvalade,** Av. da Igreja, 18-A (Telef. (712070) ✱ **Ideal,** Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (712803) ✱ **Paris,** R. Reinaldo Ferreira, 5-A-B, ao Pote d'Água (7 0131)
AREEIRO — **Vera Cruz,** Pr. Afrânio Peixoto, 2-B (à Av. S. João de Deus (724941) ✱ **Onilda,** Av. João XXI, 18-A (726848) ✱ **Gasperinho,** Rua Dr. Gama Barros, 54-A (710465)
ARROIOS — **Oriental de Lisboa,** Rua Arroios, 215 (45079)
AVENIDAS NOVAS — **Miranda,** Campo Pequeno, 36-B-C (junto à Av. Sacad. Cabral (770776) ✱ **Cosmos,** Av. João Crisóstomo, 44-C (40595) ✱ **Sagres,** Avenida Luís Bívar, 69-71 (47213) ✱ **Correia de Almeida,** Av. Fontes Pereira de Melo, 21-B-C (47385)
BAIRRO DOS ACTORES E ALAMEDA — **Nobel,** R. Actor Vale 53 (junto à Fonte Monumental, lado Sul (842152)
BAIRRO ALTO — **Labor,** Rua Diário de Notícias, 81 (323428)
BAIRRO DAS COLÓNIAS —**Colonial,** R. Forno do Tijolo 40 (841122)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — **Zira,** P. das Casas Novas Lote 66 (310172)
BAIRRO DA MADRE DE DEUS — **Romana,** Rua B, 1, à R. Marquês de Olhão, 383800)
BAIXA — **Estácio,** Pr. D. Pedro IV, 60-63 (327067 e 324224) ✱ **Morão,** Rua da Assunção, 7-19 (Telef. 321289)
BENFICA — **Benfica,** Estrada de Benfica, 678-E (702532 ✱ **Sousa,** Est. de Benfica, 429-43 (780027).
CAMPO DE OURIQUE — **Porfírio,** Rua Franc. Metrass, 59 (663449)
CAMPO GRANDE — **Neotesópia,** Campo Grande, 138 (774682)
CAMPOLIDE — **Central de Campolide,** R. General Taborda, 7 (680304) ✱ **Ivone, Lda.,** Rua Silva Carvalho, 232-C (650760)
CARNIDE — **Leal de Matos,** Rua Neves Costa, 33-35 (780'8')
CONDE DE REDONDO — **Dávi** (antiga Jaime José da Costa). Rua Conde de Redondo, 68-72 (54342)
ESTEFÂNIA — **Universal,** R. Actor Taborda, 5-7 — (44158)
ESTRELA — **Paiva & Parente** R. de St.ª António à Estrela, 96-98 (665196) ✱ **Martins,** Calç. da Estrela, 67 (660823).
MOSCAVIDE — **Santa Bárbara** R. Francisco Marques Beato, 45-A (Telef. 2511234).
GRAÇA — **Arnali,** R. das Escolas Gerais, 88-A (Tel. 863940) ✱ **Morão,** L. da Graça, 63 (860700)
INTENDENTE — **Intendente,** L. Int. Pina Manique, 50 (47838)
LUMIAR—**Alameda,** Av. das Linhas de Torres, 201-B (790942) ✱ **S. Tomé,** Est. do Desvio, Lote 2-C (790704)
MADRAGOA E SANTOS—**Fontoura de Carvalho,** Rua de Santos-o-Velho, 12 — (662075)
OLIVAIS — **Marvila,** R. Direita de Marvila, 25 — (381612) ✱ **São Paulo,** R. 2, Lote 823, à Estrada de Moscavide — Olivais-Sul (310711) ✱ **Higiene,** Rua Cidade Vila Cabral (ex Rua B, n.º 4), Lote 48 Zona Poente (310026)
PEDROUÇOS — **Ocidental,** R. D. Jerónimo Osório, J. P. M., 3 (610256)
PICHELEIRA — **Marluz,** Calç. da Picheleira, 40-B-C (720703 e 728395)
RATO — **Soares,** Av. Álvares Cabral, (684282)
REGO — **Prates & Mota,** Rua da Beneficência, 91 (773728)
RESTELO — **Tonera,** R. Rodrigo Reinel 3-A (Telef. (611814) (à Encosta do Restelo, próximo dos Moinhos)
S. PAULO — **Central,** R. de S. Paulo, 08 (320389).
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — **Nova Luz,** Rua D. Domingos Jardo, 28-A (à Av. D. Afonso III) (843439) ✱ **Martins, Lda.,** Rua Fernão de Magalhães, 33 (849448)

● Linha de Cascais

ALGÉS — **Miramar,** R. Ernesto Silva, 8: (T. 212048)
CAXIAS — **Nova,** Rua Bernardim Ribeiro, -A (Tel. 242839)
PAÇO DE ARCOS—**Trindade Brás** —R. Costa Pinto 86 (Telef. 2432034).
OEIRAS — **Godinho,** R. Cândido dos Reis, 98 (Tel 2430090)
PAREDE — **Grincho,** Av. da República, 87-A (Telef. 2471204)
ESTORIL — **S. João,** S. João do Estoril (T. 26 86)
MONTE ESTORIL — **Lopes,** R. Hangar, 3 (Telef. 260008)
CASCAIS — **Misericórdia** R. Regimento 9, n.º 4 (T. 280141) ✱ **Cascais,** R. Conde de Monte Real, B.º Caxos (Telef. 282407)

● Linha de Sintra

AMADORA — **Mota,** Pr. D. João I, Lote 46 — B.º Janeiro (Tel. 932210 ✱ **Central,** Av.ª Cardoso Lopes, 25 (Tel. 9322 0) ✱ **Igreja,** P. da Igreja, 22-A (Tel. 937740) ✱ **Jardim,** Av.ª Conde de Oeiras, lote 1 - Ribeira (T. 938424)
DAMAIA — **Confiança,** Estrada Militar Lote D (T. 97 023
QUELUZ — **André,** Av. Elias Garcia, 5 (Tel. 951841) ✱ **Queluz,** Av. Miguel Bombarda, 23-A (Tel. 951841).
CACÉM — **Central** —R. Elias Garcia 55 (Telefone 2940034)
MEM MARTINS—**Químia** Est. Mem Martins, 285 (T. 2910021)
S. PEDRO DE SINTRA — **Valentim** — (T. 980456)
SINTRA — **Misericórdia,** L. Dr. Gregório de Almeida, 2 (Tel. 980391)
COLARES — **Colares,** Azoia (Tel. 299088

● Outra Banda

ALCOCHETE — **Gameiro,** Antónia Santos Jorge, 15 (Tel. 224 00)
ALHOS VEDROS — **Gusmão**—R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 224020)
ALMADA — **Magalhães,** R. Capitão Leitão, 8-A (T. 270242
BAIXA DA BANHEIRA — **Aliança,** Estrada Nacional, 14 (Tel. 22430.
BARREIRO — **Central,** Av.ª Alfredo da Silva 48 (Tel. 2273207)
COVA DA PIEDADE — **Castro Rodrigues,** Lg. 5 de Outubro, 6, (T. 270 21
MOITA —**União Moitense** —Av. D. Teotónio Braga (Tel. 239025)
MONTIJO — **Diogo,** R. Almirante Cândido dos Reis 42 (Tel. 230082)
SESIMBRA — **Lopes,** R. Cândido dos Reis, 67 (Tel. 229028
SETÚBAL — **Rosado Pinto** — P. do Bocage, (Tel. 22484) ✱ **Nova,** Rua General Gomes Freire (Tel. 22052)
SEIXAL — **Godinho** — L. da Igreja, 5 (Telefone 221858)

● PORTO

Alves, Praça Exército Libertador 64 (Tel. 60002) ✱ **Alves Moreira,** Av. Rod. de Freitas 67 (Tel. 5889) ✱ **Antiga Porta do Olival,** Campo dos Mártires da Pátria, 24 (Tel. 24262) ✱ **Avenida,** Aven. da Boavista 016 (Tel. 60342) ✱ **Barros,** R. do Bonjardim, 292 (T. 47032) ✱ **Batalha,** Praça da Batalha, 26 (Tel. 29524) ✱ **Boa Hora,** R. da Boa Hora, 80 (Tel. 28783) ✱ **Campos,** Pr. da República, 8 (Tel. 2506) ✱ **Couto,** L. de S. Domingos, 06 (Tel. 25962) ✱ **Estácio,** R. Sá da Bandeira, 20 (Tel. 22664 ✱ **Meneses de Lima** Pr. Dr. Pedro I Pereira, 221 (Tel. Vitória, 723 (Tel. 490427) ✱ **Silva Pereira** R. Costa Cabral, 293.
Paiva — Praça do Comércio (Tel. 23231) ✱ **Silva Marques** ✱ Rua da Sofia (Tel. 23067) ✱ **Sitélia,** Largo da Sé Velha (Tel. 23234) ✱ **Dias Ferreira** — Rua do Brasil (Tel. 26046).

● COIMBRA

Paiva — Praça do Comércio (tel. 23231) ✱ **Silva Marques** — Rua da Sofia (tel. 23067) ✱ **Sitélia** — Largo da Sé Velha (tel. 23234) **Dias Ferreira** — Rua do Brasil (tel. 26046)

Diário de Lisboa Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade
Rua Castilho 185-1.º
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Tel. DIBOA Telex 1363
Lisboa — Portugal

o tempo

INFORMAÇAO DO SERVIÇO METEOROLOGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava em geral pouco nublado e o vento era fraco. Caíam aguaceiros em algumas regiões.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Tavira, 20°,2; mínima: Penhas da Saúde, —2°,5.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 11°; Penhas Douradas, 5°; Coimbra, 11°; Portalegre, 9°; Lisboa, 13°; Faro, 15°; e Funchal, 19°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS NA COSTA DO SOL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Na atmosfera: 14°; na água do mar: 17°.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ:

Períodos de céu muito nublado, vento fraco, aguaceiros dispersos e possibilidades de trovoadas.

Amanhã
Nascer ás 7 e 39
Ocaso ás 19 e 9

Hoje **Dia 14** **Dia 22** **Dia 30**

MARÉS:

PREIA-MAR: **Hoje** — 9 e 23 (3,4 m); 22 e 22 (3,2 m). **Dia 9** — 11 e 03 (3,4 m); 23 e 52 (3,3 m). **Dia 10** — 12 e 27 (3,6 m).
BAIXA-MAR: **Hoje** — 2 e 37 (1,8 m); 15 e 30 (1,7 m). **Dia 9** — 4 e 20 (1,0 m); 17 e 25 (1,7 m). **Dia 10** — 5 e 49 (1,8 m); 18 e 43 (1,4 m).

O JACARÉ LEVOU O MENINO

MUTARARA (Moçambique), 8 — (L.) — Quando tomava banho no rio Zambeze, foi apanhada por um enorme jacaré uma criança de nove anos.

O bicho, de tamanho invulgar, transportou a criança, do sexo masculino, para uma ilha de areia. O menino estava vivo e gritou aflitivamente por socorro. A família da vítima tentou ainda caçar o jacaré, mas o animal vendo-se perseguido, agarrou o miúdo e desapareceu com ele na água do rio.

EM COIMBRA

COMPUTADORES ADMITIDOS COMO FUNCIONÁRIOS DA CÂMARA

COIMBRA, 8 — Computadores da segunda geração vão permitir a próxima mecanização integral dos Serviços Municipalizados de Coimbra — anunciou na sessão camarária o presidente da edilidade. A primeira fase desta reconversão, segundo o eng. Araújo Vieira, inicia-se já a 1 de Janeiro de 1971. Resultado previsto: a obtenção de dados estatísticos e de gestão que até agora não era possível conseguir.

Pioneiros na utilização de equipamento clássico para processamento de dados, os S. M. C. têm vindo a mecanizar (e acertar) facturações várias e outros trabalhos que exigiam dezenas de funcionários e um tempo precioso.

Entretanto, a Câmara vai promover, em meados de Dezembro, um colóquio a grande nível sobre problemas da informática e vantagens e soluções da computação electrónica aplicada à administração municipal.

Esse colóquio permitiria aos participantes conhecer ao vivo as excelências da técnica em tal domínio, pois será ilustrado com uma visita ao equipamento electrónico dos Serviços Municipalizados e constará de: a) palestras sobre o advento do computador e resenha da sua evolução, acompanhadas da exibição de filmes e diapositivos adequados; b) informação genérica sobre as técnicas de utilização dos computadores; c) estudo de aplicação prática dos computadores na organização, simplificação e execução dos serviços e na gestação municipal; d) estudo de casos particulares e suas implicações.

PROCLAMADOS OS PRÉMIOS DA S. E. I. T.

(Continuação da 1.ª página)

blicação de «*Poesia-I*» e «*Poesia-II*»;

— Prémio Nacional de Novelística (30 000$00: Graça Pina de Morais, pelo romance «*Jerónimo e Eulália*», já galardoado este ano com o Prémio Ricardo Malheiros (da Academia);

— Prémio António Ferro (15 000$00, bienal): jornalista Siegmar Schelling, por maioria, com base nos artigos publicados no «*Rheinischer Merkur*»; e menção honrosa para Cayetano Luca de Tena, da revista «*Blanco y Negro*»;

— Prémio Afonso de Bragança (10 000$00): João Manuel Cupertino, por maioria, para reportagens no jornal «*A Capital*»;

— Concurso de Manuscritos: seleccionados para publicação, por maioria, «*Contos de ontem e de hoje*», de Isabel Alves de Sá, e «*Degraus da terra*», poemas de Isabel Pulquério.

Teatro

Os prémios de 1970 para o teatro declamado profissional (que incluiu a revista) foram distribuídos por Varela Silva (Prémio Eduardo Brazão de interpretação masculina, 10 000$00 e troféu, pelas actuações em «*Cravo espanhol*» e «*Tchau*»), Eva Vera Velez (Prémio Lucinda Simões de interpretação feminina, 10 000$00 e troféu, pelas actuações nas peças «*Tombo no Inferno*» e «*A Relíquia*»), Anita Guerreiro (Prémio Estêvão Amarante de teatro musicado, 10 000$00 e troféu, pelas actuações nas revistas «*Faço a parada*» e «*O prato do dia*»), Luzia Maria Martins (Prémio António Pinheiro de encenação, 10 000$00 e troféu, pelo seu trabalho em «*Victor ou as crianças no poder*») e Rui Pedro (Prémio de Revelação em teatro declamado, 7000$00 e troféu, pela actuação em «*Tchau*»).

Cinema

Finalmente os prémios de cinema, relativos estes á produção nacional de 1969, distinguiram o produtor Cinenovo e o realizador António da Cunha Telles (Grande Prémio da S. E. I. T. para longas-metragens, 50 000$00 para o produtor e 20 000$00 para o realizador, pelo filme «*O cerco*», comercialmente inédito em Portugal), Francisco de Castro — António de Macedo e Telecine Moro — Faria de Almeida (Prémio Paz dos Reis para curtas-metragens, 20 000$00 e medalha de bronze para o produtor e 10 000$00 para o realizador, mas atribuído «exaequo» e subdinhando os filmes «*Almada Negreiros vivo, hoje*» e «*Portugal desconhecido*»), Maria Cabral (Prémio de interpretação feminina, 5000$00 e máscara de bronze, pela sua interpretação em «*O cerco*»), e finalmente Manuel Costa e Silva e Acácio de Almeida (prémio para a melhor fotografia, 5000$00 e medalhas de bronze, «exaequo» pelos trabalhos, respectivamente, em «*Vermelho, amarelo e verde*» e «*O cerco*».

Não foram atribuídos os prémios de interpretação masculina nem de adaptação.

O russo Soljenitsine — Prémio Nobel de Literatura

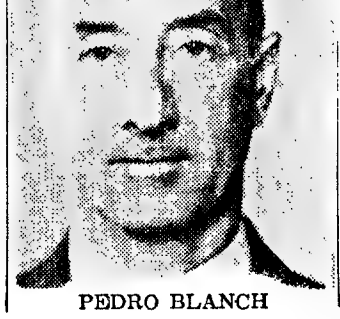
ESTOCOLMO, 8 — (R.) — O Prémio Nobel de Literatura de 1970 foi hoje atribuído ao escritor russo Alexandre Soljenitsine.

A Academia Sueca, na citação que acompanha o prémio, no valor de 400 000 coroas, afirma que esta distinção foi concedida ao romancista soviético «pela força ética com que tem mantido as tradições da literatura russa».

FALECEU PEDRO BLANCH

PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DA FORD LUSITANA

Faleceu o sr. Pedro Blanch, presidente do conselho de administração e director gerente da Ford Lusitana. Tendo entrado ao serviço daquela empresa em 1932, exerceu diversos cargos executivos entre os quais o de gerente de vendas e o de presidente do conselho de administração e director gerente, para o qual foi nomeado em 1968.


PEDRO BLANCH

Pelas suas qualidades de carácter e inteligência o sr. Pedro Blanch deixa profunda saudade entre os seus colaboradores.

O sr. Pedro Blanch era casado com a sr.ª D. Ana Rodrigues Blanch e pai do sr. Luis Rodrigues Blanch casado com a sr.ª D. Fernanda Blanch e irmão da sr.ª D. Arminda Blanch Diniz casada com o sr. João Diniz.

À família enlutada apresentamos profundas condolências.

A ESPERA PELOS LIVROS ESCOLARES

Como sempre acontece nesta época do ano, a abertura das aulas provoca uma autêntica «corrida» ás livrarias, com particular relevo das especializadas em livros escolares.

Ná Rua da Madalena, onde está situada a Empresa Literária Fluminense, esta manhã, muitas pessoas aguardavam vez para entrar na pequena sala da livraria. A porta, dois guardas da P. S. P. controlavam o numero de entradas, directamente proporcionais ás das saídas.

Na bicha viam-se muitos jovens. Todos aguardavam, com resignação, que «soasse a hora», sob o olhar atento dos agentes da autoridade. Aliás não se tratava propriamente de uma bicha, era mais um magote de gente, já que os passeios da Rua da Madalena não oferecem grandes condições para o exercício da disciplina cívica. Muitos carros estacionados, certamente pertencentes aos compradores por grosso, mais dificultavam as coisas, bem como uma enorme camioneta, que, claro, descarregava livros escolares. Nesta época do ano, os ditos nunca são de mais, com efeito.

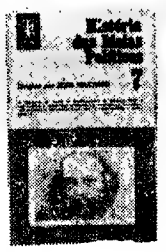
Embora nunca seja agradável esperar, mesmo por uma beldade em três dimensões, quanto mais por um «book», todos (ou quase) achavam que não havia razão para nervosismos.

Noutra livraria, que também costuma ser das mais concorridas, a Popular, de Francisco Franco, na Rua Barros Queirós, não existia propriamente bicha. Apenas gente encostada ao balcão de razoável tamanho, e mais gente atrás dessa gente, e mais gente atrás dessa outra... mas ainda com algum espaço dentro da livraria. Quer dizer: entrar era fácil, só ser atendido se tornava um pouco mais penoso...

OS MAIS ALTOS SÃO MAIS INTELIGENTES

LONDRES, 8 — (A.N.I.) — As pessoas altas têm tendência para serem mais inteligentes do que as baixas — conclui o dr. James Douglas no seu livro «O professor e as necessidades da sociedade em evolução».

acaba de ser publicado o 7.º e último volume desta obra mundialmente famosa



História das Ideias Políticas
obra dirigida por JEAN TOUCHARD

Do sumário deste volume:
"A Comuna de Paris". "Anarquismo". "Sindicalismo". "Socialismo". "Marxismo-leninismo". "Fascismo e nacional-socialismo". "Neotradicionalismo". "Cristianismo e democracia".

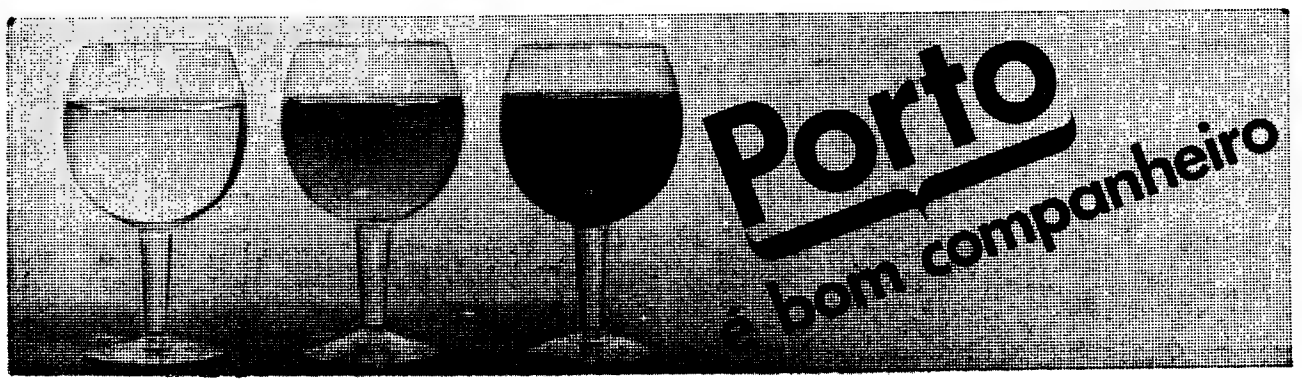
PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA
Apartado 8 — Mem Martins
Delegação em Lisboa: Rua das Flores, 45, 2.º
Delegação no Porto: Rua de Entreparedes, 6, 2.º

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

BELA MONTRA
MÓVEIS E DECORAÇÕES

Pela passagem do QUARTO Aniversário agradece a todos os Ex.mos clientes e amigos as atenções dispensadas à n/ firma, esperando continuar a merecer os v/ estimados favores.

A GERÊNCIA



Ludwig Van Beethoven

entrevista com BEETHOVEN

por José Alberto Gil

O génio, tal como o território nacional, é único, insubstituível e inalienável. No entanto, como há uma necessidade extrema deles, é preciso passá-los a papel químico. E entre o original e o duplicado a diferença vê-se no calendário. Cá em Portugal os génios ou chegam atrasados, ou não chegam, ou quando se lhes telefona ouve-se: «infelizmente não está, saiu». No entanto, as cópias estão devidamente empacotadas nos museus e bibliotecas onde funcionam nas horas (1) do expediente.

Mas, de vez em quando, acontece o imprevisto: as coisas estão fora dos lugares.

Estava o génio sentado no Parque (Eduardo Sétimo). Ao que vi, na partitura, compunha a «Pastoral». O seu-fiel-secretário-para-as-relações-públicas afiava-lhe o lápis. O génio olhava para dentro. Reconheci-o por causa da cabeleira, da jaqueta e da corneta acústica. Era LUDWING VAN BEETHOVEN.

EU: Então por aqui?

O FIEL SECRETÁRIO: (adiantando-se): É verdade.

EU: A que se deve a sua presença aqui?

O FIEL SECRETÁRIO (ainda): O Bicentenário do Nascimento de Beethoven, sabe? Sinceramente, é lamentável que se recorra a pretexto tão débil como a efeméride para se falar e ouvir Ludwig.

EU: A crise das oportunidades?

F. S. (sem largar o fio à meada): Infelizmente não estão em crise. São todas geradas com disciplina e bem organizadas. O sistema de promoção de oportunidades funciona como um circuito fechado e os pretextos para realizações são exteriores, como no caso presente. E é triste que Ludwig van Beethoven, «campeão da licença e da paixão», como lhe chamam em Viena se veja obrigado a ser celebrado e autorizado e tudo por causa do Turismo.

EU: Turismo?! Refere-se aos Festivais?

F. S.: Isso e muito mais. O Turismo é um sistema tão sistemático como os outros sistemas, o Realismo, o Expressionismo, etc. A sua exploração consiste em maneiras de enquadrar os acontecimentos e de impor pretextos e finalidades alheias. O génio é sempre aquele cuja obra não é turística.

EU: A propósito, que acha do nosso sol, das nossas gentes?

F. S.: Queríamos visitar o Portugal Desconhecido mas não encontrámos a bilheteira.

EU: Estão em «tournée» artística?

F. S.: Estávamos em Viena quando ele (e apontou para o génio ao lado) *foi atacado pelo «Mal-estar de Estátua», doença agora frequente, cujo sintoma é o desequilíbrio em cima do pedestal.*

EU: Será que se anuncia o Render dos Heróis?

F. S.: Fazem-se os possíveis para que tal não aconteça. Como sabe, cada público tem o herói que merece e o Arthur Rubinstein é o Joaquim Agostinho dos Auditórios. A cultura obedece a uma canalização, como acontece com o gás da companhia. E tudo vai bem, desde que os heróis não se misturem, e os canos não estejam rotos.

EU (fazendo de parvo): Mas, como é do conhecimento público, as 2 intenções da Federação das Entidades Organizadoras são: 1.º, levar a música a todos os portugueses; 2.º, levar os portugueses a toda a música.

F. S.: Pois, mas de boas intenções...

EU: Beethoven, através dos variados meios de comunicação, foi transformado numa imagem-cliché de inconformista e revoltado e essa ideia influi na própria «interpretação» da sua música por parte do auditor ingénuo e cuja capacidade crítica está guardada num frasco de álcool embebido em preconceitos. Que é que ele acha do seu sósia?

F. S.: Ele pensa que se está a tornar numa imagem padrão, misto de herói de folhetim, «poster» e Che Guevara. Foi aliás essa uma das razões que o levou a descer da estátua. Desde há muito que ele tem lutado contra todo o tipo de padrões e patrões, visto que uns supõem os outros. Pondo em crise, a partir da opus 20 (o septeto), não só os processos de composição mas o próprio acto de compor ele renega a atitude servilista do compositor «engagé» que fazia da composição um ofício em vez de uma linguagem.

A composição deixou então de se fazer serenamente mas, ao mesmo tempo, de modo ingénuo, ambicioso, melancólico e auto-suficiente. Esta visão polivalente de encarar o fenómeno da criação sonora foi (e é) resultante da necessidade humana — assumida visceralmente pelo artista — de enformar e informar o sistema meio-ambiente em que vive, como se este fosse um ovo que tomasse dimensões aumentadas e envolventes, absorventes, integradoras e manipuladoras. Assim, é desumana toda a «localização» do compositor, que o habilita às características utilitárias do funcionário público.

EU: (deveras surpreendido): A que se deve o amor de Beethoven pela Natureza?

F. S.: O mal-estar que Ludwig sentia em cima do pedestal, misturado com aquela atitude de soberania e orgulho de estar - acima - dos transitórios - e - vis - mercenários - cargos - servidores - da - Cultura - - da - Corte, sentia-o também na poltrona, na mesa do café, no cinema, o que o obrigava a constantes passeios pelos bosques que rodeavam Viena pelos lados Norte e Oriente. Pode-se dizer que Beethoven sentia em Viena simultâneamente uma desorientação e um desnorteamento.

Há tempos visitou-o em Viena um londrino, fabricante de instrumentos, ao qual Beethoven declarou mais ou menos por estas palavras: «Sempre que à noite me sento a contemplar as estrelas e a maravilhosa Lei que as rege sinto a necessidade de traduzi-la em sons mas depois fico completamente desiludido e pergunto a mim mesmo se será possível a um ser humano construir igual ordem de pensamento».

Além disso, Beethoven foi atraído também pelos temas exóticos, as civilizações orientais e a incivilização do Novo Mundo, temas que já tinham influenciado autores do barroco e do rococó. Veja-se Daniel de Föe com «Robinson Crusoe», Voltaire com «Zadig», etc. A Ordem Escondida e Anterior, que é preciso descobrir e fazê-la vir à tona, sempre o atraiu

EU: É verdade que essa busca está traduzida nos constantes esboços que Beethoven fazia antes de escrever definitivamente uma obra?

F. S.: Certamente; aliás essa luta tornou-se (era inevitável) o símbolo da «domesticação» da matéria. Mas essa matéria só existe depois de a ter concebido, de modo que há aí um grande mal-entendido. O problema reside na escolha da «justa forma» melódica. Stravinsky dizia há tempos que Beethoven não tinha «génio melódico», de modo que tinha que encontrar uma melodia com muito esforço e não à primeira vez. Ora o que acontece é que Beethoven não tem só «génio melódico». A transformação no sistema fonal em vigor, consistindo na assimilação — alargamento — ultrapassagem das regras e processos de composição herdados dos seus antecessores, fê-la, não só ao nível melódico mas a todos os domínios da estrutura sonora, como harmonia, ritmo, orquestração, etc. O sistema fonal cujo principal sintoma é a «Harmonia Funcional», isto é, regulamento que distribui funções mútuas a cada nota da tonalidade, foi com Beethoven também alterado no que respeita a maior ambiguidade de funções. Por isso, a matéria sonora que lhe surgia a priori era tratada conforme todas as suas virtualidades, e todos os seus sons absolutamente necessários e em nada supérfluos. Um circuito fechado

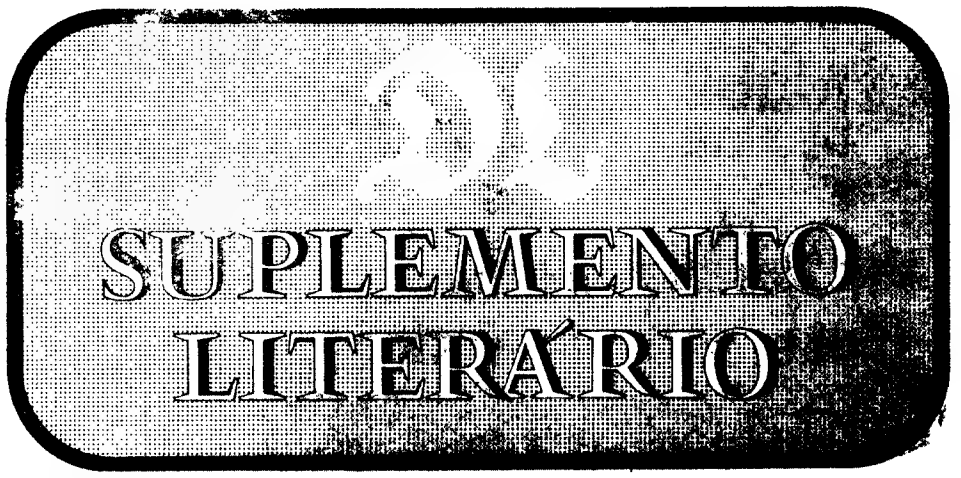
EU: Como explica que Beethoven demore tanto tempo a escrever uma obra, como é o caso da Sinfonia n.º 9, que demorou 6 anos a nascer?

F. S.: Beethoven é um compositor egocêntrico. As suas obras são «exercícios» de ordenação do espaço (sonoro), servem para a construção do universo próprio, ideia talvez romântica mas que põe a música fora das leis de oferta e procura.

*

Entretanto, o génio começara a ficar impaciente, e de acordo com o Fiel Secretário houveram por bem retirar-se. É com imensa pena que não posso apontar aqui palavras do Mestre, mas ele esteve alheio à conversa devido à irreparável surdez que desde há muito o atormentava.

(1) Normais.



EDUARDO LOURENÇO NA «QUADRANTE»

Eduardo Lourenço com Virgílio Ferreira: a arte em diálogo

Eduardo Lourenço, professor na Faculdade de Ciências Humanas de Nice, autor de duas *Heterodoxias*, de um *Sentido e Forma da Poesia Neo-Realista*, vários prefácios e estudos sobre motivos literários. Espírito de emigrado, ei-lo entre nós de vez em quando, visitando os amigos, tentando sôfregamente reconhecer o que aqui se passa, o que se vai passando, o que se passou na sua ausência. Ei-lo a trazer-nos, não poucas vezes, a noção exacta do sentido disso que se vai passando. Às vezes, até, bem mais exacto que a dessa minoria que parece viver interessada os problemas mais próximos. Como nós, no final, o que fundamentalmente o preocupa é esse sentimento comum de não poder intervir nisso que se passa.

Ei-lo na *Quadrante* (2/10) numa conversa de amigos, de alguns poucos interessados, de um grupo de caras conhecidas, habituais, quase inevitáveis neste tipo de manifestações. A quem a arte e a discussão dos problemas que a ela dizem respeito e a envolvem? — apetece perguntar A quê onde, como de que maneira? Presentes Virgílio Ferreira, Namora, Rogério de Freitas, Ramos Rosa, Sophia de Mello Breyner, Luiza Neto Jorge, João Rui de Sousa, Almeida Faria, Maria Helena Barreiro e alguns outros. Todos gente conhecida a quem a arte e os problemas dela? apetece de novo perguntar.

Eduardo Lourenço começou com uma auto-apresentação a nível cultural: «Nasci integrado numa geração que sobretudo se constituiu em oposição à mitologia presencista, geração para quem a literatura foi sobretudo uma forma de consciência social». Referia-se evidentemente ao Neo-Realismo. Depois de se ter definido como Ensaísta, falou-se um pouco do fenómeno poético a que indubitàvelmente Eduardo Lourenço tem dedicado muito da sua atenção. Foi então que, após uma intervenção de Sophia de Mello Breyner afirmando que *o Artista não é um produtor* (o que quer evidentemente significar que a arte não é trabalho e não deve portanto ser inserida num sistema de relações de produção), se começou a falar de uma poesia que não existe dos seus mistérios, dos sentimentos ocultos que ela provoca, das relações ambíguas que entre ela e nós se estabelecem Sophia afirmava: nada se passa para além do nosso *reconhecimento* de um poema.

Dizer que o artista não é um produtor, durante uma sessão pública em que se discutem problemas de arte numa casa que precisamente se dedica ao comércio de livros, envolvidos por estantes repletas desses objectos silenciosos é evidentemente o grande paradoxo. Mas tem sido precisamente esse paradoxo o que nos faz iludir a maior parte das vezes algumas das questões essenciais. Não existem *obras em si*. A obra como produto de um específico trabalho (que é também o trabalho sobre a Linguagem) insere-se fatalmente em todo um sistema de relações de produção que a condicionam e a marcam. E, a maior parte das vezes, mesmo quando ela julga contestar esse sistema em que se insere, o certo é que ele não deixa nunca de nela se manifestar. Que um artista é um produtor, prova-o à evidência o facto de os livros se venderem, de eles entrarem em circuitos comerciais, de serem consumidos. Que o artista é um produtor, provam-no as sessões de propaganda servindo os interesses dos detentores desses circuitos comerciais. Iludir uma questão como esta é iludir uma relação fundamental. E foi talvez por isso que, quase no final do colóquio, alguém pôde perguntar, não sem uma falsa ingenuidade, de que poesia é que se estava a falar.

Discutiu-se também o problema da objectividade e rigor que a crítica actual pretende assumir e de que muita gente parecia ainda duvidar. E foi assim que Virgílio Ferreira pôde levantar a questão do gosto que preside à prévia escolha da obra a criticar. Evidentemente que, neste caso, se fala de uma operação prévia ao acto crítico e independente dele, e que portanto de modo algum põe em causa a objectividade desse acto.

Eduardo Lourenço, serenamente a todos procurou responder, na intenção visível de um melhor esclarecimento dos problemas.

N. M.

N. R. — *Conta este suplemento poder vir a apresentar em breve uma extensa entrevista com Eduardo Lourenço, Para ela chamamos desde já a atenção dos leitores interessados.*

«A BORGES O QUE É DE BORGES»

Uma carta

De um nosso leitor (José do Carmo Francisco) recebemos a seguinte carta:

«A Borges o que é de Borges»: é assim que termina um artigo publicado a páginas 1 e 8 do S. L. de hoje (24-9-70). Ultrapassada a fase da surpresa, isto é, da indignação, tomo a liberdade de me dirigir aos senhores no sentido de levantar algumas questões que julgo oportunas.

Considero extremamente perigoso o facto de o jornal ter publicado esse artigo, já que:

1 — Borges é praticamente desconhecido em Portugal, o que levará as pessoas a nunca mais «pegarem nele» porque é extremamente sofisticado» e «conservador»;

2 — O artigo é feito a partir da base bem brasileira de «o leitor não sabe o que é esse negócio da pílula? a gente conta p'ra você na pág. tal».

3 — Pior do que esse falso didactismo, há também o aspecto moral da questão: nota-se perfeitamente que o autor, com o fim de demolir J. L. Borges, coleccionа argumentos, linha a linha, de pé atrás, espertalhão, nunca humilde, nunca pergunta para saber, nunca quer saber, apenas atrapalhar, confundir o velho escritor. Não foi para a entrevista informado, foi armado de alguns argumentos agarra-se a eles e faz tudo para os justificar. Nada tenho contra o brasileiro que escreveu o artigo.

Para acabar, ponho apenas esta questão: que pensariam os senhores dum artigo parecido a este num jornal de Buenos Aires sobre o José Gomes Ferreira?

«A Borges o que é de Borges» pede respeitosamente,

José do Carmo Francisco

N. R. — Questão de pormenor: Julio Moreira, o «brasileiro que escreveu o artigo» é português, autor de três livros («A Execução», «Afinal o castelo era verdade» e «O Insecto Perfeito», este a sair brevemente sob a chancela da Bertrand) e nosso colaborador. Reside no Brasil há pouco mais de um ano. A entrevista com Jorge Luis Borges foi publicada (como aliás indicámos) na revista «Cadernos Brasileiros», uma das mais sérias e culturalmente responsáveis publicações que actualmente (e não sem dificuldades) se editam no Brasil.

Questão de fundo: tal como os «Cadernos Brasileiros», não entendemos «perigoso» o facto de havermos feito publicar uma entrevista com Borges que salienta um aspecto normalmente omitido pelos adeptos do fabuloso escritor argentino, a saber, o do seu «conservadorismo» político. Se é verdade ser Borges praticamente desconhecido em Portugal (e daí o interesse que lhe temos dedicado neste Suplemento), não é menos verdade que a entrevista de Julio Moreira contribui para um melhor conhecimento dele, isto é, um conhecimento menos «mitificado», ainda que necessàriamente parcial.

De qualquer forma, a carta do nosso leitor surge-nos em alguns pontos pertinente. E daí a publicarmos, tal como havíamos publicado o trabalho de Julio Moreira, no respeito por opiniões que podem não coincidir exactamente com as nossas

PINTURAS PARA «A BRASILEIRA»

A secção portuguesa da Association Internationale des Critiques d'Art foi solicitada pelo intermediário na compra de onze quadros destinados a substituir as pinturas retiradas da «Brasileira do Chiado», para indicar os artistas actuais a quem esses quadros devam ser encomendados.

Uma comissão composta por Fernando Pernes, Francisco Bronze, José-Augusto França e Rui Mário Gonçalves elaborou uma lista de quinze nomes, aos quais foi atribuída, por sorteio, a seguinte ordem de prioridade: Manuel Baptista, Noronha da Costa, Palolo, Carlos Calvet, João Hogan, Eduardo Nery, Paula Rego, Nikias Skapinakis, Sá Nogueira, Joaquim Rodrigo, Fernando Azevedo, Menez, João Vieira, Vespeira e António Charrua.

Estão a ser estabelecidos contactos com estes artistas, pela ordem indicada, a fim de se conhecer as possibilidades que têm de satisfazerem as encomendas, dentro de curto prazo.

As prosas do O'Neill (Alexandre, português)

SÃO «as primeiras prosas de um poeta» e aqui, neste Suplemento, foram muitas delas publicadas. Os nossos leitores conhecem-nas de gosto e gozo — mas porque então dispersas e irregulares na saída, permitem agora, reunidas sob o título comum de *As andorinhas não têm restaurante* (ed. Dom Quixote, n.º 7 dos «Cadernos de Literatura»), uma leitura mais lenta, metódica e saborosa.

Reinventar o português como O'Neill o faz, com tal recorte e som, chispa e chiste, é caso raro em prosa (ou poesia, sua gémea) de hoje. Leia-se, por exemplo, essa maravilha chamada «É proibido o Macê» e ver-se-á como o português, escrito assim, é de facto língua bonita — e elástica e imaginosa.

Da ironia de O'Neill, já se tem dito. Menos do lirismo magoado, da consciência dramática que o escarnho cobre. E mesmo aqui, nestas croniquetas (de circunstância?), quase coisinhas frívolas, fúteis *divertimentos* (atenção: a palavra é grave!) muito se descobre de um O'Neill menos faceto, de um O'Neill apaixonado não apenas da linguagem e dos seus malabarismos mas da comédia humana que lhe é dado observar e viver ele próprio, sob a máscara do riso cáustico (ou cândido), no jogo minuciosamente elaborado de sentimentos e situações, na reserva do pudor, no escrúpulo (esse sim, anti-espectacular) de uma sensibilidade tanto mais ferida quanto mais lúcida e generosa.

Também de O'Neill se pode dizer que *o poeta é* um fingidor. As prosas de *As andorinhas não têm restaurante* (título exótico mas de gosto, quanto a nós, duvidoso) o comprovam: eis um *fingimento* por vezes singularmente agudo e verdadeiro — e eis um português tão firme e fresco que apetece *trincá-lo*.

EXPOSIÇÃO
Mobil
DE ARTE
e
CONCURSO
DE
DESIGN
PEGASUS

Lembramos...

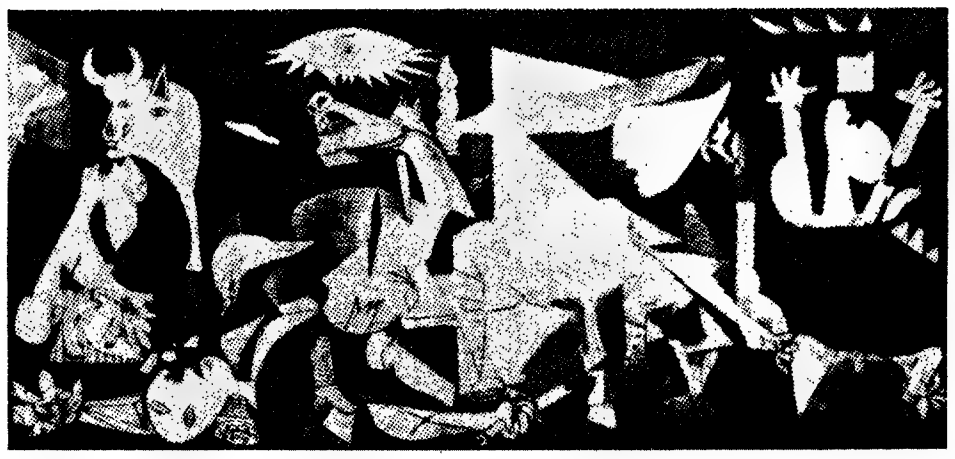
... a todos os artistas que os trabalhos destinados a estas duas iniciativas da MOBIL devem ser entregues de 1 a 15 de Outubro na sua futura sede — Rua Castilho 151, em Lisboa — das 17 às 19,30 h (dias úteis).

Pedidos de "Regulamentos", "Boletins de Inscrição" e Informações Complementares:

Mobil Oil Portuguesa
Dept.º de Relações Públicas
R. de Horta Seca, 15 — Lisboa-2
Telefone 3 01 85

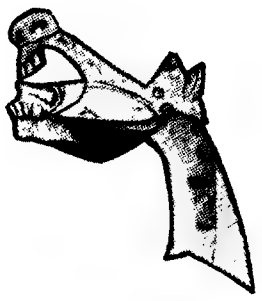
INTEGRAÇÃO INTERVENÇÃO

por Rocha de Sousa



NUMA HORA de compromisssos, de esperanças e de temores, o destino da arte continua, mais do que nunca, projectado no próprio destino do homem. Os artistas reflectem a difícil experiência do mundo contemporâneo e, a despeito da pretendida universalidade da arte que praticam (ou produzem) dividem-se por objectivos dissemelhantes senão opostos. Os *modos* de expressão aproximam vertiginosamente os géneros uns dos outros — e, num outro plano, quase os identificam com a oportunidade das *modas*. Os actos dilatam-se pela medida das transformações actuais, envolvendo por vezes uma consciência dramática da crise em que se geram. Recuperando a identificação dos seus dados intrínsecos, a arte logrou redefinir a sua viagem poética e o sentido da sua autonomia. Na ausência de uma frente ideológica em que pudesse apoiar-se, ou através da qual se deixasse comandar, a criação artística pluralizou-se ao longo de vias que lhe permitiram contrair-se sobre si própria, interrogar-se e contestar-se, ora assumindo a consciência exclusiva da linguagem nos seus movimentos de construção, ora enfrentando as alternativas do discurso e da intervenção num mundo contraditório.

Esse mundo — para enfrentarmos a questão do objecto de arte — coloca-nos perante certas perplexidades fundamentais que subsistem á exagerada convicção dos que defendem a pura experiência desenraizada e assignificante. Deveremos, com efeito, persistir no projecto solitário que conduz ao *objecto estético* integrado ou preferir uma vivência de tipo colectivo que seja capaz de reformular a experiência artística em novos termos de intervenção e de apropriação do mundo? Deveremos apenas aceitar que a arte se corresponda com uma forma de produção de objectos (cada vez mais) consumíveis, num sedutor e ilusório sentido democratizante, ou deveremos pretender que ela recupere, pela permanente revolução das formas, a consciência do mundo exterior e a força moral de uma representação aberta e comunicante?



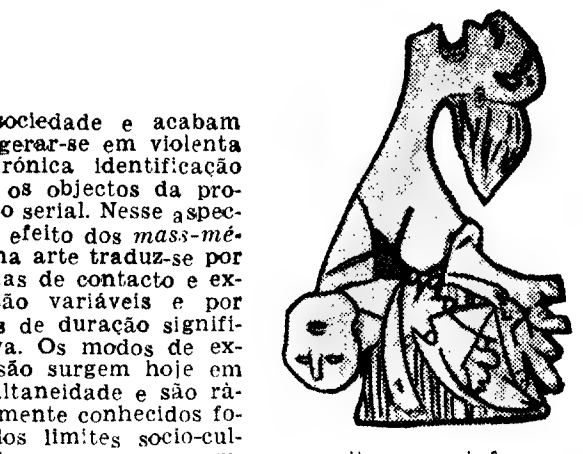
ASSIMILAÇÃO DAS AGRESSIVIDADES ESTÉTICAS

No domínio das artes, quase tudo está presentemente em reformulação. Certas pesquisas de maior importância nem chegam a aflorar a parte mais rica e profunda daquilo que desvendam. A época é efectivamente de pressa e desperdício: há imensas portas por abrir, apesar do tempo se encarregar de nos esclarecer que comunicam umas com as outras. Aos artistas de hoje põe-se, mais do que nunca, o problema da escolha. É ainda o problema de se saber, no silêncio ou no desespero, qual é a porta que assegura, antes de tudo, a conservação da dignidade — não tanto a dignidade que conduz ao reconhecimento histórico, mas a que permite a salvação num destino comum. A chamada *anti-arte* é talvez uma forma *ingénua* de renuncia ao esteticismo que a história poderá rotular e perpetuar, é talvez a preferência por um caminho de polémica desesperada, diante de um horizonte cada vez mais opaco e sombrio. Mas é assumida, no fim de contas, pelas vias de um novo esteticismo pobre na densidade provocatória, o bastante pelo menos para que as correntes mercantis das sociedades ditas de consumo se apropriem do seu corpo, divinizando-o a breve trecho como reflexo de uma visão apesar de tudo contemporânea e perfeitamente assimilável. Reconhece-se que não se pode segregar o artista aos imperativos da sobrevivência, o que pressupõe a circulação dos valores económicos implícitos no seu trabalho mas tem de se acrescentar que esse tipo de relação deve decorrer de esquemas que preservem o criador e a obra de destinos iníquos.

Do ponto de vista político referência que hoje se está retomando, as acções significantes diluem-se na exiguidade numérica. A arte, enquanto forma de apropriação do real, processo de civilização e realidade independente, desvincula-se dos imperativos que a determinaram ao longo de certas épocas históricas e, sob a capa de uma autonomia arduamente conquistada, contorna as actuais incandescências e deixa-se cortejar pelas solicitações sobretudo comerciais ou aristocratizantes com que a sua circulação ainda é promovida. As agressividades de circunstância (e até as de mais longo alcance) tornam-se rápidamente «folclóricas», são transformadas pela máquina de produção ou acabam propostas á curiosidade museológica. As bases provocatórias e destruidoras de Duchamp entram assim, elas também, no processo aparente de uma cultura *já feita* e as ramificações ulteriores do niilismo *dada* transformam-se em medidas inócuas para conter as crises actuais, que persistem lateralmente ao processo artístico enquanto a vanguarda acaba sofisticada nos próprios termos da sua luta e da sua razão de ser.

EXPERIÊNCIA URBANA, AUTONOMIA OU INTERVENÇÃO

A evolução da arte actual demonstra que os artistas (pela própria sociedade) consomem ràpidamente as proposições da sua experiência. Os sistemas de representação não sofrem apenas a interferência desse constante abandono de fórmulas: são eles próprios contestados por inteiro através de intervenções (ou de actos) que desmistificam e desmitificam a *permanência* das obras construídas à sua sombra. Em muitos casos, essas obras são apeadas de uma condição singular no horizonte espiritual da sociedade e acabam por gerar-se em violenta ou irónica identificação com os objectos da produção serial. Nesse aspecto, o efeito dos *mass-média* na arte traduz-se por formas de contacto e expansão variáveis e por vezes de duração significativa. Os modos de expressão surgem hoje em simultaneidade e são ràpidamente conhecidos fora dos limites socio-culturais em que se geram. A arte mistura-se no quotidiano e aparece cada vez mais integrada na própria aparência das coisas, não para a julgar, louvar ou condenar, mas para se assumir nela ou por intermédio dela. A resistência de muitos artistas a esse tipo de integração, que começa na *aparência* plástica, resume-se a casos isolados, os quais dificilmente podem ser considerados como abertura de um novo *estatuto* capaz de envolver a acção criadora em oposição aos regimes de mercado instituídos ou numa tentativa de refazer as relações de produção e consumo na verdade indispensáveis à continuidade do trabalho.



Essa via acusa muita timidez quanto à expressão dos problemas que afectam a vida do homem dos nossos dias: embora os artistas não tenham perdido a consciência desses problemas, reflectindo uma agitação que de certo modo os envolve, acabam por limitá-los institiva ou deliberadamente (quantas vezes em nome da autonomia da arte) no campo do seu compromisso de expressão. Autonomia em relação a quê ou a que? A outros sistemas de representação e de expressão ou à linha ideológica dos conceitos que informam o próprio regime social instituído? O mérito dessa autonomia reside apenas na criação de um sistema de formas que se subtraem à realidade envolvente ou pode medir-se também numa obra que procure apropriar-se criticamente das aparências do mundo real, sem trair a sua estrutura interna?

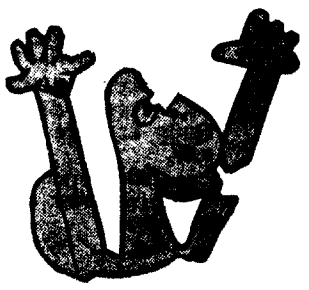
É evidente que o problema da autonomia, colocado desta forma, está ultrapassado: o artista afasta-se cada vez mais da noção de limite (desde o plano técnico ao da participação nos actos da vida comunitária) e o seu modo de operar oferece-se multifacetado e potencialmente muito rico, atingindo por vezes (no teatro ou no cinema, por exemplo) formas de afirmação indeclinàvelmente interventoras no domínio político-social.

A vivência urbana, que se faz sentir particularmente nas artes plásticas, constitui, por assim dizer, o factor mais decisivo na formação de uma linguagem politizada ao nível desse tipo de criação. Òbviamente, não se trata aqui de eleger ao plano do preferível as fórmulas ilustrativas em torno de ideologias existentes: antes se pretende considerar a arte, na sua manifestação urbana e com todo o peso das aprendizagens até hoje desenvolvidas, um campo de acção e conhecimento que no real se gera e ao real se dirige. Não se trata, em suma, de condenar uma distribuição democrática do objecto artístico, a sua presença na vida quotidiana ou aquilo a que poderemos chamar a *descida à rua*; é que, de facto, não importa saber como.

DESTINO DAS OPÇÕES, INTEGRAÇÃO OU INTERVENÇÃO

A arte corresponde a um acto que se condensa num corpo físico — o corpo da obra — ou o acto torna-se ele próprio nesse corpo. Aí se relacio-

Cont. na pág. 6



AUTORES de HOJE

António Paizana

Iniciou-se, em 1960, no atelier de Álvaro Duarte de Almeida. Interessado no Surrealismo, participou entretanto numa exposição de poesia ilustrada na Faculdade de Letras de Lisboa. Fez parte do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e frequentou o Curso de Formação Artística da Sociedade Nacional de Belas Artes.

Principais exposições em que participou: 1966: «Exposição 14 pintores», em Coimbra. 1967: expõe em conjunto com A. Ferraz. Participou no Salão de Arte Moderna da Costa do Sol. 1968: nova exposição de equipa com A. Ferraz, em Coimbra e em Lisboa. 1969: participação numa exposição colectiva na Galeria Quadrante, com jovens autores. 1970: exposição de equipa com A. Ferraz, na Galeria Quadrante, Lisboa.

António Paizana ingressou em 1969 na «École National Suprieure d'Architecture et des Arts Visuels», La Chambre, Bruxelas.

A obra deste autor tem-se desenvolvido sobretudo ao nível de um experimentalismo que visa repor os problemas da visão em novos termos e bem assim os da participação do próprio espectador no processo que o acto criador implica e prolonga. Os seus trabalhos acusam, assim, uma clara propensão didáctica, que é a sua forma de afirmação, e preferem um tipo de funcionamento que ao lúdico se dirige. Abandonando declaradmente o esteticismo comum, esses trabalhos atingem o domínio do objecto, mas em termos de eficácia e não de tratamento ou envolvimento.

LOVE STORY

BEST SELLER Nº 1

UM JOVEM americano de 33 anos escreve uma «Dama das Camélias» em estilo pop (sem droga nem sexo) e põe, para já, um quarto da população dos E. U. A. a fungar de comoção.

O livro está instalado há trinta e tal semanas na lista dos «best seller» da «New York Times Book Review». Publicado em Fevereiro pela «Harper and Row», venderam-se num ai 300 000 exemplares. Não é tudo, nesta escalada da promoção (comercial) do produto: quatro clubes do livro (Literary Guild, Book of the Month, Reader's Digest, Bargain Club) compraram os direitos de publicação e distribuiram mais uns bons milhares de «paperbacks». A somar: no corrente mês de Outubro, a tiragem inicial da edição de bolso (processada pela New American Library) cifra-se em quatro milhões de exemplares! Milhões a mais ou a menos, acrescentem-se os dez milhões de leitoras do magazine «Ladies Home Journal», que igualmente tiveram de recorrer ao lencinho, dado o embate emocional da história.

Já há filme, claro — o próprio autor (que foi co-responsável do «script» de *Yellow Submarine*) controlando o argumento. E traduções: em França (com enorme sucesso de venda) e em breve em «todo o mundo culto». Enfim: o «best seller» dos «best sellers», edição 1970.

Muita tinta a correr. Psicólogos, sociólogos, linguistas, críticos, jornalistas debruçando-se sobre o fenómeno, ajudando à festa.

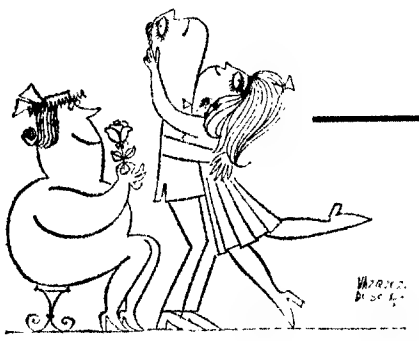
O autor de um tal êxito literário ($) chama-se Erich Segal, tem, já se disse, 33 anos, foi estudante e depois professor em Harvard, ensina há seis anos os clássicos e a literatura comparada na Universidade de Yale. Publicou, antes de *Love Story*, dois livros eruditos: *Euripides: a collection of critical essayes* e *Roman Laughter*, um estudo dos costumes dos Romanos do séc. III baseado nas comédias de *Plauto*, além de uma tradução, de 400 páginas, *Plautus three comedies*. Prepara um novo livro: *The death of comedy*, ensaio sobre aquele género de literatura dramática, de Aristófanes a Beckett.

Além de professor, literato e argumentista de cinema, Segal é também atleta (campeão universitário da maratona em 1966, corre 15 quilómetros todas as manhãs), poliglota, compositor, actor e o mais que a realidade e a imaginação dos polígrafos dele queiram fazer. Uma espécie de Bardot do papel impresso.

Todo este ruído e todo este proveito assentam finalmente em quê? — Na seguinte história (de amor): dois jovens estudantes amam-se e casam-se; ela é pobre e ele é filho-família, nomeadamente de um pai muito rico que contraria o casamento mas sai vencido e de relações cortadas com o herdeiro; vive o casalinho três anos numa doce felicidade, trabalhando ela para o sustento de ambos; ele termina entretanto o curso de Direito e não tem dificuldade em encontrar logo uma importante situação na vida; corre tudo às mil maravilhas, aguardam mesmo a chegada de uma bambino quando ela (oh! azar dos Távoras...) morre de leucemia; para afogar o desgosto, o herdeiro regressa então aos braços do papá. Fim.

Como se deixa escrito, uma anedota trivial. Contudo (e segundo a crítica) excelentemente carpinteirada.

Para um *dossier* do sucesso literário do ano (que bateu aos pontos *Portnoy*, de Philip Roth — ver artigo de José Váz Pereira no *SL* de 20 de Agosto passado) oferecemos aos leitores uma entrevista com Segal publicada na «Quinzaine Littéraire» (n.º 102, de 16 a 30 de Setembro) e, bem assim, uma recolha de alguns comentários críticos surgidos na Imprensa.



SEGAL: «o amor dos jovens é assim...»

— A que atribui o enorme sucesso de «Love Story»?

E. S. — É um livro honesto. Recebo centenas de cartas que dizem apenas: «É verdade. Obrigado». E telegramas também: «Será o sentimentalismo um sinal de velhice? Se é, então aos 23 anos sou um tipo muito velho. Obrigado por «Love Story». O amor entre os jovens é assim, em 1970. Os sentimentos entre um pai e um filho foram sempre assim. As enormes cifras de venda querem dizer que a juventude gosta de «Love Story».

— Como é que um tal sucesso «arrancou»?

E. S. — «Love Story» já tinha sido escolhido pelo Literary Guild (importante clube do livro), e o editor fazia já novas tiragens, depois das críticas favoráveis, quando me convidaram para uma emissão de TV, a «Today Show». O resultado foi imediato: á tarde, as livrarias não tinham nem um exemplar. Os críticos demonstraram o seu interesse por um autor que tinha arriscado tudo para ser bom. Ao escrevê-lo, não tive a impressão de arriscar. Mas eu não moro em Nova York e não faço parte dos cínicos literateiros. Criei uma espécie de bom sentimento. Os leitores choraram, sentiram alguma coisa e essa coisa era boa. Trata-se de uma história de profunda bondade humana — e isto é raro.

— Quando começou «Love Story», queria escrever um argumento ou um romance?

E. S. — **Comecei apenas com a ideia da morte duma jovem e escrevi o livro e o argumento simultaneamente. Recomecei 28 vezes o primeiro capítulo. As 28 versões encontram-se actualmente na Biblioteca de Harvard.**

— Porque é que logo na primeira linha anuncia que a heroína está morta?

E. S. — É o que faz o livro. De outra maneira, estaríamos perante um melodrama.

— E porquê todos esses «clichés»?

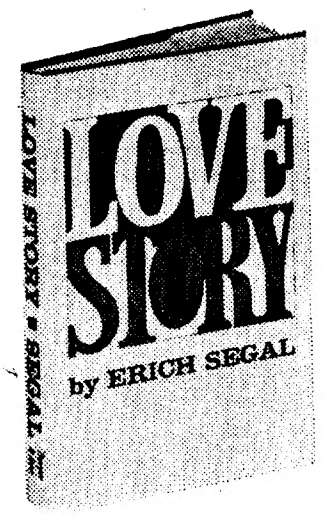
E. S. — Porque a unica coisa importante era a emoção e, para o resto, os «clichés» bastavam-me. Tudo é «cliché», absolutamente tudo, mas assim eu podia ir ao âmago da situação. Faço como a vanguarda, trabalho no sistema. Quando 25 000 pessoas vão a Washington com os seus cartazes, Nixon vê um desafio de futebol na televisão... Eu sou uma vedeta, posso falar. Trabalho como os meus estudantes para que o senador da minha escolha seja eleito e defenda as minhas ideias. Trabalho também no National Advisory Council of the Peace Corps, num grupo de quatro pessoas, com Neil Amstrong, o astronauta. Um dia recebi um telefonema da Casa Branca a pedir-me para participar nos Peace Corps. Respondi que era democrata, antiguerra e que não tinha votado por Nixon. «Sabemos tudo sobre você», responderam-me. Falei com Nixon diante dos jornalistas. É um espertalhão. E disse-me: «Mr. Segal, what Peace Corps needs is love». Respondi: «Mr. Nixon, what Love Court needs is Peace». Os meus estudantes ficaram encantados.

— Você é professor, argumentista, romancista, atleta, poliglota, compositor e actor nas horas livres; de cada vez, é um homem diferente?

E. S. — Sou sempre o mesmo. De outra forma estaria num asilo.

— Qual é o Erich Segal que prefere?

E. S. — A totalidade. Sou como um atleta de decatlo a quem se perguntaria se prefere o salto á vara ou o salto em comprimento. Sou um especialista da diversidade.



...E a crítica disse

«LE MONDE»: «Segal não é Boris Vian»

ACABA a América de nos dar uma réplica à *Espuma dos Dias*, de Boris Vian? Talvez, mas sem a espuma, sem o halo poético, a cintilação dos seus jogos sobre os símbolos e as palavras. Segal não é Boris Vian, mas possui talento e astúcia. O sucesso de *Love Story* nos Estados Unidos explica-se fàcilmente. Depois de tanta violência, de sexo, de frenesim, surge deleitável um pouco de água de rosas bem necessária em todo o caso para regar e fazer desabrochar a «flor azul» que o povo americano traz no coração.

Para mais, como Salinger há uns quinze anos, Segal oferece em duzentas páginas vivas e bem conduzidas um espelho no qual a sociedade americana pode reconhecer alguns dos seus arquétipos: o herói é um estudante de Havard, brilhante e apaixonado pelas competições desportivas, herdeiro duma destas dinastias W. A. S. P. (White Anglo-Saxon Protestant) da Nova Inglaterra. O pai representa o grande financeiro liberal e democrata. Quanto à heroína, filha de emigrantes cujas únicas riquezas são o calor humano, a vivacidade de espírito e um certo fervor religioso, encarna o «síndroma ítalo-mediterrânico».

Um quadro da vida na universidade mais snob dos Estados Unidos — a que forma os «super-super cérebros» — é esboçado em toda a sua atmosfera, as suas tradições, manias e linguagem.

Nada falta a esta pintura dos costumes actuais; nem a curiosa cerimónia do casamento nova-moda, em que os jovens, para se administrarem o sacramento, recitam cada qual um poema de sua escolha ou autoria nem o inevitável conflito entre as gerações, embora sem aspereza e resolvendo-se pela ternura.

A história é conduzida com uma extraordinária rapidez. Nada lhe faz atrasar o curso. Nenhuma descrição, mesmo dos heróis. A América está enamorada de uma rapariga de que desconhece se é loura ou morena. É bela, tem uns lindos olhos — e é tudo. Os graves problemas sobre os quais tantos outros fazem os livros, são evocados numa simples frase. Eis um exemplo, para o anti-semitismo: *Aquele que afirma que isto não muda nada* (ser judeu), *não passa de um reles malandro. A* mesma retenção no drama final, que por isso mesmo se torna mais pungente. Até ao fim, reiam a naturalidade, a espontaneidade, o humor, um humor ora mordente ora cómico (*«Aí a meio do segundo período, batemos Darmouth por O a O»*), e um juvenil ardor de linguagem que mais não é que uma das máscaras do pudor.

Neste «understatement», mistura tipicamente anglo-saxónica de sobriedade, de discreção e de eufemismo, reside o encanto de *Love Story*. A ternura faz o resto e, vamos mais longe, a justeza do toque emocional. Estes adolescentes cheios de frescura e estes bons sentimentos parecem-nos mais verdadeiros que os heróis exasperados de tantas histórias frenéticas.

FRANÇOISE WAGENER

«L'EXPRESS»: «Uma literatura da maioria silenciosa»

Love Story consagra os valores tradicionais: a competição, os créditos de sucesso baseados no

dinheiro e na promoção social, a família, o sacramento do matrimónio, e até a evidência de um Deus que, a não ser muito católico, nem por isso é menos necessário e adorado.

À esquerda, denunciar-se-á o sucesso demonstrando còmodamente o paradoxo deste escândalo bem-pensante: *Love Story* tem o êxito dum livro pornográfico, diz-se, porque é efectivamente um livro politicamente obsceno. O romantismo dissimula uma restauração da literatura bem-pensante. É uma regressão. Após os retóricos do Nouveau Roman, após os nevrosados da angústia existencial, Erich Segal propõe uma literatura da maioria silenciosa.

JACQUES CABAU

«COMBAT»: «Um bom romance»

Love Story não é um grande livro. Não tem, aliás, a ambição disso. Mas é um bom romance: pela concisão aguda, a

Cont. na pág. 7

O amor americano... visto por Liechenstein

prontuário das letras

Sobre alguns poetas

Não fica mal se começarmos este Prontuário com algumas notícias sobre poesia. Antes de mais assinala-se o recomeço da publicação (oxalá se torne regular) do Cancioneiro Vértice, onde tinham saído desde 1963 volumes de Fernando Assis Pacheco, Manuel Alegre, José Carlos de Vasconcelos, Joaquim Namorado e João José Cochofel — demasiado pouco para tão dilatado período de tempo. O recomeço traz a assinatura do jovem Rui Namorado: *«Maio ausente»*. Poeta dos anos 60, sucedeu-lhe o mesmo que a Luísa Ducla Soares: publicar o seu livro de estreia com sensível atraso. Neste mesmo número, o Suplemento Literário D. L. lhe dedica uma nota crítica.

De Tomar vieram mais dois números da colecção Nova Realidade: *«Boletim meteorológico»*, de César Pratas, e *«Poesia amordaçada — 1 (Cânticos a Pablo)»*, de José Ferreira Monte. Deste último anunciam-se os volumes 2, 3 e 4 da mesma série, enquanto César Pratas, de quem lemos colaboração na revista francesa *«Périmètre»*, menciona na bibliografia um livro, *«Tratado de geometria no espaço»*, datado de 1964 mas inédito.

Enfim o angolano Eleutério Sanches, salvo erro irmão da cantora Lily Tchiumba e ele próprio intérprete de toadas africanas, deu-nos *«Tuque-tuque de batuque»*, título pouco feliz que esconde um poeta voltado para temas do quotidiano luandense.

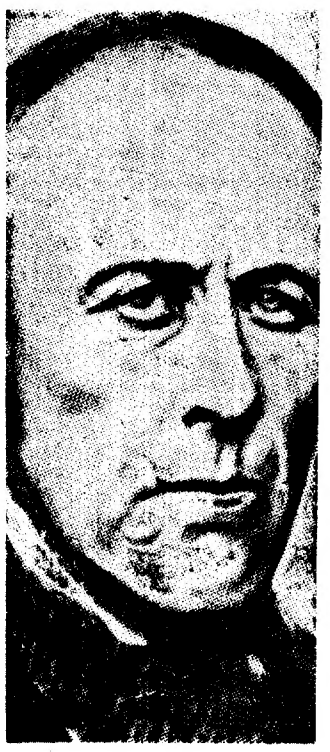
Prista Monteiro

Médico e dramaturgo, Hélder Prista Monteiro viu saída do prelo (e em edição da Prelo) uma parcela da sua obra. Três peças deste autor a que Urbano Tavares Rodrigues chamou «entre nós (...) o mais legítimo representante da dramaturgia do absurdo: *«A rabeca»*, *«O meio da ponte»* e «O anfiteatro». Estamos a recordar-nos de que há anos o CITAC encenou *«A rabeca»*, e depois disso o nome de Prista Monteiro não caiu no esquecimento. Mas faltavam mais textos em letra de forma: ei-los no escaparate.

Outros lançamentos

Num registo forçosamente rápido damos conta de outros lançamentos recentes:

BERTRAND — *«O pároco de aldeia»* e *«O Galego»*, de Alexandre Herculano, primeiro volume das Obras Completas, prefaciado e revisto por Vitorino Nemésio, com verificação do

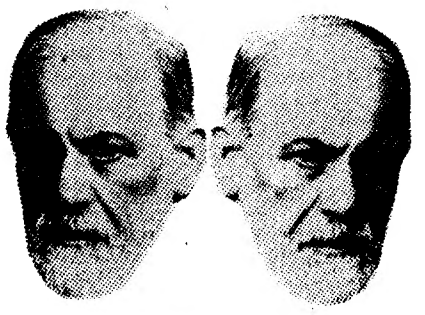


Herculano: finalmente, as «Obras Completas»

texto e notas de Maria Petronila Limeira; *«Os Sete dias da Criação»*, de F. L. Boschke (Col. Enigmas de Todos os Tempos); *Os últimos dias de Mussolini»*, de Peter Whittle (col. Documentos de Todos os Tempos); e ainda mais um Verne.

LIVROS DO BRASIL — Além de outros volumes a que já fizemos referência, nomeadamente *«Lendas de Santos»*, de Eça de Queirós, temos um bom exemplo da nova ficção científica: *«Utopia 14»*, de Kurt Vonnegut Jr., na colecção Argonauta. Vonnegut Jr. foi até hoje o único autor da especialidade indigitado para o Prémio Pulitzer.

MORAES EDITORES — Um estudo do fundamental: *«O pensamento de Freud»*, de Edgar Pesch



Freud: fundamental

EUROPA - AMÉRICA — Igualmente fundamental: *«O dossier negro da ditadura grega»*, com muitas reminiscências (para quem viu) do famoso «Z» de Vassilikos - Gravas. E o 5.º volume de *«O romance do nosso meio século»*.

EDITORIAL NOTÍCIAS — *«O Porsche Amarelo»*, de Paul Gérard. À beira do romance policial. Narrativa (aliás) cheia de agilidade e «métier».

ATLÂNTIDA EDITORA — *«Três momentos na lírica portuguesa»*, de Firmino Crespo. Os três momentos são a tradição lírica trovadoresca Cristóvão Falcão e José Régio.

CIVILIZAÇÃO EDITORA — Na Colecção de Hoje a versão portuguesa de «Creezy», de Félicien Marceau, que valeu ao autor o Goncourt do ano passado.

«Peregrinação»-70

Jaime Ramalhete Neves prepara para a início uma edição da «Peregrinação» de Fernão Mendes Pinto com a ortografia actualizada. Trabalho minucioso este do professor da Escola Pedro de Santarém, e que talvez contribua para muito boa gente finalmente descobrir um dos mais apaixonantes escritores da língua portuguesa.

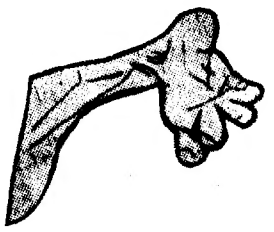
Arquivo

«Nos poetas, principalmente, talvez porque os conheço melhor, tenho observado uma autêntica poesia de furar barreiras. Regressei há pouco de uma viagem à Europa. Estive algum tempo em Lisboa e contactei com alguns poetas de vanguarda. Senti que eles estavam tentando chegar à rua, a exemplo daqueles livros de poemas que os estudantes em férias vendem, deambulando pelas ruas de Paris. Sim, a jovem poesia está tentando chegar à rua... poesia do quotidiano para quem tiver ouvidos para ouvir, poesia das *raias* e das *lulas* que o Zé não tem dinheiro para comprar, gritada por Ary dos Santos» «Yolanda Morazo, poetisa cabo-verdiana radicada em Angola, ao jornal *«A palavra»*, Luanda, 24-7-1970).

INTEGRAÇÃO / INTERVENÇÃO

Cont. da pág. 3

nam os dados expressivos que pressupõem um todo organizado e uma forma de comunicação. São esses os meios afirmativos do artista e é através deles que esse artista poderá desenvolver um modo mais ou menos incisivo de intervenção no meio, aí comprometendo a consciência dos homens. No entanto grande parte das obras que têm assaltado as bienais internacionais mostram-se sobretudo construídas em ordem a uma aparência insólita, premeditando uma agressão de tipo visual ou lúdico, e só muito indirectamente reflectindo as questões vitais das sociedades contemporâneas. Apesar do inegável esplendor de muitas dessas produções, da sua capacidade de espectáculo e de perturbação, elas estão longe, em geral, de satisfazer a própria consciência do artista em face das crises com que se confronta quotidianamente. Dividido entre a necessidade *técnica* de integrar-se no mundo em que vive e a urgência moral de não aceder a um «contrôle» alienante, o artista actual enfrenta cada vez com maior in-



quietação o dever de redefinir o seu papel social, a extensão do seu significablema da autonomia, cado e da sua eficácia, integrando-se de preferência num processo histórico em que seja simultâneamente testemunha e personagem.

Reafirma-se aí o problema do *como*, porque, para além de todas as especulações, o artista sabe que estão em vias de se esgotar todas as simples contestações das fórmulas, das gramáticas breves, dos sistemas de representação praticados. Ele sabe, com efeito, que o problema se transfere para o domínio da colectividade, prevendo a participação de todos no mesmo processo de conhecimento, sobretudo pela apropriação do real numa linha de pluralidade crítica. Apesar de algumas experiências já esboçarem uma acção estridente por essa via (de que o *happening* pode constituir um exemplo), muitos artistas desesperam de encontrar nos meios habitualmente praticados uma forma de afirmação satisfatória para os seus anseios de participação nas reivindicações e esperanças colectivas. Utilizam por isso outros tipos de intervenção, demitindo-se por vezes do próprio processo artístico.

A arte atige assim o limiar de um grave impasse — ou se circunscreve ao jogo dos consumos que a absorvem para o plano recreativo, mesmo de natureza bizarra ou se subtrai a esse comportamento na maior medida possível reunindo a força da aprendizagem deste século numa conjugação de factores verdadeiramente crítica e interventora. Fora desse esforço de consciência que poderemos considerar (digamos assim) salvador, os artistas serão talvez dos primeiros intérpretes de uma decadência que terá de ser superada sem o seu contributo imediato. Serão agentes comandados de perto ou de longe, pela engrenagem dos interesses, dos hábitos e de uma visão sediça, desfrutada numa cadeia alienatória de meros dados de consumo. As vanguardas serão voltadas do avesso e o futuro poderá acusá-las, na sua medida mais lata e ao contrário do que hoje nos parece, de não terem contribuido para uma viragem positiva da história. Assim, a liberdade surpreendente de que os artistas desfrutam nos nossos dias, consagrando-se pela simples florescência do insólito, ou de um experimentalismo sempre a adiar decisões, poderá ser lida como o fruto da imprecisão dos objectivos ou o resultado de uma cândida irresponsabilidade, embalada no celofane vistoso do «último grito».

ROCHA DE SOUSA

Papel Bond é papel de carta para agente secreto?

Não! Papel Bond é um tipo de papel existente na maioria dos escritórios, grandes ou pequenos.

E assim a nossa história nada teria de especial, se não fosse o facto das máquinas RANK XEROX* fazerem cópias e duplicados neste tipo de papel, o que é decerto uma vantagem de peso.

Na verdade, as máquinas RANK XEROX põem ponto final no tempo e dinheiro perdidos na compra de papel sensibilizado, execução de matrizes, tintas, banhos reveladores e papel gasto em acertos.

Pois connosco, nada de papéis sensibilizados.

Qualquer Bond de 80 gramas nos serve.

Ao serviço secreto de Sua Majestade o Cliente, sempre com papel Bond!

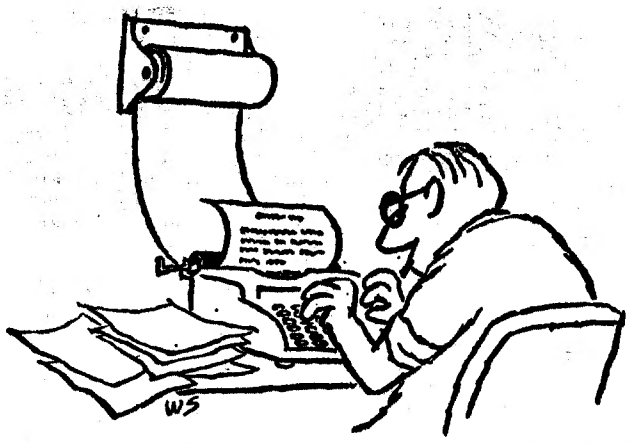
* RANK, XEROX e XEROX são marcas registadas da Rank Xerox Limited.

RANK XEROX

PIANOS
VERTICAIS
E DE CAUDA
ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM
DE CARVALHO
Comércio e Industria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova de Almada, 99 — LISBOA

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto
ANIBAL GRAVADOR
A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada, 64
LISBOA



POESIA & NÃO

FIRMINO CRESPO
Três momentos na lírica portuguesa
Atlântida Editora
— Coimbra — 1970

REUNIÃO em volume de alguns ensaios dispersos do autor: *Tradição lírica trovadoresca; Cristóvão Falcão e José Régio.*

O primeiro ensaio, e também o mais extenso e o que melhor procura fundamentar-se, pretende fornecer-nos uma panorâmica da poesia lírica trovadoresca e relacioná-la historicamente. O segundo fala-nos de Cristóvão Falcão e da discutida écloga *Crisfal* que, em 1908, Delfim Guimarães atribuía à autoria de Bernardim Ribeiro.

Quanto aos ensaios finais sobre Régio e, concretamente, sobre *Cântico Suspenso*, parecem-nos perfeitamente deslocados em relação aos temas anteriores, além de o livro perder uma possível unidade, a própria fundamentação deste último ensaio (reunião de dois pequenos textos publicados no jornal *A Capital*) parece-nos sem dúvida menos cuidada.

MAIO AUSENTE
Poemas de
Rui Namorado
Cancioneiro
«Vértice»
Coimbra — 1970

UM MAIO tão ausente como a poesia, neste livro de Rui Namorado.

Ao lermos este tipo de livros, com uma atenção que é mais nossa do que suscitada por eles, o que nos fica é a sensação de que os poemas que neles se inscrevem nada têm a ver connosco nem com a própria poesia. Uma distância — que é também um silêncio — separa-nos destas inábeis construções:

Palácios vestiram ouro
As caravelas partiram
Um rio de mel fluia
perto do povo em geral

Para além daquilo que pretende expressar eis um livro que apenas fala do seu autor e irremediàvelmente o representa a ele.

N. M.

Pinheiro Torres em disco

COM «ILHA DO DESTERRO» (poemas extraídos do livro homónimo), de Alexandre Pinheiro Torres, nosso prezado colaborador a Orfeu reata uma tradição no editar de discos de poesia, actividade que há meia dúzia de anos iniciou em Portugal. Assim, «Ilha do Desterro» será o n.º 1 da Colecção Orfeu — Tempo de Poesia. *O autor de «Poesia: Programa para o concreto» gravará nos estudios da Pye, em Inglaterra, onde se encontra radicado, exercendo a docência na Universidade de Cardiff.*

Os próximos discos compreenderão poemas de José Régio, Sophia de Mello Breyner Andresen, Eugénio de Andrade, Daniel Filipe, Miguel Torga, Luís Veiga Leitão, Egito Gonçalves, entre outros. Algumas destas gravações foram editadas anteriormente em 25 centímetros, tendo sido seleccionados alguns textos para esta colecção, que é de acetatos de 17 cm. «Orfeu — Tempo de Poesia» incluirá ainda novos poetas.

«Love Story»: a crítica

Cont. da pág. 5

sobriedade, a frescura e a sinceridade do tom, pelo seu hábil equilíbrio entre a ironia e a emoção verdadeira, sabe prender-nos, e convence-nos longe de toda a ênfase, de toda a pose, pela unica força do natural e duma estimulante e juvenil franqueza.

PIERRE KIRIA

«PARIS MATCH»: «As coisas da vida»

Um romance conciso, denso, divertido e subvertor. As coisas da vida, incluindo a morte.

«LE PARISIEN»: «Audacioso e puro»

Erich Segal: *Love Story*, vocês hão-de gostar dela... até às lágrimas. A beleza do livro atinge a das tragédias gregas. *Love Story* é uma maravilha de audácia e de pureza. O livro é audacioso porque vai contra a corrente actual e puro porque o amor encontra nele o seu verdadeiro lugar e se torna sagrado.

CHRISTINE ARNOTHY

«LE NOUVEL OBSERVATEUR»: «Fernando Namora... um exemplo entre mil...»

A receita é bem conhecida, foi sempre usada, e por todo o lado, com um êxito jamais desmentido. (...) O que, em matéria de literatura, eu chamo «a complacência» é esta ausência de distância entre o autor e o assunto que aproxima um escritor sinório de um público medíocre.

(...) Claro, estas coisas acontecem. Não se escrevem ou escrevem-se de outra maneira. Estou a pensar, por exemplo, em Fernando Namora, estimável autor português que, em *Domingo à Tarde*, nos vibrou, aqui há alguns anos, o golpe sempre cruel da jovem leucémica. Que distância! E é um exemplo entre mil.

JEAN FREUSTRIE

TAP

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES, SARL

CONCESSIONÁRIA DO ESTADO

CAPITAL — 550.000.000$00

SEDE — LISBOA

ESCRITÓRIOS — RUA DO CONDE DE REDONDO, 79

2.º AUMENTO DE CAPITAL

2. PRESTAÇÃO

AVISO

Avisam-se os Senhores Subscritores que tenham optado pela liquidação das acções subscritas, em duas prestações, que devem efectuar o pagamento correspondente à 2.ª prestação — 750$00 por acção — durante o período de 12/10/70 a 19/10/70 nos estabelecimentos de crédito em que efectuaram a respectiva subscrição.

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES
O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
a) ALFREDO DE QUEIROZ RIBEIRO VAZ PINTO

APRENDA INGLES EM INGLATERRA

Entre 3 a 9 semanas num bom colégio inglês e alojando-se em casa de famílias inglesas. O colégio lhe fornecerá, além do curso, todas as facilidades desportivas, sociais e culturais que necessitar

DESDE 8.180$00

Incluindo passagem aérea de ida e volta, estadia em quarto individual, refeições, excursões e visitas de interesse geral, além do curso de inglês com diploma

SE JÁ SABE INGLES «BRUSH UP YOUR ENGLISH»

INSCRIÇÕES NA AGÊNCIA DE VIAGENS

CAPRISTANOS TURISMO, LDA.
Av. Duque de Loulé, 47 A TELEF. 560171

CONSULTE-NOS!

CURSOS TÉCNICOS AUDIO-VISUAIS
(diploma e assistência após cursos)

• TÉCNICA E CHEFIA DE VENDAS
(início dia 12 de Outubro)

• PUBLICIDADE E PROMOÇÃO DE VENDAS
(início dia 19 de Outubro)

• RELAÇÕES PÚBLICAS (básico)
(início dia 19 de Outubro)

Cursos intensivos em sessões práticas e audio-visuais (filmes sonoros), das 21 às 23 horas, sob coordenação de MANUEL ARIAS, director do «Centro Internacional de Marketing» e do «Centro de Aperfeiçoamento Técnico de Especialização Profissional».

INSCRIÇÕES (das 10 às 21 hs.): Rua Pascoal de Melo, 7, 2.º-Esq. (atrás da Cervejaria Portugália). Tel. 534719. Lisboa.

INSTITUTO DE LÍNGUAS DE ALGÉS

Rua dos Bombeiros Voluntários, 29, 2.º — ALGÉS
Telefone 21 49 10

INGLÊS — FRANCÊS — ALEMÃO
PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS

Das 10 às 12 horas e das 17 às 22 horas excepto sábado

Ponti • Lene

O PONTO MÁXIMO EM LÃ/POLIESTER PARA FATOS DE HOMEM
UM TECIDO Pontifice

Almada A SUDOESTE

por Sheppard de Macedo

ALGURES em Lisboa e no ano-limite de 1935, um ex-estudante de medicina, Dario Martins, e um pintor-dramaturgo José de Almada Negreiros, lançaram na roda das letras uma revista de vida efémera, *Sudoeste*, que os bibliófilos citam hoje na lista das raridades e que os estudiosos do modernismo português só raramente e de passagem parecem ter folheado

Almada, então na «fase peninsular» com as exposições de Madrid e com os trabalhos de decoração do Cine Barceló, Teatro Muñoz Seca, etc., trazia ainda o fôlego do polemista dos manifestos do modernismo e singrava em plena paixão do teatro. Mas estava-se no ano-limite de 1935, a poucos meses da guerra de Espanha, da Espanha que ele tanto visitava, e é sem dúvida significativo (e indispensável) reler os três números publicados de *Sudoeste* á luz dessa contingência histórica.

UM LONGO PENSAR

SUDOESTE era um projecto de longa gestação: «Quando há quinze anos tive a ideia do *Sudoeste*...», diz Almada na introdução do 2.º numero. Uma ideia marcada pelo individualismo da *Presença* e pelo tom antiprovinciano que se inspirava em Pessoa, pelo menos. Veio a público como caderno pessoal — *Cadernos de Almada Negreiros*, designava-se a publicação — mas no 3.º e ultimo numero surge como revista programada com todo o ideário do *Orpheu* reconstituído e renovado em colaborações inéditas dos apóstolos do modernismo, José Pacheco e Santa-Rita Pintor estão intimamente ligados ao empreendimento, Pessoa também: o numero abre com textos dele. E Sá Carneiro. E Régio, de quem se publica o 1.º inédito de *As Encruzilhadas de Deus*, «livro a aparecer em breve». De João Gaspar Simões. *Sudoeste* n.º 3, inclui um texto apologético — *Nós «A Presença»* — e um ensaio: *A Ordem e a Literatura*. De Carlos Queiroz, Saul Dias e do próprio Almada, poemas. Não há duvida, e está bem expresso no contexto ideológico da publicação: *Sudoeste* iria ser o novo órgão dos grandes modernistas. Di-lo Fernando Pessoa a abrir o 3.º numero com voz de arauto de boa nova: «*Orpheu* acabou. *Orpheu* continua»

ALMADA E A EUROPA

EM 1932, os jovens do *Orpheu* já tinham como se sabe, vencido a indiferença das muralhas intelectuais. Almada, com uma abundante aventura intelectual e artística, ao lançar os primeiros numeros de *Sudoeste*, recebeu amplo acolhimento da imprensa, em particular do *Diário de Lisboa* nos comentários de João de Barros Idem de *O Diabo*, do *Diário de Noticias* etc., e até de Dutra Faria, que o saudou em *O Fradique*. Só o *Bandarra*, ao que parece, se sobressaltou com o novo empreendimento — e Almada vem á carga acusando um tal M. M., articulista em desespero, com termos directos e penetrantes:

«O patriotismo de M. M. esforça-se tanto por Portugal que até lhe faz apagar os sobejos da geografia! O meu primeiro movimento ao saber, pela descoberta de M. M., que a Espanha estava sem futuro, foi o de mandar imediatamente os meus sentidos pêsames aos vinte e cinco milhões de espanhóis metropolitanos! E assim se lhes acaba com a raça!»

Pois, este é o ponto importante para se descortinar a posição de Almada nesse ano-limite de 1935 em que uma corrente da opinião afirmava, como M. M. no *Bandarra*, que a Espanha estava sem futuro. Num talentoso tão amigo como o autor de *A Engomadeira* e de *Portugal, Direcção Unica*, num polemista de tantos exibicionismos e num cidadão de tão vários e constantes aplausos, os dois primeiros numeros de *Sudoeste* (justamente aqueles que se responsabilizavam como «Cadernos de Almada Negreiros») podem levantar alguma ténue luz sobre a sua atitude perante os dias negros que se avizinhavam.

Todo o primeiro numero, e também o próprio titulo da publicação, têm como ponto de partida e desenvolvem em extensão uma ideia de Portugal no contexto geo-social da Europa. «Portugal no mapa da Europa» designa-se o primeiro artigo de Almada — e há naquele discorrer anárquico e aventuroso uma toada «poética» e de explanação simbólica que faz lembrar os velhos de *A Aguia* e os saudosistas do integralismo:

«Civilização ibérica, sim. Sempre.

«União ibérica, nunca.

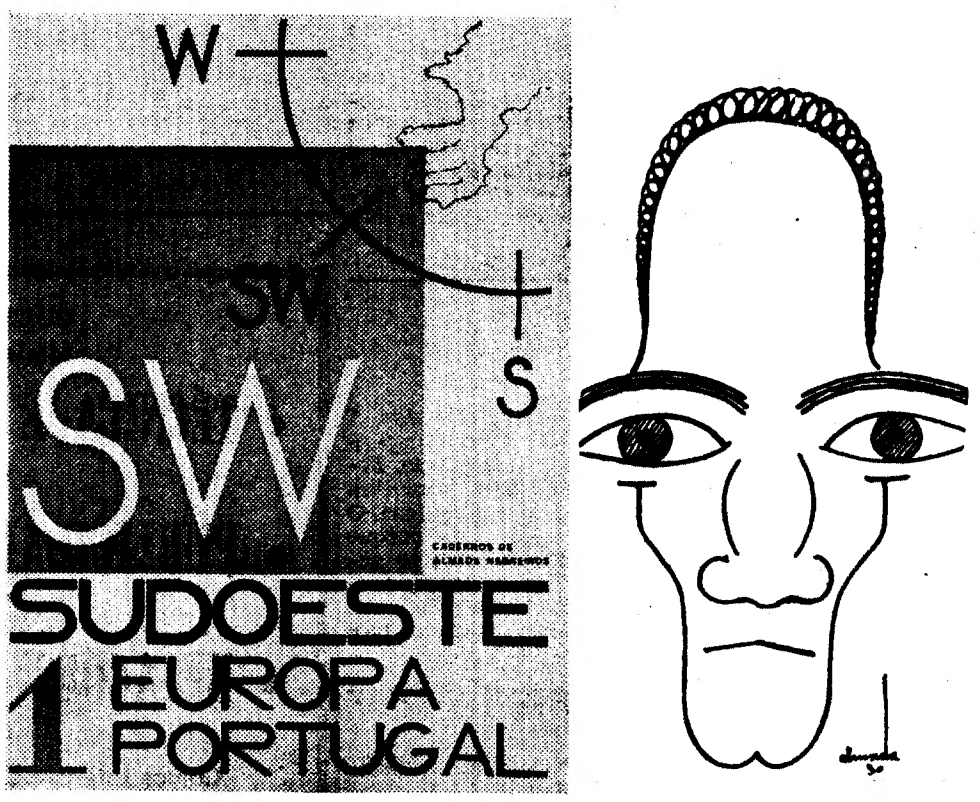
«Aljubarrota mais Toro igual a zero [...] A primeira parte da missão da civilização ibérica já foi cumprida: o império colonial português e o império colonial espanhol, a América Latina, e o sangue português e o sangue espanhol espalhados pelo mundo inteiro.»

E noutro capitulo («Colectividade Portuguesa»):

«A Cruz de Cristo, a esfera armilar, a caravela, a roda de Santa Catarina, o pelicano, a Imaculada Conceição, a coroa real e o barrete frígio são símbolos da História de Portugal. As quinas são o único sinal representativo de Portugal.»

AS REFERENCIAS DO TEMPO

1935 data do *Sudoeste*, marca as vésperas do hitlerismo e regista as primeiras ondas de controvérsia dos nacionalistas expansionistas. A revisão da mentalidade que Almada põe então nos seus escritos situa-se no plano internacional de maneira ousada e desconexa. Facilitada por argumentos simbolistas, como sempre, e por liberdades inconsistentes. Perante os fermentos da desordem que começam a acender-se em Espanha, ele parece apostado em preservar-nos á margem («a dualidade de Portugal e Espanha é afinal o segredo da vitalidade da península ibérica e da sua civilização. Cada português tem de ser mais português do que nunca em face do espanhol mais espanhol do que nunca...», escreve ele em a «Civilização Peninsular», *Sudoeste* n.º 1). Perante as teorias do expansionismo racista, que então se propagam pela Europa, as concepções de Almada parecem envolver uma crítica ao pangermanismo anti-semita quando diz a certo passo: «uma nacionalidade necessita de abranger no seu conjunto único a maior diversidade de caracteres humanos, respectivamente ao seu carácter comum e deduzido de entre todos [...] Uma raça de sangue não pode formar uma nacionalidade, pelo menos, uma nacionalidade que perdure através dos séculos. Exemplo: a raça judaica. É uma raça sem nacionalidade. Será sempre uma raça sem nacionalidade na Europa. Não cabem na Europa as autonomias de raça de sangue.»



Almada e «Sudoeste»: a poucos meses da guerra de Espanha, um Almada «peninsular» e uma aventura esparsa...

Vago, impreciso, como sempre, o ponto de vista de Almada. No entanto, se continuarmos a desfolhar *Sudoeste* as coisas aclaram-se (ou confundem-se ainda mais) quando encontramos este passo surpreendente: «Fascismo, comunismo, hitlerismo», escreve ele em *Mistica Colectiva*, «e qualquer outro nacionalismo, embora aparentem discórdia de politicas não serão o mesmo e único significado de cada caso particular europeu. Cada um destes regimes se fecha dentro das suas próprias fronteiras...»

Hoje, associamos irresistivelmente estas afirmações dos conhecidos argumentos do não-intervencionismo de Neville Chamberlain e ás contemporizações da conferência de Munich. Mas se continuarmos a leitura do artigo veremos uma nova associação no pensamento de Almada — a da divinização do *leader*, tão do gosto de Sardinha e dos teóricos do integralismo lusitano:

«Cada povo europeu actual há-de fazer ressuscitar do barbarismo da sua origem a mística colectiva da sua própria integração na terra-berço [...] A mística colectiva crê no chefe presente como vê no Deus seu privativo. A Alemanha ressuscitará a Arminius, a França a Vercingetorix, Portugal a Viriato.»

Sudoeste, aventura esparsa de Almada Negreiros vale, para além do mais, como um caderno de memórias em que se vislumbram — apenas se vislumbram — algumas linhas da personalidade do artista. No plano literário, porém, o valor documental é ultrapassado pela indiscutível riqueza das contribuições poéticas, sobretudo. Dario Martins, com o seu gosto intelectual e o seu companheirismo fraterno, possibilitou sem dúvida a renovação de um contacto do público com meia dúzia de escritores e artistas que são dos maiores da História da Cultura portuguesa. Almada também, evidentemente. Ao transformar os seus cadernos privados numa revista com nomes como os de Mário Eloy, Pessoa, Sá Carneiro, Mario Sáa, José Régio, Gaspar Simões, etc., ele procurou dar uma comunicação nova a um ideário estético que, nos seus escritos, surge demasiado ambiguo para ser acolhido com a veemência que propunha.

DL SUPLEMENTO LITERÁRIO

N.º 632 • 8 DE OUTUBRO • 1970